

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA**

O DISCURSO DA *SELFIE*: MEMÓRIA E CIRCULAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

**CÁCERES – MT
2018**

MARALINE APARECIDA SOARES

O DISCURSO DA *SELFIE*: MEMÓRIA E CIRCULAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da Profa. Dra. Silvia Regina Nunes.

CÁCERES - MT

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

S676o	SOARES, Maraline Aparecida . O Discurso da Selfie: Memória e Circulação nas Redes Sociais / Maraline Aparecida Soares - Cáceres, 2018. 113 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim) Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018. Orientador: Silvia Regina Nunes 1. Selfie. 2. . 3. Subjetividade. 4. . 5. Discurso. I. Maraline Aparecida Soares. II. O Discurso da Selfie: Memória e Circulação nas Redes Sociais : . CDU 81'42
-------	--

Maraline Aparecida Soares

Título: O discurso da *selfie*: memória e circulação nas redes sociais

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso. Linha de Pesquisa: Estudo de Processos Discursivos.

Cáceres – MT, Julho de 2018.

Profa. Dra. Silvia Regina Nunes (Orientadora) – UNEMAT

Profa. Dra. Eliana de Almeida – UNEMAT

Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias – UNICAMP

APROVADA EM:

Aos amores da minha vida:

Pai, Mãe, Arthur, Marielly e Aristelson.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo fôlego de vida, bem como as capacidades físicas e intelectuais necessárias para conclusão deste trabalho.

A minha família por todos os esforços prestados, pois cada um contribuiu significativamente dando o melhor de si para me ajudar a ultrapassar a tão sonhada linha de chegada desta etapa de muitas outras que virão.

Ao Aristelson, que durante todo o percurso da Pós-graduação, foi muito mais que namorado, não mediu esforços para contribuir com a elaboração deste trabalho, sempre disposto a me ajudar, a ler o texto, a trocar ideias comigo. Foi meu mestre particular.

Em especial, agradeço a estimada orientadora Profa. Dra. Silvia Regina Nunes, por toda a dedicação prestada a mim, do início ao término deste trabalho, pelo companheirismo, pela acolhida, pela acessibilidade e por considerar minhas condições de produção no desenvolvimento desta pesquisa. Sua orientação me marcou positivamente!

Sou e serei eternamente grata à Profa. Dra. Eliana de Almeida, por absolutamente tudo que fez e tem feito por mim neste percurso acadêmico e pelo privilégio da amizade respeitosa. Só tenho a agradecer-te por tudo!

Agradeço a Profa. Dra. Cristiane Dias, por dispor seu tempo em contribuir com este trabalho fazendo considerações de extrema relevância.

Ao Prof. Me. Weverton Ortiz que também contribuiu significativamente para o meu ingresso no mestrado disponibilizando seu tempo e, muitas vezes, o espaço de sua casa para discutirmos os textos recomendados para a prova escrita do seletivo. Serei eternamente grata, amigo!

Ao Prof. Me. Divino Alex Rocha de Deus, meu orientador na graduação pelo incentivo em dar continuidade à pesquisa na área da Análise de Discurso.

A todos os amigos do Programa de Pós Graduação em Linguística (PPGL).

A CAPES, pela bolsa concedida.

*[...] É preciso ousar pensar por si mesmo.
(M. Pêcheux)*

RESUMO

Este trabalho, inscrito na linha de pesquisa *Estudo de Processos Discursivos* do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) filia-se ao campo de conhecimentos da Análise de Discurso, numa perspectiva sustentada no tripé Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise, para compreender um funcionamento da linguagem em formato digital conhecida como *selfie*: a imagem/fotografia de si em circulação nas redes sociais, enquanto modo de significação do sujeito contemporâneo no espaço virtual afetado pelo funcionamento da ideologia da globalização. A *Internet* tem ressignificado o funcionamento da língua(gem) e com o surgimento desse novo espaço de significação, tanto as práticas de escrita, quanto a circulação de imagens, passam por mudanças. Esse espaço não alterou somente o funcionamento dessas práticas, mas também promoveu deslocamentos na relação do sujeito com elas, mostrando que se trata de um ritual com falhas, que se apresenta de modo heterogêneo. Tal compreensão se dá pela análise das três instâncias indissociáveis do discurso: Constituição, Formulação e Circulação. Também fazem parte do escopo desta pesquisa, o estudo das noções de gesto e prática, elementos estes que permitem uma leitura que considera como materialidade de linguagem, signos não linguísticos. Apresenta por meio da concepção da memória da língua um estudo crítico da definição dada pelos dicionários e gramáticas para a palavra *selfie*, e propõe outra possibilidade de significação. Outra noção constitutiva para compreensão da prática da *selfie* é a memória discursiva que permite considerar o autorretrato como a memória do gesto da *selfie*. Da Psicanálise, a noção de Narcisismo contribui para o entendimento do sujeito de linguagem que se constitui na relação com o outro para formação do “eu” e, então, problematizamos a questão do jogo “duplo” que habita o ser. O funcionamento da *selfie* se sustenta na falta constitutiva do sujeito de linguagem, na relação que se estabelece entre o outro e o Outro, ou seja, uma divisão do sujeito, que se mostra nas divisões de sentido que esse gesto carrega. Nessa conjuntura, a *selfie* pode ser compreendida como uma interpretação que o próprio sujeito realiza de si, afetado por formações imaginárias que estão relacionadas ao funcionamento das redes sociais. *Selfies* são versões do “eu” representado num corpo que se tornou objeto simbólico.

Palavras-chave: *Selfie*; Subjetividade; Discurso; Redes sociais; Sujeito; Linguagem.

ABSTRACT

This work, enrolled in the research area of the Discourse Process Study of the Postgraduate Program in Linguistics of the State University of Mato Grosso (UNEMAT), joins the area of knowledge of Discourse Analysis, in a perspective supported by the tripod Linguistics, Materialism History and Psychoanalysis, to understand a functioning of the language in digital format known as selfie: the image / photography of itself in circulation in social networks, as a way of meaning of the contemporary subject in the virtual space affected by the functioning of the ideology of globalization. The Internet has redefined the functioning of the language and with the arise of this new space of meaning, both writing practices and the circulation of images, undergo changes. This space did not only alter the functioning of these practices, but also promoted displacements in the relation of the subject with them, showing that it is a ritual with failures, which presents itself in a heterogeneous way. Such an understanding is given by the analysis of the three inseparable instances of discourse: Constitution, Formulation and Circulation. Also included in the scope of this research is the study of the notions of gesture and practice, elements that allow a reading that considers non-linguistic signs as materiality of language. It presents through the conception of the memory of the language a critical study of the definition given by the dictionaries and grammars for the word selfie, and proposes another possibility of meaning. Another constitutive notion for understanding the practice of selfie is the discursive memory that allows one to consider self-portraiture as the memory of the self-gesture. From Psychoanalysis, the notion of narcissism contributes to the understanding of the subject of language that is constituted in the relation with the other to the formation of the "I", and then we problematize the question of the "double" game that inhabits the being. The functioning of selfie is sustained by the constitutive lack of the subject of language, in the relation established between the other and the Other, that is, a division of the subject, which is shown in the divisions of meaning that this gesture carries. At this juncture, selfie can be understood as an interpretation that the subject himself realizes, affected by imaginary formations that are related to the functioning of social networks. Selfies are versions of the "I" represented in a body that has become symbolic object.

Keywords: Selfie; Subjectivity; Discourse; Social networks; Subject; Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Print da página inicial do <i>Facebook</i>	14
Figura 2: Print do logotipo do aplicativo <i>Instagram</i>	15
Figura 3: Print do logotipo do <i>Twitter</i>	16
Figura 4: Print da "Cartilha da <i>Selfie</i> segura".	45
Figura 5: Prints da página do Google Tradutor	49
Figura 6: Print da publicação da página DaLíngua Portuguesa	53
Figura 7: Print da publicação da página DaLíngua Portuguesa	54
Figura 8: Disponível em: < https://celebridades.uol.com.br/noticias/redacao/2014/03/03/ellen-degeneres-faz-selfie-com-celebridades-no-oscar-2014.htm > Acesso em: 10 Jan. 2015.	72
Figura 9: Disponível em: < http://www.selfieblog.net/noticias/selfie-do-papa-francisco/ > Acesso em: 03 Jul. 2015.	72
Figura 10: Disponível em: < http://veja.abril.com.br/mundo/obama-e-premie-dinamarquesa-fazem-selfie-no-funeral-de-mandela/ > Acesso em: 04 Mai. 2015.	73
Figura 11: Disponível em: < http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/07/so-pensei-na-foto-diz-autor-de-selfie-em-acidente-no-tour-da-tocha-olimpica.html > Acesso em: 02 Ago. 2016.	73
Figura 12: Disponível em: < http://revistaglamour.globo.com/Celebridades/Hot-news/noticia/2014/03/isaac-deyson-o-coveiro-magia-que-esta-arrasando-na-web.html > Acesso em: 10 abr. 2016.	74
Figura 13: Primeira fotografia coletiva: < http://iphotochannel.com.br/selfie/conheca-a-primeira-selfie-em-grupo-da-historia-da-fotografia >. Acesso em: 05. Abr. 2017.	77
Figura 14: Página "Osasco do Caos". Disponível em: https://extra.globo.com/noticias/brasil/veja-as-selfies-polemicas-tiradas-durante-acidente-com-tocha-olimpica-em-osasco-19767615.html Acesso em: 08. Ago. 2016.	82
Figura 15: Prints dos comentários na página do Facebook "Osasco do Caos".....	83
Figura 16: Quadro de autorretratos de Rembrandt.....	90
Figura 17: Quadro de autorretratos de Frida Kahlo.	91
Figura 18: Montagem de autorretratos de Vicent van Gogh	91
Figura 19: Imagem considerada o primeiro autorretrato fotográfico	92
Figura 20: Print da postagem na página "Artes Depressão".	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-ANALÍTICOS.....	20
CAPÍTULO II – A FORMA SUJEITO HISTÓRICO, A INFORMÁTICA E OS ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA(GEM).....	36
CAPÍTULO III – DA OPACIDADE DA PALAVRA <i>SELFIE</i> NO DISCURSO DIGITAL.....	46
CAPÍTULO IV – A PRÁTICA DISCURSIVA E O GESTO DA <i>SELFIE</i>	61
CAPÍTULO V – GESTOS DE INTERPRETAÇÃO SOBRE O DISCURSO DA <i>SELFIE</i>	71
CAPÍTULO VI – SOBRE A MEMÓRIA: PENSO, FAÇO UM <i>SELFIE</i> , POSTO NO FACE, LOGO EXISTO.....	89
CAPÍTULO VII – A RELAÇÃO ESPECULAR ENTRE CORPO E IMAGEM NO DISCURSO DA <i>SELFIE</i>	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS.....	109

INTRODUÇÃO

Quando as redes digitais de comunicação teceram seus fios ao redor do planeta, tudo começou a mudar vertiginosamente, e o futuro ainda promete outras metamorfoses. (SIBILIA, 2008, p.12).

A *Internet* ressignificou e vem ressignificando a forma de funcionamento da língua(gem). Esse deslocamento promoveu, no âmbito das imagens, uma diferente forma de apropriação e circulação da fotografia no espaço digital; estamos nos referindo a *selfie*. Impactada diante deste material, dado seu ineditismo e sua acelerada propagação incluindo pessoas de todas as idades, promovendo *status* de celebridades para alguns, polêmicas para outros e ainda as que causam a própria morte, e não havendo condições de ler um material tão abrangente, tampouco um lugar onde incluí-lo por sua não configuração em gêneros de produção, a motivação dessa pesquisa foi a necessidade de reflexão sobre essa prática, em que, a partir do material analisado – as *selfies* - se mostrou como modo de significação do sujeito contemporâneo no espaço digital.

As compreensões acerca da prática discursiva da *selfie* são resultantes da análise que desenvolvemos ao longo dessa pesquisa e que tem como seu objeto um conjunto de *selfies* selecionadas pela grande repercussão que obtiveram, pois sabemos que quando acessamos as redes sociais, nos deparamos com o fenômeno da “proliferação” de *selfies* em circulação. Encontramos *selfies* coletivas, individuais, outras com animais (gato, cachorro, etc.), *selfies* em locais perigosos, entre outras. Dentre elas, enquanto material de análise dessa pesquisa, selecionamos três de ordem coletiva, que obtiveram grande repercussão e circulação nas redes sociais e na mídia televisiva e duas *selfies* individuais, as quais também obtiveram grande repercussão e circulação. Assim, salientamos que foi a noção de Circulação (Cf. Orlandi, 2012) que sustentou a organização do material analisado, sendo considerada, nesse processo, como princípio estruturante para a constituição do *corpus*.

Selfie é uma modalidade de imagem fotográfica, em que, o fotógrafo, tira/faz foto de si, para pôr em circulação a partir da conectividade permitida pela *Internet*. Essa prática se tornou possível a partir do momento em que um conjunto de tecnologias alcançou certo patamar de desenvolvimento. Referimo-nos ao surgimento e posteriores desenvolvimentos da *Internet*, das câmeras fotográficas, e a inserção destes, nos aparelhos de telefonia móvel.

Apresentamos a seguir, de forma breve, um percurso histórico sobre a *Internet*, detendo-nos na descrição de alguns aspectos técnicos, que tornaram possível a realização e circulação das *selfies*.

A *Internet* teve seu início nos Estados Unidos, em 1969, período em que o contexto era o auge da Guerra Fria. Desse modo, os cientistas almejavam, ou melhor, necessitavam de uma rede que mesmo em caso de bombardeio continuasse estabelecida, daí origina-se o principal conceito que mais tarde veio se chamar *Internet*, uma rede em que todos os pontos se equivalem sem que haja um comando central. Seu formato inicial interligava laboratórios de pesquisas. A essa primeira fase deu-se o nome ARPAnet (Advanced Research Projects Agency), porém mais tarde quando a ARPAnet passou a ser usada para conectar universidades e laboratórios, a princípio nos Estados Unidos e posteriormente nos demais países, recebeu uma nova classificação, passando a ser chamada de *Internet*.

No entanto, o uso da *Internet* não ficou restrito apenas ao meio científico. Em 1987, seu uso comercial foi liberado nos Estados Unidos, e em 1992 popularizou-se entre seus usuários – fase da *Web 1.0*. Logo foram surgindo várias empresas provedoras de *Internet*, possibilitando às pessoas o acesso a este novo espaço de produção da linguagem.

A partir de então, houve um novo marco na história da *Internet*, um momento de avanços e revoluções dos blogs e chats, das mídias sociais e colaborativas, das redes sociais e do conteúdo produzido pelos próprios internautas. A *Internet* passou a funcionar por plataforma, ou seja, os *softwares* deixaram de estar apenas na máquina do computador local, passando a funcionar na plataforma onde os programas se integram. Desse modo, o sujeito, além de usuário, passa a participar da rede tendo a possibilidade de criar aplicativos, formar comunidades, gerar conteúdos, e etc. É nesse processo que surgem as redes sociais, espaço projetado para os sujeitos se relacionarem independentemente da distância geográfica.

Já no estágio da *web 2.0*, em 2004, houve outra grande mudança significativa com a criação da maior rede social do mundo: o *Facebook*. Dois anos depois, surgiu o *Twitter* e, mais recentemente, criaram o *Instagram*. Apresentamos o surgimento dessas três redes, pois as *selfies* que compõem nosso *corpus* de análise significam-se nesses espaços. Ressaltamos que foi imprescindível o desenvolvimento tecnológico da *Internet*, ao criar condições para a existência das redes sociais. O surgimento dessas redes sociais marca o mundo com a inovação tecnológica, produzindo um contexto sócio-histórico, político e ideológico outro.

O *Facebook*, que inicialmente (2004) se chamava *thefacebook.com*, é uma mídia social que foi desenvolvida por três alunos da Universidade de Havard, Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. O *Facebook* desde sua criação vem sendo reelaborado, por exemplo, de início, era restrito apenas aos alunos de Harvard. Um ano após seu surgimento, em 2005, alunos de todas as universidades do mundo receberam o convite para fazer parte da rede social. Em 2006, tornou-se ainda menos seletivo, permitindo a participação de alunos secundários e trabalhadores em geral. Esta mídia visa, desde o início, configurar um espaço em que as pessoas possam “encontrar”, ou melhor, “contactar” umas às outras, para expor suas opiniões e compartilhar imagens (próprias ou não).

Para fazer parte desta rede, que funciona como uma comunidade virtual, basta criar uma conta, que, segundo o próprio *Facebook*, “É gratuita e sempre será”, como consta na imagem abaixo:

A imagem mostra a interface de criação de uma nova conta no Facebook. No topo, há campos para "Email ou telefone" e "Senha", com um botão "Entrar" e um link "Esqueceu a conta?". Abaixo, o título "Criar uma nova conta" é seguido pelo texto "É gratuito e sempre será.". Os campos de formulário incluem "Nome" e "Sobrenome", "Celular ou email", e "Nova senha". A seção "Data de nascimento" possui seletores para dia (10), mês (Fev) e ano (1993), com um link "Por que preciso informar minha data de nascimento?". Abaixo disso, há opções de gênero: "Feminino" e "Masculino". Um texto de aviso informa que ao clicar em "Criar conta", o usuário concorda com os termos e políticas. Um botão verde "Criar conta" está no final da seção principal. Na base, há um link para "Criar uma Página para uma celebridade, banda ou empresa."

Figura 1: Print da página inicial do *Facebook*

Esta é a página inicial da criação da conta no *Facebook*, pois que, outros questionários aparecem para formar o perfil do usuário.

Outra rede social de grande circulação e visualização é o *Instagram*, que tem como proposta principal pôr em circulação fotos e vídeos. Entendemos que a *Internet* trouxe para a

sua estrutura e funcionamento a circulação de imagens. Diante disso, vemos o possível deslocamento entre a modalidade de circulação da fotografia, a da forma impressa/revelada para a forma digital/virtual. Esse deslocamento, no modo como circula a fotografia, está na base do desenvolvimento da rede social *online* chamada *Instagram*, que tem como principal função o compartilhamento de fotos e vídeos. Essa definição é explicitada no próprio logotipo desta rede: uma câmera fotográfica, disponibilizando aos seus usuários algumas ferramentas conhecidas como filtros digitais e permitindo a manipulação da imagem de acordo com o imaginário do sujeito.



Figura 2: Print do logotipo do aplicativo *Instagram*

O *Instagram* é um aplicativo gratuito, desenvolvido pela empresa Burbn, por um norte-americano, chamado Kevin Systrom e um brasileiro, chamado Mike Krieger. Inicialmente sua versão era disponível apenas para os aparelhos da *Apple*, mas logo tornou-se disponível para os usuários de *Android* e *Iphone*. Uma importante característica de compartilhamento a se destacar sobre o *Instagram* é a possibilidade de compartilhar na rede do próprio aplicativo. No entanto, essa rede dá a possibilidade ao usuário de publicar-compartilhar sua postagem (texto, imagem ou vídeo), ao mesmo tempo, no *Instagram* e em outras redes sociais, como o *Facebook*, o *Twitter*, o *Tumblr*, dentre outras. Uma observação importante é que no *Instagram* não se manda convite para encontrar/ter amigos, como ocorre com o *Facebook*. No *Instagram* existem seguidos e seguidores.

O *Twitter* é mais uma grande rede de circulação, sobre a qual também faremos uma breve descrição. O *Twitter* é uma rede social e um servidor para *microblogging*, criado em 2006, por um grupo de norte-americanos composto por quatro membros: Jack Dorsey (empresário e desenvolvedor de *software*), Evan Williams (empreendedor), Biz Stone (desenvolvedor de *software*) e Noah Glass (desenvolvedor de *software*). A configuração inicial do *Twitter* teve como objetivo uma rede que funcionasse como um “SMS” da *Internet*,

por isso, delimitava caracteres até cento e quarenta. Nessa rede, compartilhar o conteúdo publicado por alguém é produzir um *retweet*, o que funciona também a partir de seguidores. O recurso na página principal de compartilhamento de imagens no *Twitter* passou a existir em 2011, com a inserção de um ícone, em formato de câmera, situado abaixo da opção usada para enviar o *Tweet*. Desse modo, até então, as fotos só eram compartilhadas nessa rede por aplicativos terceiros, como o *Instagram*, que descrevemos anteriormente.



Figura 3: Print do logotipo do *Twitter*

Outra questão importante e igualmente necessária para compreendermos o surgimento da *selfie* foi o acesso a câmeras fotográficas, que começaram a ser produzidas por Louis Jacques Mandé Daguerre, em 1839. A partir de então, os aparelhos para realização de fotografias foram ganhando novas configurações. No período da Guerra Fria, com o advento da tecnologia, a fotografia ganhou espaço nos aparelhos de telefonia móvel. Consequentemente, os aparelhos celulares vêm passando por inúmeras transformações, até chegar à produção da fotografia digital. No que diz respeito a produção da *selfie*, as câmeras fotográficas passaram por mudanças que, aliadas à tecnologia fez com que o registro se tornasse mais simples e acessível. A câmera frontal, alocada nos aparelhos celulares, é um exemplo disso.

A rede de telefonia celular foi projetada em 1947, mas somente passou a funcionar em 1973. Ao longo dos anos as condições tecnológicas foram sendo modificadas promovendo várias mudanças nessa nova criação. Dentre tantas inovações, queremos concentrar nossa discussão no que teve início em meados de 2008, com o aparecimento de um dispositivo chamado *iPhone*, em sua segunda geração, produzido para adicionar à telefonia móvel as funcionalidades da *Internet*.

Desse modo, em um só aparelho (*iPhone/smartphone*) tem-se disponível o mecanismo de produção de imagens e acesso rápido à *Internet*, para distribuição delas através de *upload* para *sites* diversos. Nesse sentido, esse desenvolvimento aplicado ao dispositivo móvel, sendo equipado com duas câmeras, contribuiu de maneira decisiva para uma ressignificação nos modos e espaços de circulação das imagens, agora em formato digital e disponibilizadas no ciberespaço.

A produção da *selfie* se tornou possível a partir da *web 2.0*, que inaugura essa modalidade da imagem (fotografia de si) conectada, fornecendo condições que anteriormente não existiam. A prática da *selfie* está relacionada à transformação tecnológica digital. Tais ferramentas possibilitam a produção de *selfies* de maneira constante, formando um arquivo de suas versões através dos perfis criados em diversas redes sociais que armazenam estas postagens. Essa realidade de “reprodutibilidade” aguda das *selfies* nos leva a questionar os discursos “de e sobre” essa prática.

Diante do exposto, e tendo como objeto de análise o discurso da *selfie*, as questões mobilizadoras que nortearam a produção dessa pesquisa de dissertação foram: *Como se constitui o gesto do (a) selfie a partir de sua postagem/circulação nas redes sociais? Como compreender a subjetividade que se constitui no discurso digital, a partir da circulação das selfies? Como se dá a relação entre o gesto da selfie e o do autorretrato?*

Motivada por essas questões, a pesquisa que se apresenta está estruturada em sete capítulos. No primeiro, fazemos uma contextualização a respeito dos princípios e procedimentos teórico-analíticos da Análise de Discurso, que nos deram suporte para elaboração da pesquisa. Neste primeiro momento, apresentamos de forma sucinta a teoria na qual este trabalho filia-se, especificando o modo como a Análise de Discurso concebe o funcionamento da língua(gem), a partir dos conceitos desenvolvidos por Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Na sequência, discorreremos sobre algumas noções teóricas consideradas basilares na fundamentação de nossa reflexão, tais como as noções de condição de produção, gesto e prática, mecanismo de antecipação (formação imaginária), memória (discursiva e metálica), corpo, imagem fotográfica, narcisismo/subjetividade, Circulação, Formulação e Constituição.

No segundo capítulo, intitulado: *A forma sujeito histórico e a informática*, apresentamos uma discussão embasada na compreensão da forma como o contexto sócio-histórico, relacionado às condições econômicas, afeta os estudos da linguagem e promove o desenvolvimento de novas práticas de linguagem, instituindo a forma-sujeito capitalista.

Falamos especificamente a respeito da informática, considerada um campo de pesquisa, que trabalha com o tratamento da informação, por meio de computadores e outros dispositivos de processamento de dados. Partimos da premissa de que as injunções técnicas sob a ideologia da comunicação, atrelada a de consumo, têm afetado os sujeitos de linguagem que são constituídos pela falta e que buscam suturar essa falta ao longo da história por diferentes materialidades tecnológicas (do autorretrato a *selfie*).

A discussão desenvolvida no terceiro capítulo concentra-se na produção de sentidos sobre a palavra *selfie*. Na esteira do que compreendemos no capítulo anterior, analisamos como o discurso digital sustenta a constituição da palavra *selfie*. Além disso, problematizamos como se configura uma memória da língua sobre a palavra *selfie* no espaço de enunciação brasileiro e nos posicionamos criticamente à definição formulada nos dicionários de língua inglesa e portuguesa, apostando nas diferentes historicidades constituídas entre o gesto de se auto fotografar na relação com a palavra *selfie*.

No quarto capítulo, propomos uma discussão sobre o gesto da *selfie*, ou seja, a especificidade de seu modo de significar, que não é a mesma do autorretrato e nem exatamente a da fotografia; quando sua produção está relacionada a um *book*, ou um *pôster*, uma foto 3x4 e etc. A produção e significação da *selfie* funciona a partir de formações imaginárias, significando diferentemente para o sujeito que a pratica e para quem for visualizar esta imagem fotográfica. Apresentamos que a materialidade da *selfie* é de ordem distinta, marcada por um modo de circulação que constitui as redes sociais, a partir do discurso digital.

No quinto capítulo: *Gestos de interpretação sobre o discurso da selfie*, propusemos desenvolver uma análise das cinco *selfies*, que tiveram ampla circulação nas redes sociais, discutindo o processo de circulação após a postagem, a partir de curtidas, comentários e compartilhamentos, para compreendermos o funcionamento das formações ideológicas no movimento da circulação.

No sexto capítulo, *Sobre a memória: Penso, faço um selfie, posto no face, logo existo*, traçamos a historicidade que sustenta a prática da *selfie*, mostrando que o gesto de auto projeção não começa na atualidade. Esse jogo de auto projeção é algo da ordem do Significante, gesto marcado por outras formas de manifestação da linguagem, além da fala e da escrita, pois produz sentidos pelo olhar. Essa prática define o autorretrato, por exemplo, já

há séculos passados. Porém, ressaltamos que na atual conjuntura essa prática comporta outros atravessamentos dada a produtividade da circulação.

No último capítulo: *A relação especular entre corpo e imagem no discurso da selfie*, problematizamos a relação da condição do corpo social e a captura dessa imagem, nesse processo. Tratamos a imagem do corpo enquanto textualidade, uma materialidade opaca, constituída por diferentes efeitos de sentidos, inclusive aqueles que promovem a ilusão de literalidade, algo muito presente na *selfie*, em que se acredita que a imagem de si, nas redes sociais, produza univocidade de sentidos, ou seja, de que o sujeito internauta seria exatamente aquele retratado na *selfie* em circulação.

CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-ANALÍTICOS

A Análise de Discurso é um campo teórico dos estudos da linguagem, que visa compreender o funcionamento e a produção de sentidos, considerando a relação constitutiva entre língua, sujeito e história. Nesse sentido, podemos dizer que se trata de uma maneira particular de compreender a língua, para além da estrutura, cujos sentidos não são apreendidos apenas pela materialidade linguística. Orlandi (2009) considera que a Análise de Discurso levanta questões para a Linguística, interrogando-a pela historicidade que exclui, e, do mesmo modo, interrogando-a pela transparência da linguagem e pelo sujeito (ORLANDI, 2009, p.10).

Para a Análise de Discurso, os sentidos existem na relação entre a língua, o sujeito e a história, de modo os analistas poderem afirmar que os sentidos transcendem às palavras, compreendendo a língua e sua exterioridade, pelas condições de produção como parte do processo de produção dos sentidos, fazendo-os escapar do domínio e intenções do sujeito. Para a Análise de Discurso, a língua e a história se imbricam, pois uma existe na outra, de modo que a história está na língua e a língua se significa pela/na história, produzindo o discurso. Assim, o discurso é o objeto da Análise de Discurso que nos possibilita compreender a ideologia e como se dão seus processos de produção de sentidos na língua e em qualquer materialidade simbólica outra. O discurso, assim, é a linguagem funcionando como a “mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”, conforme Orlandi (2009, p.15), possibilitando ao homem a condição para compreender a realidade a que pertence.

Assim, o discurso não dispõe de uma definição acabada, visto que se estabelece pela falta nessa relação entre língua/sujeito/história. A autora desenvolve a noção de discurso, na sua relação com a ideologia, pelo trabalho da interpretação do sujeito discursivo. O homem é sempre instigado a interpretar o objeto simbólico e é nesse processo de interpretação que os sentidos se produzem como evidência, construindo o efeito do sujeito como origem do próprio dizer, naturalizando sua relação entre a língua e a história, pela ideologia. Conforme Pêcheux, a ideologia dissimula, “sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, não apenas como “que afetam o sujeito” mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito”. (ORLANDI, 2009, p.46).

Desse modo, compreendemos que os sentidos já historicizados na linguagem/mundo retornam no gesto de interpretação, em um constante movimento.

A ideologia constitui o sujeito e os sentidos. É interessante compreendermos que tanto o sujeito, quanto o sentido, estes se significam de várias maneiras, e nesse movimento o sujeito pode se inscrever em diferentes formações discursivas. Para ser sujeito do que diz, não de forma subjetiva, mas ocupando um “lugar” ideológico (posição discursiva), o sujeito inscreve-se a diversas posições discursivas, as quais passam a constituí-lo. A depender do contexto social e histórico, o sujeito passa a ocupar a posição sujeito-professora, sujeito-mãe, dentre outras.

Discursivamente, a memória não é compreendida no sentido psicologista, mas sim enquanto memória social, espaço dos já-ditos. A memória discursiva funciona como sendo o universo do dizível, pelo movimento histórico dos sentidos fazendo trabalhar o esquecimento ideológico. É por meio desse processo de naturalização ideológica dos sentidos, que tem-se a ilusão de ser a origem do próprio dizer. Quando nascemos, os sentidos/discursos já estavam em funcionamento e nós nos inscrevemos nesse processo de algum modo. Assim, não somos nós a origem da linguagem, pois que o sujeito é afetado pela língua e pela história de maneira singular, como afirma Orlandi: “Na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história [...] (ORLANDI, 2009, p. 35).

Todas estas definições que estamos apresentando são convocadas por nosso material recortado para análise. Desse modo, essa contextualização teórica não está posta de modo aleatório. Nesse momento chamamos a atenção para os processos de produção do discurso estabelecidos por Orlandi em três momentos inseparáveis e igualmente importantes, que são: Constituição, Formulação e Circulação dos sentidos. A autora os define da seguinte maneira:

1. Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
2. Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e
3. Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. (ORLANDI, 2012, p.09)

Todos estes três momentos implicam na produção do discurso, portanto sem os quais não seria possível compreendermos o discurso da *selfie*. A constituição está para a memória, nos fazendo saber que sempre partimos de um já dito estabilizado historicamente e ideologicamente. Quando falamos em já dito, não precisa necessariamente ser uma palavra, pode ser um gesto, pois não são apenas as palavras que produzem sentidos; o gesto de olhar

para si e se registrar, por exemplo, não surgiu exclusivamente a partir da *selfie*. Esse gesto já é histórico e significativo desde os primeiros autorretratos. Ressaltamos que esse já dito, essa memória, não é estática, fechada e homogênea, ela está sempre se atualizando/expandindo de acordo com as práticas ideológicas em concorrência nas formações sociais.

Para compreendermos a respeito da formulação, consideramos o estudo desenvolvido por Orlandi em sua obra *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Conforme podemos observar no próprio título, a autora “trata mais diretamente da formulação dos discursos e de sua circulação”. (ORLANDI, 2012, p.09).

Formular é por a linguagem em funcionamento. “É na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)”. (Idem.). Nestas palavras compreendemos, antes mesmo de apresentar mais detalhadamente sobre a circulação, como estes três momentos de fato são indissociáveis, pois é na formulação que a memória (constituição) se atualiza, e sem a memória não haveria formulação.

A memória, nesse domínio de reflexão, é o que chamamos *interdiscurso*, o saber discursivo, a memória do dizer, e sobre a qual não temos controle. Trata-se do que foi e é dito a respeito de um assunto qualquer, mas que, ao longo do uso já esquecemos como foi dito, por quem e em que circunstâncias e que fica como um já-dito sobre o qual nossos sentidos se constroem. O sentido por exemplo de família. Desde os mais remotos tempos, quanto já se disse a propósito da família... Como a palavra família já apareceu nas diferentes falas de pobres, ricos, remediados, servos, escravos, senhores etc, ao longo de toda nossa história? Nem sabemos como esses sentidos chegaram e continuam a chegar até nós nos diferentes dizeres que agora mesmo estão sendo produzidos sobre família. No entanto, quando falamos “família” temos a impressão de saber o que estamos dizendo. (ORLANDI, 2012, p. 180)

São momentos (Constituição, Formulação e Circulação) dependentes um do outro, pois não haveria memória se não houvesse formulação e a circulação da formulação vai constituindo, mantendo e atualizando a memória. Há um processo de retroalimentação. Não é possível elegermos um deles como o primeiro. A circulação se constitui simultaneamente pela constituição-formulação dos sentidos. Além disso, conforme Orlandi (2012), compreendemos que os meios não são neutros, pois também direcionam os sentidos tanto para o sujeito, que terá acesso, quanto para o sujeito que formula. O discurso produz diferentes efeitos estando em circulação, não sendo possível haver efeitos de sentidos em algo que não está dito/significado em lugar algum. A circulação é condição necessária na linguagem.

Acrescentamos ainda a importância da instância da circulação onde os dizeres são como se mostram. Os trajetos dos dizeres. E isto nos interessa pois, como procuraremos mostrar, os “meios” não são nunca neutros. Ou seja, os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam (em que meios e de que maneira: escritos em uma faixa, sussurrados como boato, documento, carta, música etc). Não há porque, na análise, privilegiar uma dessas instâncias em relação à outra. Só o fazemos por necessidade teórica ou por opção metodológica em relação a nossos procedimentos analíticos. (ORLANDI, 2012, p. 11-12)

Conforme enfatiza Orlandi, não há justificativa para considerar apenas uma destas instâncias em uma análise. A autora coloca a condição de que isso pode ser feito, caso haja uma necessidade teórica ou por opção metodológica em relação aos procedimentos analíticos. Em outro momento a pesquisadora também tece alguns comentários sobre este processo, quando inquirida sobre a ordem destas três instâncias, sendo levadas para o campo do discurso eletrônico: “Podemos dizer que quando pensamos a prática do discurso eletrônico, embora os momentos sejam inseparáveis, tomamos como ângulo de entrada a circulação dos sentidos, pensando os outros dois momentos através deste”. (ORLANDI, 2006, p.05). Nesse sentido, entendemos que nosso material de análise se inscreve dentro dessa ordem discursiva, tendo como ponto de partida a instância da circulação.

Desse modo queremos dizer que o presente trabalho não considera apenas uma das instâncias do processo de produção dos sentidos (Constituição, Formulação e Circulação), mas de acordo com a convocação do próprio material analisado (*selfies* com ampla circulação na mídia). Nossa entrada se dá pela instância da circulação, é através dela, considerando o meio e a maneira pela qual se dá a circulação das *selfies*, que compreendemos sua formulação e conseqüentemente a constituição ideológica que sustenta essa prática que tem se propagado em vários países, sendo reconhecida em todos eles pelo mesmo nome (*selfie*) e mantendo o mesmo ritual (registrar-se e postar nas redes sociais).

Pela circulação, chegamos à formulação, porque a circulação faz parte do processo de formulação, a separação entre estas duas instâncias no caso da *selfie* é feita por uma linha tênue, a circulação só é possível a partir da formulação que, neste trabalho, compreendemos na forma do gesto de reproduzir a própria imagem por meio de um dispositivo móvel com câmera frontal. Compreendemos que no gesto, quando o sujeito olha para o corpo social, para realizar o registro da *selfie*, o faz afetado pela instância da circulação, tanto pela necessidade de sua constituição enquanto sujeito de linguagem, quanto pelos efeitos da ideologia

capitalista de consumo, ideologia esta fundante das redes sociais. É nesse sentido que, quando afirmamos que o olhar para si está projetado de acordo com o funcionamento da circulação das redes sociais, não fica restrito apenas à sua organização *postar, curtir, compartilhar e etc...* mas aos efeitos de sentidos possíveis através desse processo.

Desse modo, entendemos que no gesto de se auto fotografar, enquanto formulação, há uma antecipação do olhar do outro que terá acesso a essa imagem pelas redes sociais. Nesse ponto, defendemos que a circulação está fazendo parte da formulação e a efetivação do registro, seguida da postagem, corresponde ao efeito da ideologia de globalização, de consumo que está na ordem da constituição da sociedade “conectada” do século XXI. “E é essa a relevância da formulação: sua posição privilegiada como posto de escuta, de entrada no modo de constituição do sujeito, no sentido e na história”. (ORLANDI, 2012, p. 12). Veremos o funcionamento destes três momentos (Constituição, Formulação e Circulação) no discurso da *selfie*, de modo mais detalhado ao longo do trabalho.

Como metodologia para os trabalhos analíticos desenvolvidos em Análise de Discurso, há uma regra principal que precisa ser respeitada, que sem a qual não é possível compreender os materiais de linguagem. Primeiramente seleciona-se o material que se pretende analisar e compreender, pois é no exercício de leitura “escuta” deste material que os conceitos são convocados, ou seja, o exercício não é inverso, não se escolhe primeiro os conceitos para depois selecionar uma materialidade da linguagem. É a partir do material que o aparato teórico vai sendo mobilizado.

Seguindo o procedimento analítico da área na qual este trabalho filia-se, primeiramente houve o processo de constituição do *corpus*, que é composto por cinco *selfies* que se destacaram pela ampla circulação tanto na mídia televisiva, quanto nas redes sociais. A grande visibilidade conferida a estas *selfies* deu início às inquietações que nortearam essa pesquisa, chamando a atenção para compreender como se dava esse processo. Desse modo, lançamos mão do que Orlandi (2012) desenvolve sobre os três momentos constitutivos da produção do discurso, Constituição, Formulação e Circulação. Como a instância da circulação está relacionada aos meios pelos quais o discurso circula, foi através dela que pensamos o modo de funcionamento das redes sociais e como este lugar de circulação está significando na formulação do material que é a *selfie*, até chegarmos ao eixo da constituição que está relacionado à ideologia capitalista de globalização em sentido amplo e a memória do autorretrato que é retomada na *selfie*.

Atentando primeiramente para a *selfie* do Oscar, a primeira feita em grupo, e sua repercussão não só em números de compartilhamentos, como em difundir essa prática em coletividade, por exemplo, há outras duas *selfies* coletivas analisadas neste trabalho: a dos jovens, juntamente com o Papa, e a do Barack Obama. Para compreender esse processo de reprodutibilidade de *selfies* recorreremos ao texto de Althusser *Ideologia: Aparelhos Ideológicos de Estado*, onde recortamos para nossa análise o modo de funcionamento do aparelho ideológico “mídia”, ressignificando neste conceito o que existe nas condições de produção do século XXI, que são as redes sociais. Ainda, observando a recorrência na produção das *selfies* coletivas, utilizamos o que o autor define enquanto prática, ao explicar que existem coisas que realizamos há anos, que não são simples atos, são práticas que funcionam por rituais ideológicos.

Foi ao observar como as *selfies* selecionadas para análise produziram efeitos nos sujeitos internautas, movimentando as redes sociais, bem como a mídia televisiva, e para os sujeitos que se registraram, conforme suas afirmações em entrevistas, que a noção de gesto, proposta por Pêcheux, foi convocada, para entender como signos não linguísticos produzem sentidos para e por sujeitos. Nessa direção, compreendemos a relação do gesto com a prática. Sendo o gesto parte do ritual ideológico da prática.

Na busca por compreender as duas *selfies* individuais: a de Isaac Dayson – o Coveiro Magya e a de José Carlos – o Tiozinho da *selfie*, empregamos a noção de subjetividade, a partir de Magalhães e Mariani, relacionando com a noção de Narcisismo da Psicanálise. No entanto, percebemos que a noção de subjetividade não se aplica apenas as *selfies* individuais, mas é constitutiva do gesto de um modo geral, ainda que em cada uma das *selfies* ocorra de modo específico. A *selfie* ficou nessa condição como um campo de observação de como a subjetividade se mostra nessa forma de registro. E aí consideramos as condições de produção desta imagem, deste sujeito e da forma de circulação.

Na questão linguística, relacionada à palavra *selfie*, no que diz respeito à oscilação no uso do gênero masculino “o” *selfie* ou “a” *selfie* no feminino, e a regra gramatical que busca homogeneizar os estrangeirismos como gênero masculino, percebemos que tal proposta não se sustenta. Para tanto, trouxemos para nossa reflexão a noção de memória da língua para compreendermos como a língua é fluida e não se deixa controlar totalmente.

Outra noção teórico-analítica convocada pelo material em análise são as condições de produção retomadas neste trabalho a partir de Orlandi (2009). Podemos considerar as

condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico e ideológico. Essa noção foi convocada a partir das particularidades da *selfie*, em que sua especificidade está relacionada aos dispositivos tecnológicos digitais e compreendemos que estes dispositivos (*Smartphones/Iphones*, Câmera frontal, *Internet* e Redes sociais) são as condições de produção em sentido estrito, que estão sustentados por condições de produção em sentido amplo, referente a formação ideológica tecnológica-digital e capitalista (de consumo). Todos os dispositivos mencionados estão em condição necessária para a produção da *selfie*, contudo as redes sociais vão muito além de se constituir apenas no aspecto técnico, enquanto suporte da *selfie*.

Para nos auxiliar nesse percurso de reconhecimento e entendimento das condições de produção das redes sociais e da *Internet*, ou seja, do meio de circulação da *selfie* e seus efeitos de sentidos, consideramos as reflexões propostas por Vitor Pequeno (2014) em sua dissertação intitulada: *Nos subsolos de uma rede: sobre o ideológico no âmago do técnico*. O material analisado neste trabalho foram as redes de relacionamento, enquanto dispositivos tecnológicos de comunicação e estabelecimento das relações sociais. Sua pesquisa inscreve-se nos estudos discursivos e no materialismo histórico.

O pesquisador buscou analisar aspectos técnicos dessas redes como produções de cunho ideológico, desconstruindo noções técnicas e propondo as de sujeito, relação social e circulação. Todas estas questões tocam os estudos da *selfie* que estamos propondo neste trabalho, pois enfatizamos que a estrutura técnica que deu origem a esta prática na contemporaneidade marca sua significação se caracterizando na diferença do autorretrato e da fotografia.

Como a *selfie* habita as redes sociais, sendo esta uma parte constitutiva de sua materialidade, Orlandi (2012, p. 11-12) explica que: “[...] os “meios” não são nunca neutros. Ou seja, os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam (em que meios e de que maneira: escritos em uma faixa, sussurrados como boato, documento, carta, música etc.)”. Na esteira deste pensamento, Pequeno (2014) propõe uma explicação de como se dá o funcionamento das redes sociais:

As redes de relacionamento não são o lugar de uma (nova) discursividade específica, mas a nova base material-técnica para todo um ecossistema de discursividades. Buscamos as bases teóricas para investigar não uma nova forma de produzir sentido, mas os dispositivos tecnológicos (clivagens

subterrâneas) que fazem possível todas essas novas discursividades. (PEQUENO, 2014, p. 35-36).

Conforme as palavras do autor, em que as redes de relacionamento se configuram como uma nova base material-técnica para todo um ecossistema de discursividades, temos aí condições de dizer que o que se produz sob ou dentro dessa base não tem como ser exatamente o mesmo que se produz em outras bases, ainda que desenvolvidas por meio de instrumentos tecnológicos, como no caso da pintura, por exemplo. Agora precisamos compreender como estas bases estão relacionadas às discursividades.

Pequeno (2014) compreende a produção técnica das redes de relacionamento como dispositivos ideológicos uma vez que são operadas por sujeitos, instituições e etc. Mas para poder afirmar isso, o autor parte da premissa de que a noção de Arquivo (diferentemente de arquivo) é que permite esse olhar. Nesse sentido se vale deste conceito, relacionando seu funcionamento à noção de pré-construído, mostrando como o Arquivo descreve as possibilidades das clivagens subterrâneas, assim como as formações discursivas descrevem o território do poder/dever dizer. Vejamos:

O Arquivo propriamente dito, como modo de funcionamento, é sempre diretamente inacessível ao sujeito exatamente da mesma forma que o pré-construído também o é. Ele se relaciona sempre com posições ideológicas engendradas como interrogativas, demandas, ou evocações. É exatamente aqui que é necessária a leitura desse conceito como dispositivo de análise já que ele se caracteriza, da mesma forma que as formações discursivas, como subordinado as formações ideológicas. Da mesma forma que as formações discursivas descrevem o território do poder/dever dizer, o Arquivo descreve as possibilidades de qualquer clivagem subterrânea. É também subordinado as formações ideológicas o trabalho de organização e produção da univocidade no âmbito de circulação do processo discursivo, e o que defendemos aqui é somente que é a partir do Arquivo que essa produção se dá. (PEQUENO, 2014, p.25-26)

Retomamos mais uma vez as palavras do autor sobre o modo como ele faz essa relação: “Se à regularidade através da qual se constitui e se formula o discurso damos o nome de Formação Discursiva, então buscamos aqui descrever uma outra forma de regularidade, da circulação, a qual damos o nome de Arquivo” (PEQUENO, 2014, p. 18). Ou seja, a circulação é estruturada pelo Arquivo, sendo sua condição necessária, lembrando que o autor faz distinção entre os arquivos e o Arquivo.

Se fazemos a distinção entre as ideologias e A Ideologia, as memórias e A Memória, as formações discursivas e A Formação Discursiva; então é necessário também fazermos uma diferenciação entre os arquivos e O Arquivo (que a partir de agora marcaremos com a letra maiúscula para facilitação da leitura). Estamos, portanto, propondo que o Arquivo seja mais do que aquilo que, no âmbito da circulação do sentido, configura as possibilidades de cada leitura. Ao invés, dizemos que o Arquivo é aquilo que, nesse âmbito da circulação, configura as possibilidades de toda leitura. Ou seja: que os arquivos, apesar de serem amplamente produzidos nos contextos institucionais, não são produzidos no nível institucional, ou intencionalmente, mas que há um sistema geral de produção de arquivos, de circulação do sentido, que opera de acordo com o princípio histórico-ideológico, e é a esse sistema que damos o nome de Arquivo. (PEQUENO, 2014, p. 21-22)

Precisamos adensar nossa compreensão sobre a circulação, pois este mecanismo é estruturante na *selfie* por ter como finalidade ser postada nas redes sociais e o caráter destas redes se sustentar na circulação. Pequeno ainda enfatiza:

Porque vasculhamos tão diligentemente a noção de arquivo? Ora, o fazemos na medida em que nos parece claro que a nossa forma de entender as redes de relacionamento como ferramentas técnicas e lógicas sociais ideologicamente construídas está intrinsicamente ligada a nossa capacidade de entender suas operações de circulação. (PEQUENO, 2014, p.27)

O percurso teórico feito pelo pesquisador se dá através das leituras de Pêcheux em “Ler o arquivo hoje”, as leituras de Orlandi com *Discurso e Texto: Formulação e circulação dos sentidos* e Foucault que propõe um deslocamento na concepção de Arquivo, onde este passa a ser visto não como uma coleção material de textos, mas como o princípio que as organiza.

Após essa contextualização teórica da noção de Arquivo, o autor a relaciona ao *online* nos levando a compreender sobre essa delimitação do que temos acesso, e de como é distribuído pelo princípio do Arquivo as coisas a saber. Para o pesquisador, o *online* não é o único caso que nos possibilita essa compreensão. Cita também as estantes de uma biblioteca e sua forma de disposição espacial; o formato de um jornal impresso e sua forma de entrega, como exemplos, para pensar no aspecto técnico da circulação do sentido ideologicamente produzido. No caso do *online* temos o exemplo material de como funciona esse princípio, pois conforme o pesquisador:

Um motor de procura como o da Google e um filtro de cura de conteúdo como o do Facebook são dois exemplos de uma lógica de Arquivo condicionando a circulação do sujeito e do sentido *online*. Não há território

ali, mas simplesmente uma coleção de dispositivos tecnológicos que constroem nossa possibilidade de acesso. Essa possibilidade é, como já vimos, produzida sob o efeito de neutralidade. (PEQUENO, 2014, p. 28)

A partir daí o autor já começa a nos chamar a atenção para os efeitos de espaço, tempo, presença, ausência, que a circulação promove estruturada em dispositivos técnicos. Interessante como o autor, se valendo das bases teóricas, vai desconstruindo as evidências postas para estes segmentos. Vejamos inicialmente como ele explica sobre a questão do espaço no *online*.

No caso do *online*, o problema da circulação é particularmente axial, já que – apesar de toda nossa terminologia – não encontramos, de fato, *territórios online*. Não há espaço tridimensional, não há obstáculo físico. Não utilizamos visão estereoscópica, ou cálculo espacial para circular. Os servidores que possibilitam a circulação do sinal físico ocupam um *lugar* na geografia terrestre, mas não há análogo para essa ocupação *online*, e uma conexão de banda larga já é tranquilamente capaz de tornar transparente a diferença entre um sinal oriundo do mesmo país, e outro vindo do outro lado do mundo. Nossa terminologia nos falha aqui: ciberespaço, domínio, chat room, site. Todas essas são nomenclaturas que reproduzem uma lógica de *espaço*, quando o que queremos demonstrar é que, para além do negligenciável espaço vertical das páginas, o que se experimenta na rede não é exatamente espaço, mas *circulação*. Formularíamos da seguinte forma: enquanto o espaço do *off-line* é um espaço materialmente caracterizado pela distância, o espaço *online* é materialmente caracterizado pela circulação. (PEQUENO, 2014, p. 27)

Estar nas redes sociais é estar em movimento, isto serve para a língua, para os sujeitos, para os sentidos, ou melhor, para as manifestações da linguagem que permitem, que fundam e constituem esse movimento. A partir do momento em que se acessa a rede entra-se no ciclo da circulação. Dizer que as terminologias como ciberespaço e algumas outras que o autor citou que dão ideia de espaço falham, porque o que se experimenta na rede não é exatamente espaço, mas circulação, é algo que rompe fortemente com a evidência dos sentidos e nos convocam para realmente entender que a rede existe na e pela circulação, só se está na rede circulando. Então dizemos de um espaço que se configura no movimento, não para. Tudo que está ali não estará sempre no mesmo lugar. O autor explica que essa não é a condição do tempo ou do espaço exatamente, mas sim da circulação.

Ou seja: não se experimenta o íterim nos âmbitos do *online*. Se está aqui, e logo depois se está ali. Se recebe tal informação, ou não se recebe. Se tem acesso a tal página ou não se tem. Todas essas relações binárias não são da condição do tempo-espaço, onde os gradientes do obstáculo e da latência devem ser contabilizados. Essas relações binárias são da condição da

circulação, onde, por exemplo, há coisas dentro e há coisas fora do “‘campo’ de documentos pertinentes a uma questão”. (PEQUENO, 2014, p. 27)

Como vimos, a organização da circulação se dá por relações binárias. Mas como estas questões são organizadas? Seria puramente de ordem técnica? O autor nos mostra, a partir do que o Pêcheux chama de Clivagens Subterrâneas, a não neutralidade destes dispositivos.

Como podemos então pensar em clivagens subterrâneas de acordo com a direção que Pêcheux nos aponta? Acreditamos, em primeiro lugar, que essa operação acontece sob um tipo de esquecimento (ele usa a expressão “em surdina”), que não é nem esquecimento Nº 1, nem Nº 2. Ou seja: que seu processo de produção de leitura é transparente para todo aquele que lê, e finalmente, propomos aqui que: *as clivagens subterrâneas são então os dispositivos técnicos* de configuração das possibilidades materiais dessa leitura (PEQUENO, 2014, p. 31). (Grifos do autor)

É pensando a partir do modo de funcionamento das clivagens subterrâneas que o pesquisador problematiza o modo como a circulação é ofuscada nas redes sob o regime da neutralidade. O próprio regime da circulação na rede determina seu fluxo, como por exemplo, o que e quanto tempo algo fica disponível. Pois, ao estar em movimento não se tem sempre acesso as mesmas coisas. É um lugar marcado por regras e determinações para o próprio sentido.

Fundamentado nessa noção, o autor mostra-nos como se estabelecem essas delimitações dentro da rede de relacionamento e como a ideologia está funcionando aí. Antes, o pesquisador chama a atenção enfatizando que além da constituição (identificação) e da formulação (textualidade), “Há também a materialidade histórica, política, ideológica na forma de uma arquitetura tecnológica, uma fundação material – resultado de uma escavação, de um esvaziamento - que viabiliza a produção de *um, ou cada* arquivo”. (PEQUENO, 2014, p.32).

Um exemplo importante que Pequeno traz em sua análise é o algoritmo de curadoria do *Facebook*, chamado *EdgeRank*. A função deste algoritmo é otimizar a lista de conteúdo que cada usuário recebe em sua *News Feed*, conhecida também por *Feed* de Notícias (aquela coluna central de sua página inicial). O autor busca o caráter original deste aparato quando ainda era composto por apenas três fatores cruciais e os descreve da seguinte maneira: “1. A afinidade entre usuários (compartilhador e receptor do conteúdo); 2. A qualidade, ou peso, do conteúdo; e 3. Um parâmetro de atualidade, ou perda de valor baseada no lapso de tempo do

conteúdo” (PEQUENO, 2014, p. 32). Todos estes elementos postos como critério de seleção, em sentido macro, determinam valores para os acontecimentos na rede e instauram modos de funcionamento próprio. Com relação a estes fatores determinantes, o autor fala sobre a concepção de memória que embasa esse sistema juntamente com a concepção de tempo.

Notemos então que a eleição desses valores indica um princípio ideológico em jogo. Inicialmente, por exemplo, podemos dizer que há uma posição particular em jogo quando a relevância de um conteúdo é diretamente determinada por quão recentemente esse conteúdo foi compartilhado e produzido. Não é claro (até porque o algoritmo é proprietário) se o declínio de valor nesse caso é linear ou exponencial, mas ele é condicionado por um valor de “tempo”. Relação com o jornalístico e com o funcionamento da vida nas grandes cidades e nas grandes empresas. Ora, a condição de “atualidade” de um conteúdo é, problematicamente, referente a uma atualidade cronológica, e não à memória discursiva. Ou seja: sua forma de seriação, a cadeia na qual ele é colocado é a cadeia da ordem cronológica. Algo da ordem do funcionamento do que Orlandi nomeou memória metálica, não a associação do sentido por sua constituição ideológica, mas sua aglutinação em uma série infinita. (PEQUENO, 2014, p. 32-33)

Sobre a noção de memória metálica, que tem seu funcionamento próprio no espaço digital, esta possibilita compreender o efeito de circulação das *selfies*, nas redes sociais. Cristiane Dias traz um texto publicado na página do Labeurb, que explica sobre o modo de funcionamento deste conceito desenvolvido por Eni Orlandi (1996). Vejamos:

Na memória metálica, a significação se dá no nível da circulação. Tomando como exemplo o Twitter ou o Facebook, quanto mais atualizações um sujeito fizer em seu perfil, mais visibilidade terá porque aumentará a circulação. Vemos que nesse caso, o ponto de partida para a construção dos sentidos não é a filiação do sujeito a uma rede de constituição, mas a uma atualização e circulação. “Repetição e quantidade, em sua forma binômica” (Orlandi, 2010). O já-dito armazenado que retorna sob a forma da atualização de dados num num intradiscurso. (http://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete/view&id=119).

Nessa direção, compreendemos a importância deste conceito para nossa análise, pois está voltado especificamente ao estudo do discurso digital.

Outra noção fundamental para a análise é o mecanismo de antecipação na sua relação com as formações imaginárias, que, conforme definido por Michel Pêcheux (1990 [1969]), são produzidas na relação entre linguagem, história e ideologia, constituindo a imagem que o sujeito faz dele mesmo, do seu interlocutor permeado pelas condições de produção. Conforme Orlandi:

[...] Segundo o mecanismo de antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor. (ORLANDI, 2009, p.39)

A infinidade de *selfies* que são produzidas continuamente, tanto em nível geral, no sentido de *selfies* de diferentes pessoas do Brasil e demais países, quanto em sentido estrito, se tratando da reprodução de séries de *selfies* de um mesmo indivíduo, nos levou a compreensão de que uma *selfie* se inscreve no que Althusser chama de prática.

(...) nós falaremos de actos inseridos em práticas. E faremos notar que estas práticas são reguladas por rituais em que elas se inscrevem, no seio da *existência material de um aparelho ideológico*, mesmo que se trate de uma pequeníssima parte deste aparelho: uma missa pouco frequentada numa capela, um enterro, um pequeno desafio de futebol numa sociedade desportiva, um dia de aulas numa escola, uma reunião ou um *meeting* de um partido político, etc. (ALTHUSSER, 1970, p. 87-88, [Grifos do autor]).

O ritual de cada prática não precisa necessariamente ser apenas de ordem da fala ou da escrita, encontra-se além dessas duas opções mencionadas, o que Pêcheux (2014) classifica como gesto, ou seja, os signos não linguísticos (os aplausos, o riso, o tumulto, os assobios, os movimentos diversos...), mas que fazem parte de um ritual produzindo significação. Desse modo, a noção de gesto é imprescindível, uma vez que *selfie* já se tornou uma prática discursiva. Uma prática que funciona pelo gesto.

Nesse sentido é que consideramos a *selfie* como uma prática discursiva que já se naturalizou no ritual cotidiano (na era da sociedade digital), a partir do aparelho ideológico “de informação embutindo, através da imprensa, da rádio, da televisão, em todos os “cidadãos”, doses cotidianas de nacionalismo, chauvinismo, liberalismo, moralismo, etc” (ALTHUSSER, 1970, p. 63). Acrescentamos às palavras do autor que - além da imprensa, da rádio, da televisão - no contexto do século XXI, tem-se a *Internet*, e as redes sociais. Nesse processo, instituíram formas próprias para o que é e como se apresenta uma *selfie*.

Podemos trazer um exemplo dado por Althusser a respeito de prática e ritual:

Dando outro exemplo, quando reconhecemos na rua alguém do nosso (re)conhecimento, mostramos que o reconhecemos (e que reconhecemos que

ele nos reconheceu) dizendo-lhe “olá” e apertando-lhe a mão (prática ritual material do reconhecimento ideológico da vida cotidiana, pelo menos em França: noutras paragens, outros rituais). (ALTHUSSER, 1970, p. 96-97).

Desse modo, a produção de uma *selfie* se dá a partir de uma prática especificamente do século XXI, numa sociedade da era digital, e “só existe prática através e sob uma ideologia” (ALTHUSSER, 1970, p. 91). No entanto, o que tem de diferente na *selfie* é que ela é uma prática que tem uma particularidade distinta, ela tem aquilo que é comum a todos, que é o que faz parte do ritual que compõe o que seja uma *selfie*, como utilizar a câmera frontal de um dispositivo móvel, se posicionar diante dela sozinho ou em coletividade e postá-la nas redes sociais incluindo no próprio ritual aquele que terá acesso. E além de ser uma prática, ela também é um gesto, porque consegue ser comum a todos, mas diferente em cada um que a pratica, pois ela promove uma relação de significação do próprio sujeito consigo mesmo, e isso em cada um se dá de uma maneira peculiar.

Compreendemos que o gesto faz sentido para o outro da rede porque já está no ritual da prática essa ordem de funcionamento, já se estabilizou dessa maneira e não de outra. Podemos explicar isso a partir das ferramentas das próprias plataformas em que são compostas pelas opções: *curtir*, *reagir*, *comentar* e *compartilhar* ou como no *Instagram* em que a opção é curtir (clicar no coração), comentar ou compartilhar. No *Twitter* a opção mais usada é compartilhar, ou seja, caso ninguém selecione uma destas opções para a imagem postada, ficará a partir desse gesto como uma possibilidade de sentido para o produtor da *selfie* de que sua imagem não foi interessante para ninguém. O que acabamos de explicar procede semelhantemente ao exemplo dado por Althusser sobre o ritual de cumprimentar alguém que conhecemos quando o encontramos.

A prática e o gesto da *selfie* tem estrita relação com a questão do corpo. Neste trabalho, consideramos o corpo como uma noção discursiva, de acordo com o modo como Orlandi (2012) concebe. A autora afirma que quando o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, traz consigo seu corpo por ela também interpelado. Nessa direção, explica ainda que na perspectiva discursiva a ideologia é uma prática e que esta prática envolve, afeta, e faz parte do processo de significação do corpo do sujeito.

Desse modo, compreendemos que no exercício de olhar-se e reproduzir-se desde o autorretrato até a *selfie*, o corpo social é submetido às formações imaginárias, relacionadas à conjuntura sócio-histórica e ideológica na qual os sujeitos são inscritos. Dessa forma, a

significação do corpo se inscreve na ideologia em funcionamento, afetando diferentemente em cada período o olhar do sujeito para si. Certamente, as condições históricas e ideológicas que constituíam o olhar do sujeito na prática do autorretrato não são exatamente as mesmas que regem a da *selfie*, há algo que se repete que é da ordem da falta constitutiva do sujeito de linguagem em ambas às práticas, mas na *selfie* há um atravessamento diferente, relacionado à instância da circulação que é o meio para onde a imagem de si é projetada e reproduzida, pois a formação ideológica do século XXI é digital e capitalista (de consumo). “Quando dizemos que o corpo é opaco e tem uma memória é porque, enquanto materialidade discursiva, carrega junto de si efeitos de determinações históricas, sociais e ideológicas”. (SCHONS, 2015, p. 187).

Compreendemos essa relação discursiva de projeção e significação que o sujeito estabelece com o próprio corpo, para fazer dele uma imagem digital, a partir do modo como a Análise de Discurso os conceitua (corpo e imagem) que é diferente da biologia ou da área de “tecnologia de imagens”. Nos estudos da teoria do discurso o que existe são sujeitos e não indivíduos e as imagens não são meras cópias da realidade.

A questão da imagem encontra assim a análise de discurso por um outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória “perdeu” o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições). (PÊCHEUX, 2015. 49).

Essa noção serve de apoio para compreender tudo aquilo que se pode chamar de imagem. Portanto, relevante para nossa pesquisa, pois a *selfie* é uma imagem do corpo. No campo das imagens, a *selfie* marca sua especificidade sendo imagem fotográfica. Para essa modalidade da imagem, a Análise de Discurso já tem suas formas de leitura na qual nos apoiamos. Sobre este assunto consideramos as palavras da pesquisadora Tânia Zen: “O fotógrafo interpreta a história, produz sentidos que se inserem em um conjunto de escolhas possíveis, delimitadas pelas condições de produção do discurso”. (ZEN, 2007, p. 86).

Na explicação da autora, a modalidade da fotografia estudada não está relacionada à *selfie*, mas nos permite pensar sobre a questão de se encontrar, na mesma pessoa, essas duas posições: o fotógrafo e o fotografado, nos sendo necessária, dessa maneira, a noção de subjetividade, que Magalhães e Mariani elaboram:

Em resumo, a subjetividade – no que ela se mostra, no que se esconde, no que é repetição ou equívoco, no que se marca como diferença, no que se

inscreve enquanto homogeneidade – resulta do acontecimento da linguagem no sujeito. Um acontecimento que tanto possibilita a singularização da diferença quanto a regulação do sujeito relativamente a uma universal adaptação do sujeito à ordem cultural e social através do mesmo simbólico que o constituiu. (2010, p.398).

A subjetividade inscrita na *selfie* se institui a partir dos diferentes rituais de linguagem produzidos pelo discurso digital. Desse modo, esse sujeito de linguagem, movido pela falta que o constitui, esse vazio entre um significante e outro - sem se dar conta que essa incompletude é constitutiva da linguagem e, conseqüentemente, do sujeito - estará constantemente buscando se completar nas mais variadas formas de manifestação da linguagem. Observamos esse processo de subjetivação no gesto da *selfie*, em que o sujeito ao buscar saber de si se fotografa, movido por essa emergência de se conhecer e de se mostrar. É um gesto de dizer para si e para os outros sobre quem ele é (ou deseja ser). Mas esse sujeito não é sempre o mesmo. Então, uma imagem fotográfica, formulada enquanto *selfie*, que ele reproduz de si, pode não corresponder à sua imaginária completude. Esse funcionamento convoca para nosso estudo o conceito de Narcisismo¹, advindo da Psicanálise, que compreende esse processo de constituição do *eu* na relação com o outro. Um estudo voltado a imagem que o sujeito adquire de si.

Acreditamos que os conceitos apresentados são basilares para o desenvolvimento da nossa pesquisa, pois nos forneceram condições para compreender a *selfie* enquanto uma produção da linguagem em formato digital.

¹ Essa noção será desenvolvida juntamente às análises das *selfies*, no capítulo VI – *A relação especular entre corpo e imagem no discurso da selfie*.

CAPÍTULO II – A FORMA SUJEITO HISTÓRICO, A INFORMÁTICA E OS ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA(GEM)

Estudiosos da área da comunicação asseveram que estamos vivendo a terceira grande mudança histórica e social decorrente da tecnologia. A primeira foi marcada pela invenção da escrita, e, para os historiadores, essa invenção marca uma divisão tradicional na História, entre a chamada Pré-história (fase antes da escrita) e a História. No século XVI, surgiu a imprensa promovendo o começo da Idade Moderna. Em sequência, porém, mais recentemente, houve a invenção da informática, sendo esta a terceira grande mudança e o princípio fundamental para o período denominado Pós-modernidade ou Modernidade Líquida, conforme designa o sociólogo polonês Zigmunt Bauman (2001). Não obteríamos êxito em tentar qualificar alguma dessas grandes mudanças como a mais eficaz, além disso, não é o que pretendemos. Consideramos todas estas transformações de igual importância, cada uma de acordo com suas condições sociais, históricas e políticas. No entanto, aprofundaremos nossas discussões a respeito da informática; considerada um campo de pesquisa (que trabalha com o tratamento da informação por meio de computadores e outros dispositivos de processamento de dados), e também de desenvolvimento econômico que afeta a sociedade e, por conseguinte, a linguagem.

É sobre esta segunda característica apresentada sobre a informática, enquanto campo de desenvolvimento econômico, que nos detemos neste trabalho para compreender como a sociedade, a linguagem e seus estudos têm sido afetados por este domínio estruturado no efeito de uma “lógica de exatidão”. Para isso, buscamos apoio nas considerações de Michel Pêcheux, principalmente sobre a influência do desenvolvimento econômico da sociedade nos estudos da linguagem nos anos 50. Estamos falando sobre as “[...] determinações históricas que vêm “assinalar” as sucessivas redes de afinidades da Linguística – desde os anos 50 até o período atual [...]”. (PÊCHEUX, 1998, p.14).

Todo esse processo que afeta os estudos linguísticos se inicia no contexto do pós-guerra, e a principal influência desse período é de ordem econômica, em que os objetivos se concentravam em desenvolver e, até mesmo aprimorar, objetos tecnológicos de todas as ordens, inclusive para regulação e tratamento do humano e do texto. Pêcheux em seu texto *Sobre a desconstrução das teorias linguísticas*, explica como essas questões estão

relacionadas a algumas concepções linguísticas que se desenvolveram afetadas por este contexto histórico.

2.1 O momento de aparente unificação da Linguística dos anos 50, na forma dominante do funcionalismo, coincide com a retomada do desenvolvimento industrial do pós-guerra, que precisa do desenvolvimento e da difusão de novos procedimentos tecnológicos, nas esferas da produção, da formação profissional, da educação e da saúde. (PÊCHEUX, 1998, p.15).

No mesmo texto, Pêcheux tece também algumas considerações sobre a teoria da informação e dos desafios para os engenheiros da telefonia. Todas estas questões fizeram parte da constituição dos estudos da língua no século passado, não como a única forma, pois logo surgiram os estudos discursivos do próprio Michel Pêcheux, de Lacan na Psicanálise, entre outros estudiosos com concepções diferentes a sua época.

O problema das “comunicações” (que se tornaria, por deslocamento metafórico, o tema principal das *ideologias do consenso*) foi inicialmente um quebra-cabeça para os engenheiros da telefonia: a teoria da informação (Shannon e Weaver) se constitui neste terreno, em que o *emissor* e o *receptor* são instrumentos, antes de serem os sujeitos falantes que os utilizam. (PÊCHEUX, 1998, p.15, [Grifos do autor]).

Pelo que podemos observar, tudo era pensado pelas regras da lógica. A força estava na exatidão dos números. Conforme veremos a seguir, ainda no texto de Pêcheux, as teorias de aprendizagem tiveram como modelo o esquema da “caixa preta” para estruturar o comportamento verbal. A cibernética² motivou o desenvolvimento dos mecanismos autorreguláveis das máquinas e dos homens. E a matemática, com seus modelos estatísticos para o tratamento de mensagens, possibilitou o surgimento dos chamados computadores. Vejamos detalhadamente a este respeito nas palavras de Pêcheux:

Simultaneamente, os trabalhos de Von Neumann confrontam os modelos matemáticos, neuropsicológicos e econômicos da comunicação (i.e. a

² A Cibernética foi fundada pelo matemático Norbert Wiener em seu livro *Cibernética*, de 1948, e é o estudo do controle em sistemas estáveis, sejam mecânicos ou biológicos, e parte do pressuposto de que a informação pode ser quantificada, assim como a matéria e a energia. Insere-se em uma perspectiva de formulação de base mecanicista na maneira de compreender os fenômenos naturais e humanos, de modo que procura estudar os processos comunicacionais e o tratamento da informação em seus aspectos quantificáveis: codificação e decodificação, realimentação, aprendizagem etc, sempre visando o controle da entropia natural presente também em máquinas e seres humanos. Entende-se por entropia “[...] a tendência estatística da Natureza para a desordem” (WIENER, 1968, p. 28). A base da teoria cibernética é a tentativa de controlar tanto máquinas como seres vivos pela compreensão dos mecanismos da comunicação. (PEREIRA, 2016, pp. 54-55)

transmissão de informação entre pares), e desembocam, em associação com Morgenstern, na “teoria dos jogos” (que se quer uma teoria geral das *interações*, concebidas como troca de informações) (cf. Plon, 1976). A noção de homeostasia emerge, desta forma, enquanto categoria interdisciplinar, visando dar conta, em termos de circuitos de informação, de regulamentos comportamentais suscetíveis de caracterizar tanto uma máquina quanto um animal ou um grupo social: a *psicologia behaviorista* (skinneriana e pavloviana) adota o esquema da “caixa preta” como modelo adequado às suas teorias de aprendizagem (enquanto regulação instrumental do jogo “das entradas” e das “saídas” estruturando o comportamento – e em particular o “comportamento verbal”); a *cibernética* desenvolve mecanismos autorreguláveis (o homeostato de Ashby, o perceptron de Seymour Papert e as tartarugas eletrônicas de Grey Walter...), simulando diversos tipos de comportamentos “normais” ou “patológicos”; a matemática desenvolve, ao mesmo tempo, modelos estatísticos e probabilistas destinados a tratar as “mensagens” enquanto fluxo de informação, e teorias formais (derivadas dos trabalhos de Turing), autorizando a programação de cálculos lógicos (os primeiros computadores à válvula necessitavam de vários andares de um prédio para efetuar o que um microprocessador condensa hoje em alguns mm³!); no horizonte, vislumbram-se os projetos iniciais de *tradução automática* – que iam desembocar na estrutura não markoviana da sintaxe, e as primeiras tentativas de *simulação de inteligência* (a noção de inteligência artificial apareceu em 1956), visando à construção de dispositivos capazes de raciocínio. (PÊCHEUX, 1998, p. 15-16, [Grifos do autor]).

Para compreendermos como e por via de quem estas injunções técnicas e matemáticas chegaram aos estudos linguísticos, apresentamos dois representantes: Edward Sapir e Roman Jakobson. Ambos eram participantes das conferências promovidas pela The Macys³ ocorridas entre os anos 1946 e 1953, que, ao todo, totalizaram dez encontros interdisciplinares onde o requisito necessário para todos era ter em comum o objetivo de desenvolver uma ciência da mente para desvendar o seu funcionamento e desenvolver planos de saúde mental para o mundo. E foi desses encontros que surgiu a cibernética. Antes de continuarmos falando sobre os dois linguistas, consideramos importante trazer o que Pêcheux compreende de todo esse processo que estava ocorrendo:

Nesta trama de aproximações interdisciplinares que marcou a conjuntura dos anos 50, transparecia, no estado embrionário, um desejo utópico de “dominar o mundo”, associado a este humanismo político de boas intenções que, por exemplo a UNESCO, desde sua criação em 1946, se pôs a difundir: a ideia de uma regulação psico-bio-cibernética dos comportamentos humanos, individuais, e sociais, através da ergonomia, da medicina, e – sobretudo – da educação aparece como a última repercussão do *esquema funcional da*

³ Fundação que “financia organizações que são criadas ou desenvolvidas para promover esse valor”, o da saúde mental (DIAS, 2012, p. 13-14).

comunicação linguística, projetada em um meio “científico” em função das afinidades eletivas que acabam de ser lembradas. Esse desejo sistêmico-funcional não dispunha na época de condições (biológicas, neurofisiológicas, cibernéticas e informáticas) necessárias à sua realização, mas o projeto estava traçado; [...]. (PÊCHEUX, 1998, p.16, [Grifos do autor]).

Nesse aspecto, as contribuições de Sapir para o desenvolvimento da escola linguística norte-americana é afetada também por concepções mentalistas, pois o linguista “não encara a forma linguística dissociada do conteúdo significativo, e procura colocar a língua em suas associações inelutáveis com a psicologia e a lógica”. (CÂMARA Jr., 1961, apud DIAS, 2012, p.14).

Roman Jakobson, sendo um dos participantes do grupo de estudiosos da The Maycs, que deu origem a cibernética, em sua relação com esse grupo, produziu efeitos em seu modo de compreender a língua concebendo-a como um “sistema de codificação estruturando a troca de informações”. (LAFONTAINE, 2004, apud DIAS, 2012, p. 16). Podemos mencionar uma de suas obras, em que é possível perceber a força das concepções ciberneticistas, a chamada *Linguística e teoria da comunicação* (1961), embasada na obra *Teoria matemática da comunicação* de Claude Shannon e Warren Weaver, dois engenheiros matemáticos. A respeito da relação entre estas duas obras, Cristiane Dias afirma que:

No que diz respeito à obra de Wiener, a influência sobre a teoria de Jakobson refere-se à questão da mensagem e do código e a exclusão da dimensão subjetiva da fala. Ainda segundo Lafontaine (2004), o linguista chega a fazer uma analogia com o computador e com as ideias da cibernética, ao dizer que o engenheiro da comunicação aproxima-se de modo mais adequado da essência do ato de fala quando sustenta que, na troca ótima de informação, o que fala e o que ouve têm a sua disposição mais ou menos o mesmo ‘fichário de representações pré-fabricadas’”. (DIAS, 2012, p. 16).

Ainda sobre essa discussão acerca do domínio da informática nos estudos da linguagem no contexto do século XX, em que tais estudos tomavam a linguagem em uma direção voltada ao campo da regulamentação, algo funcional, voltamo-nos novamente às palavras de Pêcheux:

Apesar dos esforços excepcionais de linguistas como Jakobson para dar conta da tarefa, e fazer valer o estatuto poético da linguagem humana, levando a argumentação para o terreno do funcionalismo, a linguística dos anos 50 continuou presa neste imaginário interdisciplinar da comunicação como *regulação funcional controlada*: ela o havia previamente de forma indireta autorizado, senão suscitado, ao denominar-se “funcionalista”. (PÊCHEUX, 1998, p.16, [Grifos do autor]).

Conforme apresentado nas discussões, entendemos como os estudos da linguagem foram afetados pela conjuntura histórica das evoluções tecnológicas. Destacamos, portanto, que não só os estudos sobre a linguagem foram e estão sendo afetados, mas também o surgimento e as ressignificações das práticas de linguagem.

O contexto histórico relacionado às condições econômicas pode ser considerado um motor, que, ao mesmo tempo em que gera novos espaços de dizer, busca conter ou até mesmo instrumentalizar a linguagem. Recorremos, na forma de exemplo, a uma das primeiras invenções tecnológicas em que seus efeitos ressoam e contribuem para a criação de muitas outras tecnologias. Esta invenção foi pensada inicialmente dentro de um cenário econômico, mas seus efeitos estão presentes nos mais diversos segmentos de uma sociedade, estamos falando da escrita.

[...] a invenção da escritura está ligada a uma necessidade econômico – comercial, basta dizer que a Mesopotâmia, berço da origem da escrita (-400), era, por excelência, diz o autor, o lugar das trocas comerciais. Assim, começa a se desenvolver outro tipo de sistema econômico-comercial a partir da escrita, do registro da letra. (DIAS, 2013, p.52).

É nesse sentido que propomos a relação do econômico com o desenvolvimento das novas práticas de linguagem e na ressignificação das que já existem. Nesse jogo, de um movimentar o outro, o econômico não se mantém sem a linguagem e suas possibilidades, e recorrendo a ela, explora sua propriedade que permite a existência das formas de significar. Na esteira da evolução da escrita, muitas outras vieram surgindo até chegar às tecnologias digitais, que constituem o campo da informática, atualmente sustentada na “ideologia da comunicação” (necessidade de tudo dizer, informar) através da construção do que hoje chamamos “meios de comunicação”. (DIAS, 2013, p. 52).

Isso se dá por vários “meios” que contribuem para essa “ideologia da comunicação”. Desde a invenção da escrita; passando pelos meios de transporte, como as **grandes navegações**, que deram início a uma forma de economia mediada por redes de comunicação a distância e que, através do traçado do mapa-múndi, já instituem um sentido de unidade para o mundo, apagando outros sentidos possíveis, outros trajetos do sentido; até as mídias contemporâneas surgidas pelo avanço da tecnologia digital, que reforçam o sentido da globalização, da sociedade interconectada pela rede mundial de computadores. Um sentido de mundo único, de unidade e completude para o mundo e para o sujeito. Como sabemos, o lugar da unidade do sentido é o lugar em que as relações de poder podem se estabelecer com facilidade,

exercendo o controle sobre a vida de sujeitos em todos os seus aspectos. (DIAS, 2013, p. 52-53, [Grifos nosso]).

Retomando a questão do surgimento das grandes navegações, ressaltamos que esta invenção é parte fundamental na consolidação do capitalismo em sua fase inicial (XVI-XVIII), ainda denominado como: Capitalismo-Comercial ou Pré-capitalismo. A instalação desse sistema econômico que veio substituir o modo de produção feudal não promoveu mudanças apenas no âmbito econômico, seus efeitos vão muito além dos modos de produção.

Compreendemos, a partir do aparato teórico da Análise de Discurso, que os princípios que regem o capitalismo afetaram todos os segmentos de organização e funcionamento das sociedades. Provocou rupturas e deslocamentos nos sentidos que até então estavam postos. Tudo passou a ser ressignificado, e nessa conjuntura, a linguagem e consequentemente o sujeito também foram afetados. Nessa direção, recorremos aos estudos de Orlandi que explica detalhadamente como essas mudanças significaram na forma sujeito:

O modo de interpelação do sujeito capitalista pela ideologia é diferente do modo de interpelação do sujeito medieval (E. Orlandi, 1996): se, no sujeito medieval, a interpelação se dá de fora para dentro e é religiosa, a interpelação do sujeito capitalista faz intervir o direito, a lógica, a identificação, (E. Orlandi, 1987). Nela não há separação entre exterioridade e interioridade, mesmo se, para o sujeito, essa separação continue a ser uma evidência sobre a qual ele constrói, duplamente, sua ilusão: a de que ele é a origem de seu dizer (logo, ele diz o que quer) e a da literalidade (aquilo que ele diz só pode ser aquilo) como se houvesse uma relação termo-a-termo entre linguagem, pensamento e mundo. (ORLANDI, 2012, p.104)

Como vimos, houve uma transformação na forma sujeito. Os mecanismos ideológicos na interpelação dos indivíduos passaram a funcionar na forma de lei jurídica e com isso modificou-se também a relação do sujeito com a linguagem. Conforme mostra a autora citada: com o capitalismo o sujeito tem a ilusão de ser a origem do próprio dizer e com isso diz o que “quer”. Além disso, instaura-se a ilusão de literalidade, algo muito semelhante ao funcionamento da lógica em si. É por isso que dizemos que estas questões surgem e se mantêm em relação com a linguagem.

Predominantemente, tanto as invenções tecnológicas, quanto a instauração do capitalismo, como sistema econômico vigente, são pensados na questão da compra e venda. Mas quando este sistema e suas invenções promovem a ilusão de literalidade, como vimos nas palavras de Orlandi, e de mundo único, como nos afirma Cristiane Dias, compreendemos que

a sustentação destes está relacionada ao funcionamento da linguagem que é estruturada pela falta marcada pelo vazio entre um significante e outro. É como se a ideologia do capitalismo, da globalização e da comunicação encontrasse na propriedade da linguagem a condição necessária para se perpetuar nesse sujeito que busca incessantemente preencher o vazio da linguagem que o constitui. Sobre essa relação do significante com a falta, Magalhães e Mariani nos explicam:

Como vimos, a transmissão do significante vem do outro e nessa transmissão tanto se efetiva a possibilidade de tornar-se sujeito... falante quanto faltante. Se podemos supor que a transmissão da falta se dá pelo contato com os pequenos outros, não podemos descartar a sociedade, a cultura e a história, enfim, o meio no qual o sujeito se insere. Esse meio sócio-histórico produz efeitos no modo como a transmissão se realiza. (MAGALHÃES E MARIANI, 2010, p. 405).

Faz parte das pesquisas desenvolvidas por Dias (2013), a relação entre linguagem e tecnologia e os sentidos que essa relação produz na sociedade contemporânea. Como esta pesquisa se propõe analisar a *selfie* como uma prática das tecnologias digitais, mostramos como a autora compreende os efeitos em específico destas tecnologias:

[...] Como se, a partir das novas tecnologias digitais, o homem tivesse finalmente encontrado a solução para tudo aquilo que faz dele humano. É esse efeito de sentido que se produz para tecnologia com o advento da Internet. Como se, a partir dela, pudéssemos construir uma sociedade igualitária (discurso das políticas públicas de inclusão digital), um mundo sem fronteiras (discurso da globalização), uma educação mais abrangente e eficaz (discurso da EAD e dos Programas de Educação), uma Ciência onipotente, uma memória sem falhas, um corpo sem fragilidades (discurso da Ciência) e assim por diante. (DIAS, 2013, p. 60)

Os efeitos produzidos demonstram aquilo que o sujeito do capitalismo quer “ter e ser”, porque são tecnologias que nascem nessa conjuntura histórica. Nesse sentido, consideramos que as redes sociais funcionam como uma espécie de mídia, ou seja, é também um aparelho ideológico que atualmente apresenta-se mais determinante que a mídia televisiva. Os efeitos que as redes sociais promovem vão ao encontro do que o sujeito demandado pela ideologia capitalista busca, e quando enlaçado nessa rede, este se encontra preso às determinações do técnico, que mais o distancia do que aproxima, que mais negam do que permitem e etc., uma efetiva relação social com o outro. Nessa direção, vale retomar as palavras de Orlandi, na definição sobre o modo como se configura o sujeito capitalista na contemporaneidade:

O sujeito moderno – capitalista – é ao mesmo tempo livre e submisso, determinado (pela exterioridade) e determinador (do que diz): essa é a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito a direitos e deveres) e de sua coerência (não-contradição) que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de (por) sua vontade. Não só dos outros mas até de si mesmo. Bastando ter poder. (ORLANDI, 2012, p. 104).

Apresentada as características que compõem a forma sujeito capitalista, relacionamos aos estudos desenvolvidos pela pesquisadora Cristiane Dias, que nos explica, a partir do aparato teórico da Análise de Discurso, que o efeito que a tecnologia digital produz é o de completude. Para a autora, a relação entre a linguagem e a tecnologia é vista:

[...] enquanto uma relação de sentidos possíveis que venha a perturbar os sentidos estabilizados que a tecnologia produz na sociedade contemporânea, sobretudo a partir da tecnologia digital, cujo efeito é o de completude. Como vimos, o digital modificou a própria noção de tecnologia. A passagem do analógico ao digital não é simplesmente uma questão técnica, mas diz respeito a uma mudança na forma de significação do mundo. (DIAS, 2013, p. 59).

Conforme a autora explica, a tecnologia digital modificou até mesmo a própria definição de tecnologia. Quando se fala em tecnológico, atualmente a ideia que se tem é a do digital, excluindo ou considerando ultrapassado aquilo que é da ordem do analógico. Além disso, a sociedade que se instaurou com o surgimento do digital e sua relação com a linguagem não é a mesma da era analógica, tudo isso por questões ideológicas, principalmente quando se fala da ideologia da comunicação. Vejamos como a autora analisa esse processo da ideologia na relação entre linguagem e tecnologia:

[...] Não estou dizendo que uma substitui a outra, mas que a relação linguagem e tecnologia se constitui discursivamente no processo em que a ideologia da comunicação se torna uma necessidade de calar o silêncio, de apagar a incompletude da linguagem (e do sujeito). (DIAS, 2013, p. 59).

Nesse processo, reconhecemos como o econômico, na sua relação com as criações tecnológicas, afetam a linguagem, seus estudos e o sujeito, não sendo uma questão exclusiva do século XXI.

Com isso, a tecnologia vai, ao longo dos séculos, se constituindo como um campo de questões, de produção de discursividades, através do qual os sentidos do excesso (do dizer), da completude, da unidade do sentido e do

novo se afirmam. Em suma, o lugar das relações de poder, uma vez que controlar o sentido é uma instância de poder. (DIAS, 2013, p, 59).

Ainda pensando os efeitos da tecnologia na forma sujeito histórica capitalista, temos uma constatação um tanto intrigante a ser discutida. A ideologia da era conectada, com ênfase na circulação tem interpelado de tal modo que em alguns casos provoca a morte física. Tendo em vista que para circular na rede é necessário produzir sempre, ainda que para se alcançar este objetivo seja necessário radicalizar. É o que temos visto acontecer principalmente quando pensamos nas *selfies* trágicas em que os sujeitos desafiam a própria existência para fazer uma *selfie* que circule mais do que a dos outros. Sobre este assunto podemos recorrer aos acontecimentos na Rússia em 2015, em que as autoridades tiveram que criar uma campanha preventiva para combater um tipo de fatalidade bastante inusitada que estava crescendo muito no país: a morte por *selfie*.

Conforme informações publicadas na página da BBC⁴, com o título: “Após mortes, russos criam ‘Cartilha da *selfie* segura’”, estatísticas oficiais apresentam que em 2015 dez pessoas morreram em acidentes durante tentativas de *selfies*. Com objetivo de evitar esse tipo de fatalidade elaboraram uma cartilha de orientação e distribuíram recomendando a não realização desta prática em lugares de risco, conforme explicitado na cartilha desenvolvida. Apresentamos abaixo a imagem da cartilha, recortada no vídeo publicado pela página online da BBC:

⁴Disponível em:

http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2015/07/150708_russia_selfie_mortal_fd Acessado em: 10. marc. 2016.



Figura 4: Print da "Cartilha da *Selfie* segura".

O discurso preventivo da cartilha nos faz compreender estes acontecimentos como a busca extrema pela variedade do mesmo sob a ilusão de criação do novo, para ter a *selfie* mais curtida, comentada e compartilhada. Esse funcionamento é um exemplo do que Vitor Pequeno (2014) afirma sobre as relações serem da ordem do consumo nas redes sociais. A ideologia tem condicionado as pessoas a estarem sempre se mantendo nessa relação da circulação enquanto produto de consumo. Com as *selfies* trágicas podemos ver como o corpo é submetido à ordem do significante afetado pela ideologia, pois essa prática de *selfie* se inscreve no pré-construído⁵ da circulação, desconsiderando os riscos de vida. Nesse momento o corpo é ignorado, silenciado e totalmente submetido ao efeito da ideologia de mercado.

Compreendemos que a superestrutura do consumo ancora o funcionamento da ideologia capitalista e os indivíduos estão sendo interpelados por ela. Desse modo, as redes sociais e as textualidades que as constituem, sendo vistas pela teoria do discurso, são excelentes materiais para nos ajudar a entender as mudanças que vem ocorrendo na forma histórica do sujeito.

⁵ Foi isso que levou P. Henry a propor o termo “pré-construído” para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é “construído” pelo enunciado. Trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático. (PÊCHEUX, 2014, p.89).

CAPÍTULO III - DA OPACIDADE DA PALAVRA *SELFIE* NO DISCURSO DIGITAL

Diante do que já discutimos, apresentamos como as condições de produção do discurso digital permitiram a formulação e circulação da palavra *selfie* com o sentido de imagem fotográfica, uma vez que antes das redes sociais existia apenas *self-portrait*/autorretrato. Nessa direção, consideramos também que o discurso digital não promove isso sozinho, nenhuma palavra vai surgir sem uma memória, sempre haverá relação com o já dito.

Ao tocar essa questão, recorremos ao blog do dicionário Oxford⁶ que lançou o termo *selfie* como a palavra do ano, em 2013, e o incluiu como verbete na versão *online* do dicionário. Também buscamos nos dicionários de Língua Portuguesa do Brasil, em formato digital, para saber se já incluem ou não *selfie* como verbete, e se o incluem como definem. Porém não encontrando, recorremos aos dicionários *online* de Língua Portuguesa de Portugal: Infopédia, Priberam e Dicio. A razão da escolha dos dicionários *online* está para o fato de que, com o avanço da tecnologia e a facilidade no acesso à *Internet*, os dicionários *online* são mais acessíveis e, portanto, mais acessados. O estudo dos dicionários não é algo novo no campo das pesquisas na Análise de Discurso. Há uma vasta pesquisa muito bem elaborada sobre essa temática, e o estudioso José Horta Nunes é uma referência nesse campo. Para tanto, recorremos aos seus estudos para um melhor entendimento dessa questão.

Em primeiro lugar, significa que o dicionário não é algo que estaria na mente das pessoas desde que elas nascem, mas, sim, algo que é produzido por práticas reais em determinadas conjunturas sociais, ou seja, o dicionário é produzido sob certas condições. E as palavras não são tomadas como algo abstrato, sem relação com os sujeitos e as circunstâncias em que eles se encontram, mas sim como resultantes das relações sociais e históricas, relações essas que são complexas e, por vezes, polêmicas ou contraditórias. Assim, o dicionário é visto como um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, para um público leitor, em certas condições sociais e históricas. (NUNES, 2010, p. 6-7).

⁶ Disponível em <https://blog.oxforddictionaries.com/2013/11/18/word-of-the-year-2013-winner/>
Acessado em: 10. Out. 2016.

A versão digital do *Oxford living dictionaries*⁷ define *selfie* como um substantivo informal, que também pode ser usado com “y” no final: *selfy*. Afirmar também que essa palavra refere-se a uma “fotografia que alguém tira de si mesmo”, normalmente com um *smartphone* ou *webcam* e “compartilha nas redes sociais”. Aqui encontramos um apontamento importante dado pelas definições do dicionário, pois é exatamente a questão do compartilhar/circular que sustenta o foco desta pesquisa, de que para ser *selfie* tem que ser postada e compartilhada nas redes para que haja o processo da circulação.

O blog da equipe do dicionário *Oxford*, que elege anualmente a palavra do ano, comumente traz algumas informações sobre a palavra escolhida. Desta forma, recortamos formulações do texto publicado na página que dizem especificamente sobre a formação da palavra *selfie*. No recorte apresentado abaixo é mencionado o espaço em que o nome (*selfie*) apareceu pela primeira vez, sendo em fóruns *online*. Traz também a palavra *Self-portraits* dando a ideia de que *selfie* seria “quase” que um sinônimo deste. Vejamos estes fragmentos na íntegra:

The term’s early origins seem to lie in social media and photosharing sites like Flickr and MySpace. But usage of it didn’t become widespread until the second decade of this century and it has only entered really common use in the past year or so. **Self-portraits** are nothing new – people have been producing them for centuries, with the medium and publication format changing. Oil on canvas gave way to celluloid, which in turn gave way to photographic film and digital media. As the process became snappier (pun intended) so has the name. And now as smartphones have become de rigueur for most, rather than just for techies, the technology has ensured that *selfies* are both easier to produce and to share, not least by the inclusion of a button which means you don’t need a nearby mirror. It seems likely that this will have contributed at least in part to its increased usage. By 2012, *selfie* was commonly being used in mainstream media sources and this has been rising ever since⁸. (Grifos nosso).

⁷Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/selfie> Acessado em: 02. Jul. 2016

⁸ As origens iniciais do termo parecem residir em mídias sociais e sites de compartilhamento de fotos como Flickr e MySpace. Mas o uso deste não tornou-se generalizado até a segunda década deste século e só entrou em uso em meados do ano passado. **Autorretratos** não são novos – pessoas o produzem há séculos, mudando o formato e as formas de publicação. Óleo sobre tela transformou-se em celuloide, que, por sua vez, transformou-se em filmes fotográficos e mídias digitais. À medida que o processo tornou-se mais rápido (trocadilho), o nome também. E agora, como os smartphones tornaram-se “obrigatórios” para a maioria, em vez de apenas para os técnicos, a tecnologia assegurou que *selfies* ficaram mais fáceis de produzir e de compartilhar, inclusive pela inclusão de um botão, o que significa que você não precisa de um espelho próximo. Parece provável que isso tenha contribuído, pelo menos em parte, para o aumento do uso. Até 2012, o *selfie* costumava ser usado nas principais fontes de mídia, e isso vem aumentando desde então. (Grifos nossos)

Recortamos também outro excerto do texto publicado na página do blog, que diz em termos de língua o funcionamento do sufixo – *ie* na formação da palavra *selfie*:

Early evidence for the term show a variant spelling with a –y ending, but the – ie form is vastly more common today and has become the accepted spelling of the word. It could be argued that the use of the-*ie* suffix helps to turn an **essentially narcissistic enterprise** into something rather more endearing. It also provides a tie-in with the word’s seemingly Australian origins, as Australian English has something of a penchant for -ie words – *barbie* for barbecue, *firie* for firefighter, *tinnie* for a can of beer, to name just three⁹. (Grifos nossos).

Observado os exemplos citados, o blog do dicionário *Oxford* considera que na Austrália a palavra *barbie* é uma redução da palavra *barbecue*, significando ambas a mesma coisa, assim como o exemplo das palavras *firie* e *firefighter*. A partir dessa recorrência, querem dizer que com a palavra *selfie* ocorreu a mesma coisa. Mas, da perspectiva da qual analisamos, consideramos que há uma diferença nessa relação. *Selfie* não significa o mesmo que *self-portrait*.

Não negamos que haja sim uma relação de semelhança entre elas que está para além da palavra, (*selfie/self-portrait*), na relação com o gesto marcado pela falta constitutiva do sujeito de linguagem, significado em ambas as práticas, em que o foco é a si mesmo. Mas tomá-las como a mesma coisa é desconsiderar a materialidade própria de cada uma, que será formulada diferente em cada período, como nos explica Orlandi (2012, p. 11-12): “Os meios não são neutros”. Desse modo, o aparato tecnológico utilizado em cada prática (autorretrato e *selfie*) implicará também a diferença em cada processo, considerando a constituição, a formulação e a circulação. Pois a tecnologia é resultado do processo histórico e ideológico da época.

⁹ A primeira evidência para o termo mostra uma variante de ortografia com um -y final, mas a forma – ie é vastamente mais comum hoje e tornou-se a ortografia aceita da palavra. Isso pode ser justificado já que o uso do sufixo - ie ajuda a dar um toque essencialmente narcisista em algo bastante mais cativante. Ele também fornece um vínculo com as origens aparentemente australianas da palavra, pois o inglês australiano tem uma propensão para as palavras com o sufixo -ie - *barbie* para *barbecue* (churrasco), *firie* para *firefighter* (bombeiro), *tinnie* para uma lata de cerveja, para citar apenas três.

barbie¹ 

NOUN

*Australian, NZ
informal*
A barbecue.

Definition of *firie* in English:

firie 



NOUN

*Australian
informal*
A firefighter.
'there's always a *firie* nearby to rescue you or your house from flames'

Definition of *self-portrait* in English:

self-portrait 

NOUN

A portrait that an artist produces of themselves.
'a self-portrait of Rembrandt dating back to 1635'

Definition of *selfie* in English:

selfie 

(also *selfy*)



NOUN

informal
A photograph that one has taken of oneself, typically one taken with a smartphone or webcam and shared via social media.
'occasional selfies are acceptable, but posting a new picture of yourself every day isn't necessary'

Figura 5: Prints da página do Google Tradutor

Ao observar estes exemplos, surgem alguns questionamentos: seria então apenas uma redução do termo? Ou a palavra *selfie*, a partir de uma redução se tornou o nome dado para outra coisa? Quem diz ser uma redução são os discursos prescritivistas (dicionário, gramática, páginas de gramatiquinhos...), mas nos próprios exemplos recortados percebemos que essa definição não se sustenta. *Selfie* não é sinônimo de *self-portrait*.

Reconhecemos que, conforme consta nos textos oficiais de língua inglesa a respeito da palavra *selfie*, entende-se que sua significação está sustentada numa memória da língua sobre a palavra *self-portrait*. Para pensar esse processo, recorremos às palavras de Payer:

Com isso estamos ressaltando o quanto, ao se falar sobre a própria língua, enquanto produção humana e sociohistórica, também está se falando de memória, porquanto nela funciona a repetição. A memória trabalha e é

trabalhada, pois na própria construção da língua, e isto constitui o fundamento do que entendemos como discurso. Podemos então dizer que há memória na língua. Há memória discursiva já na língua, não em uma dimensão suposta como ulterior a ela. Para significar, a língua supõe memória ao se dar como repetição. (2006, p. 39).

A partir do que nos diz Payer, temos condições de compreender a respeito dessa palavra, classificada por muitos como neologismo, sendo na realidade, o resultado de uma relação da memória discursiva com a língua. Sobre essa importante relação, precisamos entender o funcionamento da memória, assim como Payer distingue:

Ao falar sobre este aspecto específico da repetição, gostaríamos de ressaltar, entretanto que não estamos falando da *língua “na” memória*, no sentido saussureano de um língua “localizada” na memória no sentido de memória de um indivíduo. Falamos, por outro viés, sobre a *memória “na” língua*, isto é, sobre o modo como os sentidos produzidos e sustentados socialmente, pela repetição, se encontram nisto que chamamos de língua já em seus elementos mínimos. Nesta perspectiva, podemos compreender que o modo como uma sociedade, um povo, produz sentidos historicamente encontra-se marcado em sua linguagem, no modo como ele fala a “sua” língua, ou melhor, a língua que lhe é dado falar por sua história. (2006, p. 39, [Grifos do autor]).

Não tomamos a definição dada pelo dicionário Oxford *online* como única e fechada, mas consideramos como uma possibilidade de sentido que está sustentada na memória da língua dessa formação social. Entendemos que pode haver uma relação entre a palavra *self-portrait* com a palavra *selfie*, há uma marca histórica sustentando esse dizer no contexto da língua inglesa. Entretanto, não podemos incorrer no equívoco de pensar que essa definição seja a única e que o sentido fica fechado apenas ao que foi definido pelo dicionário inglês.

Nos dicionários portugueses de língua portuguesa, recortados para a análise, verificamos que todos apresentam a palavra *selfie* em sua lista de verbetes. Dentre eles, apenas o Infopédia a classifica como “nome feminino”, o Priberam afirma ser um “substantivo feminino ou masculino”, no Dicio encontramos que *selfie* é um “substantivo masculino e feminino”, este dicionário traz ainda alguns sinônimos de *selfie*: “retrato, fotografia, autorretrato”. Todos eles definem o que seria *selfie* a partir da possível tradução do que o dicionário Oxford coloca. Apresentam também qual seria o plural de *selfie*: *selfies*.

Ao constatar que os dicionários *online* de língua portuguesa já incluem *selfie* em seus verbetes não poderíamos deixar de dizer que esse processo é um gesto político. Pois conforme as palavras de Orlandi “o inglês nas condições atuais, já se apresenta como dominante no espaço digital, como língua franca universal da comunicação e do conhecimento, muito em parte pelo apoio tecnológico”. (ORLANDI, 2012, apud Costa, 2016, p. 92). Desse modo, podemos dizer que o gesto político nos dicionários portugueses está em se marcar como o atual e completo, porque traz uma palavra de uma língua dita franca e universal.

A circulação de discursos sobre a mediação tecnológica das relações sociais em larga escala e o imaginário produzido acerca da tecnologia e sua capacidade de diminuir distancias, incluir pessoas, dar acesso ao conhecimento e romper limites se justapõem aos interesses que visam ao capital. (COSTA, 2016, p. 92).

Desse modo, compreendemos que a palavra *selfie* está sustentada na memória da língua em seu contexto sóciohistórico, sem esquecer que “o digital se apresenta na base da produção discursiva” isso devido à “conjuntura sócio-histórica-ideológica que se constitui com o discurso eletrônico” no espaço de enunciação da língua inglesa. (COSTA, 2016, p. 90).

Discursivamente esse fato nos leva a questionar: *como essa palavra se significa no espaço de enunciação do Português Brasileiro? Qual a memória de língua (brasileira, portuguesa, americana, australiana) que sustenta seus sentidos?* Sendo que, no Brasil, não se tem a mesma historicidade da língua inglesa, e, no entanto, a palavra *selfie* é usada com enorme frequência no espaço virtual e urbano, estando presente em músicas, comerciais, programas televisivos, estampado em roupas e etc.

Quando se trata do espaço de enunciação¹⁰ do Brasil, a primeira questão que devemos apresentar parte do determinante do gênero que se marca na oscilação entre: “o/a”*selfie*.

A questão que se coloca apresentou-se inicialmente na oscilação de gênero no determinante da palavra *selfie* no espaço de enunciação da língua portuguesa do Brasil. No período de elaboração de nossa análise, buscamos as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas sobre *selfie* no contexto acadêmico brasileiro. Encontramos alguns artigos de diferentes áreas, inclusive da Análise de Discurso (Pêcheux na França e Orlandi no Brasil), e em contato com estes textos observamos que todos eles mencionam essa oscilação do gênero, mas por não ser

¹⁰ Sobre a noção de espaço de enunciação, ver em Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002).

o foco do que pretendem em seus trabalhos, não problematizam essa questão. Alguns optam em usar uma forma específica e marcada por aspas no decorrer do texto (“o” *selfie* ou “a” *selfie*), outros apresentam em todo o trabalho os dois artigos: masculino e feminino, entre parênteses antes da palavra da seguinte maneira: (o / a) *selfie*.

Diante dessa constatação, consideramos relevante adensar as observações sobre os determinantes que indicam gênero na formulação da palavra. Desse modo, decidimos mapear propagandas relacionadas à prática da *selfie* para saber se nestes espaços o uso dos determinantes oscilavam.

Como resultado dessa observação, apresentamos dois exemplos. O primeiro diz respeito a campanha promocional do Boticário¹¹, em que uma cliente pede para “tirar *uma selfie*” com uma atriz, mas ao realizar o registro verifica a imagem e não se satisfaz com o resultado, pois a atriz não está maquiada. O segundo comercial é da OLX¹², sobre os Vikings que estão “desapegando” de alguns utensílios para custear uma viagem para uma segunda lua de mel. No final da propaganda, o casal alcançou o objetivo de realizar a viagem, e estando no local, a esposa chama a atenção do marido para “o *selfie*”. Desse modo, constatamos que nas propagandas e comerciais o gênero do determinativo também oscila, uns utilizam no feminino, outros no masculino.

Também encontramos essa questão circulando nas redes sociais através de *posts* que tentavam normatizar o uso do gênero para referir-se à palavra *selfie*, especificamente em páginas do *Facebook* que compartilham textos fundamentados na perspectiva gramatical “purista da língua”, reproduzindo, no espaço das redes sociais, o funcionamento das gramáticas, ditando regras para o uso das palavras.

Analizamos um material publicado na página DaLíngua Portuguesa, criada em 2012, por Dali Menezes, graduada em Letras pela Universidade Estadual de Minas Gerais-UEMG, e Pós-graduada em Revisão de Texto na PUC-Minas. A página tem como lema, descrito na foto de capa, o seguinte enunciado:

¹¹Link de acesso ao comercial do Boticário: <<https://www.youtube.com/watch?v=MIMOMitTcuA>>
Acessado em: 10. Marc. 2017

¹² Link de acesso ao comercial da OLX: <<https://www.youtube.com/watch?v=DRepzNi82r0>>
Acessado em 10. Marc. 2017

“Aqui se aprende Português!”.

Trazer estas informações sobre a página não é algo aleatório, faz parte das condições de produção, elemento necessário para compreender qual a perspectiva que direciona e sustenta o compartilhamento da postagem que apresentamos a seguir:



Figura 6: Print da publicação da página DaLíngua Portuguesa

Logo abaixo deste texto escrito, tem-se uma imagem que reitera a produção de sentidos para o texto, em forma de síntese. Vejamos:



Figura 7: Print da publicação da página DaLíngua Portuguesa

Diante do que se apresenta nos textos publicados, percebemos que a página se inscreve numa posição normativa-prescritiva (deve ser assim e não de outro modo) sobre a língua. Essa concepção se mostra através da disjunção (ou) em que sabendo da existência das duas possibilidades de dizer sobre *selfie* haverá uma escolha e automaticamente a exclusão da outra. Desse modo, apenas uma poderá ser usada. A significação do “ou” no *post* está funcionando exatamente como prescreve a gramática: uma conjunção alternativa que “relaciona pensamentos que se excluem.” (ROCHA LIMA, 2001, p. 185), como ocorre, por exemplo, no seguinte enunciado: Iremos a pé *ou* tomaremos um ônibus? O que vemos nas conjunções alternativas é a delimitação de sentidos, não podendo ser dois ou mais. A posição normativista da palavra, publicada no *post*, se completa com o verbo “dever” (devemos) no modo imperativo. A gramática institui esse modo para os verbos que se “aplica às ordens que se dão para o futuro e o passado” (ROCHA LIMA, 2001, p.123). O exemplo apresentado na gramática produz os seguintes efeitos: Faça o que eu lhe digo. Faça o que eu lhe disser. Faça o que eu lhe disse.

Sobre esse processo em que a gramática atravessa a língua, Haroche explica:

Os gramáticos procuram, assim, determinar o mais possível o discurso, com um trabalho incessante sobre a precisão do vocabulário e sobre as

construções. Determinação do léxico e determinação das construções se inscrevem, neles, em uma concepção geral da língua: esta deve refletir o pensamento com precisão, o que exige uma verdadeira teoria da desambiguação. (HAROCHE, 1992, p. 101).

Fazer todo esse levantamento que apresentamos nos direciona a pensar o funcionamento da língua que não se deixa controlar. O que pretendemos fazer aqui não é normatizar o uso, delimitando uma forma ou outra como a correta para a utilização do gênero que determinaria a palavra *selfie*, pois agindo desse modo estaríamos reproduzindo a perspectiva gramatical, algo que foge ao modo como a Análise de Discurso concebe a língua, a qual compreende “a ordem da língua tomada como sistema significante em sua relação com a história, considerada materialidade simbólica, constituída pela ideologia”. (ORLANDI, 1996, apud COSTA, 2016, p. 91).

O que gostaríamos de apresentar, a partir desse material colhido nas observações, é que a língua falha, demonstrando assim sua opacidade e equivocidade. O próprio funcionamento da língua não se deixa controlar, escapa, assim como vimos na oscilação do gênero. Percebemos que essa questão se dá devido a um apagamento da historicidade e da memória da língua, de uma palavra que é utilizada fora de seu contexto, que é a língua inglesa.

No Brasil não podemos dizer que a etimologia da palavra *selfie* seja autorretrato, pois sabemos que sua origem é inglesa. Porém percebemos que tem um apagamento funcionando, porque até poderíamos, ao invés de dizer *selfie*, dizer autorretrato, uma vez que “auto” é também um prefixo usado para designar aquilo que é próprio ou que aponta para si mesmo, conforme consta nos dicionários. Assim como a palavra retrato não precisa necessariamente designar pintura, pois até os dicionários que buscam homogeneizar a língua dizem que a palavra retrato pode, também, designar o que se compreende como fotografia. Então autorretrato também poderia corresponder ao registro feito por uma câmera através de um *smartphone* pelo próprio fotografado. Porém, a ideologia da globalização institui que a palavra é *selfie*.

A globalização é um processo geo-histórico de extensão progressiva do capitalismo em escala mundial e que é ao mesmo tempo uma ideologia (neoliberal), uma moeda (o dólar), um instrumento (o capitalismo), um sistema político (a democracia), uma língua (o inglês). (ORLANDI, 2012, p. 07).

Desse modo, o nome usado atualmente no Brasil, e na maior parte dos países (efeito de mundo único quando se trata do digital), para uma fotografia tirada pelo próprio sujeito para as redes sociais é *selfie*. Percebemos então que os efeitos de sentido para a palavra *selfie* estão relacionados ao gesto. Não temos uma mesma historicidade da palavra *selfie* na língua portuguesa brasileira, assim como no país em que ela foi produzida/falada, especificamente, na Austrália. A historicidade que se forma dessa palavra na língua portuguesa brasileira está atrelada ao gesto/posicionamento de produzir esse tipo de fotografia. No que se refere a palavra *selfie* na língua portuguesa brasileira, a historicidade está relacionada com a própria palavra fotografia. Tal questão é percebida quando encontramos formulações como essa¹³: “Até então, nenhum papa havia *batido uma selfie*, e o Papa Francisco, como sempre carismático, humilde e de alguma forma moderno (afinal existe até o *Twitter* do Papa), surpreendeu muita gente”.

Na Língua Portuguesa essa questão tem oscilado, não chegando a uma forma única, ora o gesto de se auto fotografar é designado como *um selfie* – pensando-se no autorretrato fotográfico, ora *uma selfie* - relacionada com a prática de fotografia digital. Para nossa discussão, optamos por usar um modo específico, no feminino, *uma* ou *a selfie*. Contrariamos a norma, para exemplificar outra possibilidade de sentido possível, para mostrar como a língua transcende a gramática. Ao fazer uso de uma forma muito recorrente “a *selfie*”, apresentamos como o sentido de um estrangeirismo pode, a partir de uma semelhança entre gestos e não da própria palavra, necessariamente, convocar pela memória da língua outra palavra, neste caso a fotografia, mesmo que não oficializada. Ou seja, a norma gramatical é implodida pela memória da língua.

Neste sentido, este trabalho apresenta-se contrário ao que os discursos prescritivistas dizem sobre a formação da palavra *selfie* - em que defendem ser um diminutivo de *self* pelo acréscimo do sufixo “*ie*” e uma “redução” de *self-portrait* por ser uma palavra que surgiu na Austrália onde se tem o hábito de reduzir uma palavra acrescentando o “*ie*”. Vimos que essa regra não se sustenta, porque *selfie* não é significada da mesma maneira que *self-portrait*, como ocorre com os outros exemplos (*barbie* para *barbecue* e etc.)

¹³ Sobre uma das selfies (figura 9) decorrentes das análises realizadas nesta pesquisa: ver o texto na página 73.

Dessa maneira, o que estamos propondo é uma dessuperficialização da palavra, pensar além da questão de *selfie* ser apenas uma redução da palavra autorretrato, uma vez que houve a formação de outra palavra que não é autorretrato. Chamamos a atenção para o fato de que ela também pode significar, tanto na língua inglesa, como no português: “Euzinho (a)”. O que estamos apresentando são possibilidades de significação que a palavra permite, não é algo estanque como propõem os dicionários.

O que compreendemos analiticamente no discurso dos dicionários é que há uma demanda para que as pessoas entendam que a palavra designa literalmente (espelhando) o sentido de autorretrato, e o que estamos propondo vai contra essa ideia. O que o dicionário de língua inglesa, de forma acelerada, quase que na mesma velocidade da *Internet*, vem fazendo com a palavra *selfie* é tentar “convencionalizar” um sentido apenas, fechando as outras possibilidades de significação. O que podemos ver nessa escolha da palavra do ano (organizada pela equipe do dicionário Oxford) é uma forma de dar maior visibilidade, de fazer circular na mídia digital sua convenção dada para a palavra, quer dizer, o dicionário sai da “estante” e vai até o sujeito pela rede.

No entanto, ainda há uma diferença entre “entrar” para pesquisar uma palavra no dicionário *online*, pois esse movimento de busca ainda está muito arraigado a ideia de pesquisa, algo mais academicista, diferentemente do acesso “esporádico” a uma página nas redes sociais. O sujeito é interpelado pelo discurso das redes, de que estando nelas é estar em evidência. Sendo assim, migrar os dicionários para as plataformas digitais é também buscar colocar a língua (homogeneizada) em circulação. Interpelada por esta ideologia, a equipe técnica do dicionário Oxford já tem levado uma versão de sua página para as redes sociais (*Facebook, Instagram, Twitter*, entre outras). Esse movimento mostra os efeitos da relação da tecnologia digital na língua, ressignificando os modos de Constituição, Formulação e Circulação dos dicionários.

Os dicionários portugueses, com interesses político-econômicos, ajudam a reproduzir o sentido estabilizado. Não é de agora que buscam submeter a movência de uma palavra a uma determinada coisa, essa questão vem desde a era clássica. Entretanto, Althusser já alertava sobre essa relação, ao afirmar que “como todas as evidências, incluindo as que fazem com que uma palavra “designa uma coisa” ou “possua uma significação” (...).” (1970, p. 95). Ou seja, a relação direta palavra-coisa, é instituída ideologicamente, pois a palavra não é a

coisa. Por isso há historicidade. É pelo efeito literal que parece que *selfie* e autorretrato são as mesmas coisas, mas não são, porque as palavras são opacas e equívocas, dependendo das condições de produção.

Exemplificamos isso quando mostramos que há mais possibilidades de sentidos ao trazer a questão da subjetividade no discurso da *selfie* a partir da palavra. Toda a discussão que desenvolvemos é para sustentar nossa leitura acerca da possibilidade da subjetividade na palavra *selfie*.

Nesse sentido, compreendemos que a palavra *selfie* demanda uma relação com a subjetividade sustentada no gesto de se fotografar, mais do que no sentido da palavra autorretrato. O próprio espaço das redes sociais dá margem para a manifestação da subjetividade no digital, seu funcionamento é diferente de outros aplicativos, como os de bancos, por exemplo. Percebe-se que o foco principal do *Facebook*, além dos anúncios comerciais, são as informações demandadas sobre o usuário. Exemplo: “No que você está pensando?”.

Para pensarmos sobre o modo de constituição da subjetividade na relação com a palavra *selfie*, utilizamos outros exemplos que são atribuídos ao sujeito e que por isso marcam a subjetividade mesmo sem o sufixo “ie”: *Self-respect*: amor-próprio / *self-sufficient*: autossuficiente / *self-interest*: interesse próprio / *self-defense*: autodefesa, legítima defesa / *self-control*: autocontrole / *self-conscious*: inibido, sem naturalidade e *myself*: eu mesmo. Estes são apenas alguns exemplos extraídos do dicionário Oxford, que apresentam a utilização da palavra *self* na condição de prefixo. Além destes, tem-se o *self-portrait*: autorretrato, que se refere tanto ao objeto quanto ao sujeito. *Self* (Auto) marca o sujeito, enquanto *portrait* (retrato) marca a produção de uma imagem a partir do sujeito.

O dicionário Oxford na versão *online* afirma que *Self* em inglês é designado em três categorias: substantivo, adjetivo e verbo. Dentro dessas classificações define a palavra *self*, quando na função de substantivo, da seguinte maneira: “*A person's essential being that distinguishes them from others, especially considered as the object of introspection or reflexive action*¹⁴”. Na versão impressa, especificamente na modalidade inglês-português, *self*

¹⁴ “O ser essencial de uma pessoa que o distingue dos outros, especialmente considerado como objeto de introspecção ou ação reflexiva”. (tradução nossa)

é designado pelas palavras “eu”, “ego”, seguido de um exemplo inicialmente em inglês “*She’s her old self again*”. Que na língua portuguesa quer dizer: “Ela voltou a ser a mesma de sempre”. Percebe-se neste exemplo, que quando a palavra *self* sem os acréscimos de prefixos e sufixos aparece no contexto de um enunciado aponta para uma subjetividade.

A questão é que, mesmo no espaço de enunciação de língua inglesa, em que se alega que a palavra *selfie* se configura como a redução do termo *self-portrait* (numa concepção de palavra enquanto coisa), não se pode negar que a expressão é um diminutivo da palavra *self*, que está na função de substantivo recebendo o sufixo “*ie*”, seguindo a regra utilizada para levar uma palavra para o diminutivo na língua inglesa. Porém, essa não é a única forma. Comumente se utilizam adjetivos como *little*, *small*, e *tiny*. Mas existem casos em que são os sufixos (*y*), (*ie*), (*ette*) e (*et*) que conferem o grau diminutivo (*Dad*-papai / *Daddy*-papaizinho; *Dear*-querido(a) / *Dearie* – queridinho(a). Essa questão escapa quando pensamos na palavra *selfie*. Não há uma relação de diminutivo da palavra alocada a ela a ideia de expressar carinho, como nos exemplos. No caso da palavra *selfie* essa questão pode estar relacionada a subjetividade.

O que pretendemos aqui não se concentra simplesmente em entender as regras em si, de modo isolado, mas é justamente mostrar como podemos pensá-las discursivamente, para além da relação palavra-coisa. O interessante é como o que se convencionou chamar de sufixo ou, então, de diminutivo, diz do funcionamento da subjetividade. O discurso lexicográfico não é neutro ao designar o significado para a palavra *self* acoplada com o sufixo *ie*, ao invés de continuar utilizando apenas o termo *self- portrait*. A palavra *selfie* produz uma série de efeitos de sentidos que vão além de qualquer regra gramatical. Ou seja, o que está na constituição e na formulação desta palavra é da ordem do discursivo, e sendo do discursivo, segue princípios que sustentam uma outra concepção, diferente da lexicografia, de língua e de sujeito. Para pensarmos essa relação do dizer e a subjetividade, recorremos mais uma vez à Magalhães e Mariani:

As marcas de subjetividade inscritas no dizer assinalam, simultaneamente, mas sem estarem misturadas ou confundidas, traços do registro inconsciente, da identificação (ou não) a uma determinada formação discursiva e, também, traços do assujeitamento ideológico. (2010, p. 404).

Ao considerarmos as condições de produção que envolvem a constituição da palavra *selfie*, como o país onde a palavra surgiu que é a Austrália, espaço em que foi formulada pela

primeira vez, identificada em um fórum virtual (lugar semelhante as redes sociais digitais), vemos que a criação da “nova” palavra traz as marcas do funcionamento da subjetividade, assim como vimos na citação acima. Desse modo:

Para a Análise do Discurso, o sujeito é constituído pelo esquecimento daquilo que o determina, ou seja, não se dá conta de sua constituição por um processo do significante no funcionamento da linguagem na interpelação ideológica e na identificação imaginária a determinados sentidos. Desse ponto de vista, falar do sujeito é falar de efeito de linguagem; sujeito enquanto um ser de linguagem que foi falado antes de falar, que traz marcas do discurso do Outro, o que implica considerar que o sujeito não é origem do dizer nem controla tudo o que diz. (MAGALHAES e MARIANI, 2010, p. 402-403).

Diante disso, a subjetividade sempre estará relacionada a toda e qualquer manifestação da linguagem praticada pelo sujeito. Por manifestações da linguagem compreendemos como tudo que produz sentidos sendo passível de interpretação. Sendo assim, interessa-nos chamar à reflexão o gesto de produção da *selfie* como uma manifestação da linguagem praticada pelo sujeito que se auto fotografa.

CAPÍTULO IV – A PRÁTICA DISCURSIVA E O GESTO DA *SELFIE*

Para encabeçarmos a discussão sobre a noção de gesto, precisamos primeiramente retomar a noção de prática, pois é esta que sustenta a significação do gesto. Muitas questões, nas quais reproduzimos cotidianamente, quase que de maneira automática, são na realidade, o que Althusser chama de prática. São rituais ideológicos que se diferenciam de acordo com a forma como cada sociedade foi constituída. Assim, para o estudioso “só existe prática através e sob uma ideologia.” (ALTHUSSER, 1970, p.91). Desse modo, cada aparelho ideológico tem suas práticas específicas: o aparelho religioso (missa, culto, reunião, entre outras), o escolar (aula, pesquisas, etc.) e o da informação – verticalizando para as redes sociais – que é o foco da nossa pesquisa.

Dentro do aparelho ideológico da informação, percebemos que as transformações tecnológicas têm demandado o surgimento de novas práticas. A *Internet* aparece nesse contexto para sustentar outras práticas que não eram vistas na imprensa, no rádio e na televisão, possibilitando formas próprias, como no caso das *selfies* que podem ser produzidas, selecionadas e postas em circulação através das redes sociais. Temos nessa prática uma ideologia em funcionamento: a do compartilhamento e da circulação, em que o sujeito é dito e se diz por meio desta prática.

Desse modo, conforme já dissemos, realizar uma *selfie* é reproduzir uma prática especificamente do século XXI na sociedade da era digital, na qual se apresenta como ritual uma sequência de procedimentos (desde produzir a *selfie* até a postagem). O que para a Análise de Discurso, se configura como gesto, pois não são signos linguísticos, como define Pêcheux, mas produzem significação.

Dessa forma, compreendemos, a partir de Michel Pêcheux, que existem formas de produzir efeitos de sentidos, sem fazer uso da fala ou da escrita. Estas formas são consideradas gestos; formas de dizer que necessitam de significantes diferentes dos relacionados à escrita e demais formas. Antes de mostrarmos como esse processo está na significação da *selfie*, apresentamos como Pêcheux define este conceito:

Existe, por outro lado, um sistema de signos não linguísticos tais como, no caso do discurso parlamentar, os aplausos, o riso, o tumulto, os assobios, os “movimentos diversos”, que tornam possíveis as intervenções indiretas do auditório sobre o orador; esses comportamentos são, na maior parte das vezes, *gestos* (atos no nível do simbólico) mas podem transbordar para

intervenções físicas diretas; infelizmente, faz falta uma teoria do *gesto como ato simbólico* no estado atual da teoria do significante, os “anarquistas” lançavam bombas no meio das Assembleias, qual era o elemento dominante: o gesto simbólico significando a *interrupção a mais brutal que seja*, ou a *tentativa de destruição física* visando tal ou tal personagem política considerada nociva? (PÊCHEUX, 2014, p. 77-78, [Grifos do autor]).

Como vimos, Pêcheux traz como exemplo o que seriam os signos não linguísticos a partir do que ocorre em um discurso parlamentar, como: os aplausos, o riso, o tumulto, os assobios, os “movimentos diversos”... e como estes produzem efeitos sobre as pessoas. Essa questão é muito interessante, pois a *selfie* não é uma formulação escrita nem oral, mas produz efeitos sobre aquele que se registra e também em quem visualiza, curte, comenta. Nesse sentido, ela é um ato simbólico, ou seja, um gesto, que consegue produzir diferentes efeitos, inclusive o de unidade para/sobre aquele que se registrou. Esse efeito se produz sobre quem esse sujeito quer ser e se fazer ver, a partir da circulação, por meio das curtidas, compartilhamentos, comentários e reações.

A *selfie* tem um caráter duplo e por isso metafórico. Se partirmos do próprio exemplo que Pêcheux nos trouxe sobre o discurso parlamentar, também entenderemos a *selfie* como gesto. O exemplo do estudioso tem a seguinte sequência: o locutor formula seu discurso antecipando seu interlocutor, e os signos não linguísticos produzidos pelo público vão significar algo nesse processo, a ponto, às vezes, de mudar a direção dos sentidos sobre o que se enunciava, ou até mesmo a tonalidade da voz, afirmando num tom mais alto ou mais baixo, e assim por diante. O que ocorre na *selfie* é que ela pode ser o discurso que antecipa uma direção dos sentidos e pode ser, ao mesmo tempo, uma projeção de si mesmo para o próprio sujeito, que preparou essa imagem fotográfica antes do olhar do outro quando essa circula, ou seja, no processo de seleção da *selfie* a ser postada. Essa seleção já é um gesto que significa para ele o que ele imagina que poderá significar, e quando tal imagem fotográfica vai para a rede, essa projeção pode se confirmar ou não, e aí novamente ela já é um outro gesto. Porque o que nós temos na *selfie* não é um discurso sobre algo, por exemplo, mas um efeito de retorno a si mesmo. Apresentamos a explicação de Pêcheux sobre o exemplo que nos apoiamos:

Isso implica que o orador experimenta de certa maneira o lugar de ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador: sua habilidade de imaginar, de preceder o ouvinte é, às vezes, decisiva se ele sabe prever, em tempo hábil, onde este ouvinte o “espera”. Esta antecipação *do que o outro vai pensar* parece constitutiva de qualquer discurso, através de variações que são definidas ao

mesmo tempo pelo campo dos possíveis da patologia mental aplicada ao comportamento verbal e pelos modos de resposta que o funcionamento da instituição autoriza ao ouvinte: a esse respeito, um sermão e uma conversa a bandeiras despregadas “funcionam” de modo diferente. Em certos casos, o ouvinte, ou o auditório, pode *bloquear* o discurso ou, ao contrário, *apoia-lo* por meio de intervenções diretas ou indiretas, verbais ou não verbais. (PÊCHEUX, 2014, p. 77, [Grifos do autor]).

Quando a *selfie* é produzida, há uma projeção do sujeito na imagem fotográfica visando alcançar grande circulação. Há uma antecipação do olhar e consequentemente uma interpretação do outro sobre si. Sobre esse processo, tomamos a noção de formações imaginárias, conforme desenvolvida por Michel Pêcheux em *Análise Automática do Discurso* ([1969] 2014), e nos detemos no mecanismo de antecipação. Mas para essa reflexão o modo como Eni Orlandi (1995) mobilizou estas noções sobre o observatório do político descrevendo teoricamente o processo que regula a argumentação do dizer por meio do verbal, dá margem para parafrasearmos com o processo de significação da *selfie*.

Segundo o mecanismo de antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor. (ORLANDI, 2009, p. 39).

Conforme já foi dito nas palavras de Orlandi, o sujeito tem a capacidade de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras. Do mesmo modo, ele também pode se colocar no lugar de quem acessa/visualiza suas imagens, antecipando-se assim ao seu interlocutor, quanto ao sentido que suas *selfies* produzem. A antecipação permite isso, porque é da ordem da interpretação. É a partir do funcionamento desse mecanismo que o sujeito irá se registrar de um modo, ou de outro, e tal registro passa pelo crivo do imaginário de escolha desse sujeito que pretende causar efeitos mediante o olhar dos usuários da rede.

Este imaginário varia amplamente desde a previsão de um interlocutor, que é seu cúmplice, que vai curtir, comentar e compartilhar, por ter se identificado com o que viu, até aquele que, no outro extremo, ele imaginariamente prevê como adversário. Pois existem

selfies que causam revolta nos usuários das redes e os compartilhamentos se dão como gesto de indignação, como por exemplo, as duas *selfies* que compõem o corpus da pesquisa: a *selfie* realizada no momento de um acidente, com um policial que acompanhava na segurança da Tocha Olímpica, no Brasil, e a outra, que tem o ex-presidente dos Estados Unidos, Barak Obama, no funeral de Nelson Mandela. Tanto pela cumplicidade, quanto pela indignação, o objetivo é circular e desse modo existir nas redes sociais.

Ao afirmarmos que se registrar na *selfie* é um duplo gesto que produz sentidos, destacamos que sua propriedade está na linguagem que constitui o sujeito, estamos considerando a linguagem estruturada como uma cadeia de significantes nos sujeitos, ou seja, como uma rede de sentidos que os constituem. Para aprofundarmos sobre esta questão, destacamos que Saussure, considerado pai da Linguística moderna, de acordo com os registros de seus dois alunos Charles Bally e Albert Sechehaye, no *Curso de Linguística Geral*, já anunciava a questão da cadeia significante. Lagazzi (2011), nos mostra estas questões retomando Gadet e Pecheux. São vários os exemplos em que podemos ver essa compreensão por parte de Saussure, como: os quatro eixos de associações, a definição de valor (onde um signo vale por aquilo que os outros não são), seu trabalho sobre os Anagramas, entre outros exemplos. Vejamos parte do texto de Lagazzi a este respeito:

Como nos mostram Gadet e Pêcheux (2004), para a discussão do estatuto do significante na língua é fundamental o retorno a Saussure, em algumas questões extremamente consequentes. Embora a leitura que se legitimou do Curso tenha sido aquela que fixa a língua como um sistema de valores, na dicotomia língua/fala, a complexidade da reflexão de Saussure sobre a linguagem fica visível se compararmos o Curso a seu trabalho sobre os anagramas. Também só conhecida após sua morte, a reflexão sobre os anagramas apresenta o estudo da repetição dos sons na poesia latina, na forma de anagramas de nomes próprios, que são palavras ou versos formados pela transposição dos sons (ou das letras correspondentes) de um nome próprio (por exemplo, em América podemos ler Iracema). É importante considerar que os anagramas se caracterizam pela repetição das formas sonoras, enfatizando a relação significante na língua. (2011, p. 501).

Assim, a questão do significante já havia sido posta por Saussure. No entanto, Jaques Lacan, além de conseguir percebê-la, passa a integrá-la como conceito nos estudos psicanalíticos. Ao fazer isso, promoveu uma grande mudança na concepção de signo. Desse modo, conforme as palavras da autora:

O significante não é mais tomado como a contraparte do significado e passamos a ter a primazia do significante, consolidada pelos trabalhos de

Jacques Lacan na psicanálise. Nas palavras de Ducrot e Todorov (1982, p. 414), “uma viragem que marca a história do conceito de signo.” [...]. (DUCROT; TODOROV, 1982, apud, LAGAZZI 2011, p. 503).

A compreensão de Lacan sobre o funcionamento do significante faz parte de suas reflexões que defende a ideia de que somos sujeitos de linguagem. Recorremos à reflexão da Psicanálise por ser um campo de conhecimento que se encontra no tripé que sustenta a Análise de Discurso, juntamente com a Linguística e o Materialismo Histórico. Pêcheux também considera que os sentidos se produzem na relação entre significantes, não se reduzindo apenas a uma relação restrita a significante e significado. Nessa direção recorremos novamente aos estudos de Lagazzi:

Pensar os sentidos como efeitos produzidos sobre a cadeia significante em condições de produção é dar consequência ao primado do significante, **e não apenas do significante verbal**. É na relação entre a materialidade significante e a história que os sentidos se produzem. (2011, p. 504, [Grifos nosso]).

O objetivo, ao ressaltar na citação que “dar consequência ao primado do significante” não se reduz apenas em considerar o significante verbal, se concentra na necessidade de enfatizar que a cadeia significante contempla diferentes formas de dizer, de acordo com as condições de produção que determinam a produção dos sentidos. Nesta direção é que problematizamos o gesto da *selfie* como uma materialidade significante que não é exatamente um autorretrato, nem exclusivamente uma fotografia.

Essa afirmação se sustenta a partir da noção de materialidade discursiva, pois no modo como Pêcheux (1980) apresenta a noção de materialidade, propondo um deslocamento na forma de tratamento das “coisas a saber”, na qual questiona a análise de conteúdo, podemos considerar a espessura material da *selfie*, ou seja, a materialidade discursiva desse objeto significante. Isso porque a *selfie* se marca na diferença irreduzível daquilo que resulta da relação entre a história, a língua e o inconsciente. Assim, Orlandi assevera:

Pêcheux afirma que a questão teórica das materialidades discursivas surge daquilo que resulta de heterogeneidade entre a história, a língua e o inconsciente. Em suas palavras: “A questão teórica das materialidades discursivas surge precisamente daquilo que, entre a história, a língua e o inconsciente, resulta como heterogeneidade irreduzível [...]”. Ou seja, do meu ponto de vista, afirmação da posição de entremeio. (ORLANDI, 2016, p. 09)

Assim, a espessura material que sustenta a *selfie* se constitui na irredutibilidade de seu funcionamento apenas como imagem fotográfica, visto que o gesto de se fotografar se apresenta marcado pelas condições de produção do discurso digital, sendo um gesto que se diferencia da prática do autorretrato, ou, ainda, das práticas da fotografia nas condições de produção de sua invenção, uma vez que os instrumentos tecnológicos disponíveis (lápis, pincel, daguerreotipo, câmera, *smarthphone*), bem como a circulação da “imagem de si”, foram e são reguladas, por exemplo, por aparatos tecnológicos diferentes, em diferentes condições de produção. Mais ainda, os efeitos produzidos a partir da compreensão dessas práticas (autorretrato – fotografia – *selfie*) também engendram efeitos diferentes, na medida em que convocam interpretações (im)possíveis, de acordo com sua peculiaridade.

Um autorretrato exposto numa galeria de arte, num museu ou circulando nas telas de uma página da *Internet*, não produz o mesmo sentido que uma *selfie* postada no *Facebook*, cuja expectativa busca seu reconhecimento na forma de curtidas e compartilhamentos. Uma fotografia 3x4, que compõe um documento de identidade não produz o mesmo efeito de sentido que uma *selfie*. Isso é o que marca a irredutível heterogeneidade dos objetos paradoxais (PÊCHEUX, 2015) como a *selfie*, eles têm a propriedade de parecerem ao mesmo tempo idênticos e diferentes.

Todo esse processo ocorre dissimulado pela ordem de funcionamento da ideologia. O sujeito não se dá conta desse processo, não age de maneira premeditada ou por uma questão de escolha intencional, mas o faz afetado pelas condições de produção que determinam novos modos de subjetivação na relação com o Mercado.

Nesta direção retomamos o que diz Payer (2005), a partir de Haroche (1984), a respeito dos diferentes modos de subjetivação, relacionando o que ocorreu na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, no que diz respeito à transferência do domínio do Poder da Religião, período em que a sociedade era regida segundo a obediência às leis divinas, para o poder do Estado, onde as regras estão postas juridicamente e não mais em nome de Deus. A autora afirma que alguns fatos de linguagem indicam que uma nova transformação nas formas do Poder tem se apresentado na sociedade contemporânea.

O poder do Mercado, como se sabe, vem se fortalecendo em face do Estado, de modo que, até bem recentemente, os Estados se constituíam em instâncias máximas de Poder, de decisões, com algumas poucas organizações internacionais supra-estatais como a ONU. É interessante ressaltar a natureza estritamente jurídica destas organizações. Atualmente, no movimento da globalização econômica, vem ocorrendo uma certa diluição das fronteiras

nacionais, e conseqüentemente um enfraquecimento do poder do Estado, através por exemplo, da formação e de novas entidades supra-estatais, que agora são de cunho estritamente comercial – a exemplo da ALCA e do Mercado Comum Europeu. (PAYER, 2005, p. 14).

A atual conjuntura sócio-histórica, sendo esta capitalista, é regida pelas ideologias de Mercado, que tem como discurso fundante o “Sucesso” (Cf. Payer, 2005). Sua estrutura está voltada a produtividade. Conforme Debord (1992), temos uma sociedade que prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser. E as redes sociais reproduzem esse funcionamento ideológico. Em relação ao aspecto tecnológico das redes, os técnicos que produzem os algoritmos que as regem são indivíduos interpelados na forma-sujeito histórica do capitalismo contemporâneo, e não percebem estar formando a rede ideológica do consumo sob a condição de relações sociais.

As redes de relacionamentos se estruturam a partir da ideia de liberdade, dialogando com esse sujeito livre, dono de suas escolhas, que o capitalismo desenha, promovendo a ilusão de poder ter acesso a tudo, ser visto por todos, algo extremamente democrático, não se atentando para o sentido do próprio nome “rede”, enquanto ferramenta para apreensão de algo utilizado na caça e na pesca, como nos lembra Vitor Pequeno. A liberdade é ilusória, pois o que vai para a rede está determinado/filtrado pela programação técnica, o que circula é o que os filtros consideram relevantes, ou seja, o que há são seleções de sentidos.

No entanto, Orlandi explica que “A ideologia é um ritual com falhas” (2012, p. 103), desse modo, não podemos pensar que os efeitos ideológicos das redes sociais no sujeito funcionem sem falha. A morte por *selfie*, por exemplo, é uma falha da determinação do sentido da *selfie* e de sua circulação por filtros. E este funcionamento está relacionado ao processo de interpelação e individualização, uma vez que a morte por *selfie* não ocorre com todos que reproduzem essa prática, além disso, não são todos os indivíduos, já sujeito histórico, que produzem *selfies*, mesmo fazendo parte de uma sociedade da era das redes sociais. Nesse sentido, problematizamos como isso ocorre, porque uns morrem na elaboração de uma *selfie* e outros não ousam se registrar em contato com algo que ofereça perigo, como armas ou até mesmo em lugares de risco, apenas se registram.

Em um novo movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação, é agora o Estado, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde, que individualiza a forma sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos processos de

identificação, leia-se de individualização do sujeito na produção dos sentidos. (ORLANDI, 2012, p. 106).

Este novo movimento que Orlandi apresenta é possível após a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia (lembrando que esse após não refere-se a uma ordem cronológica) que, conforme a autora, ocorre em qualquer época (medieval ou capitalista em vigência). “É o passo para que o indivíduo (que chamaremos indivíduo em grau-I1), afetado pelo simbólico, na história, seja sujeito, se subjetive” (idem). Decorrente desse primeiro processo de interpelação pela ideologia, institui-se uma forma sujeito histórica. “A partir daí, com essa forma sujeito já constituída, podemos observar um outro processo”. (idem). Este outro processo diz respeito ao movimento que foi apresentado na citação, que está para os processos identitários e de subjetivação que será diferente em cada um, chamado por Orlandi de Indivíduo 2.

Onde queremos chegar é na possibilidade de uma materialidade discursiva da *selfie*, lugar de sua irredutibilidade ao que seja autorretrato na pintura e/ou autorretrato fotográfico. A *selfie* instaura este gesto no lugar da produtividade, e aí se tem outro processo de constituição e formulação na relação com a circulação conforme o modo próprio das redes sociais. Ao utilizarmos a palavra produtividade ancoramos nossa reflexão nas noções desenvolvidas por Orlandi (2012) em seu estudo sobre *Televisão e Memória*, em que a noção de *criatividade* é trazida para mostrar sua diferença com a *produtividade*. Para Orlandi a relação entre *criatividade* e *produtividade* é contrária. A produtividade está para o que a mídia faz com a linguagem “homogeneizando seus fins” (p. 179), visando quantidade e não ruptura, diferentemente do que acontece no processo de criatividade em que se investe no mesmo, mas desloca produzindo o diferente. Esse processo se mostra, por exemplo, quando a câmera fotográfica é instalada na frente do aparelho celular, as chamadas câmeras frontais, que anos após anos vem sendo reelaboradas, começando com a de resolução VGA¹⁵, até as que existem, por enquanto, em smartphones/iPhones, câmeras frontais de 20 Megapixels¹⁶ com flash de LED.

¹⁵ A resolução em VGA é considerada atualmente a mais inferior em termos de qualidade de imagem, pois na categoria de câmeras de celulares é a de menor resolução (640x480 aproximadamente 0.3 Megapixels, produzindo imagens desfocadas consideradas de qualidade baixa).

¹⁶ O site “Olhar digital” informou que a marca chinesa Xiaomi anunciou no dia 14/02/2018 o lançamento de um *smartphone* com câmera frontal de 20 MP com flash de LED. Segue o link para

É aí que acontece, em relação ao funcionamento técnico, o deslocamento do que se compreende como autorretrato, da condição de criatividade para a de produtividade, conforme a injunção capitalista demanda. A inserção de uma câmera na frente do aparelho celular delimita a prática, colocando o gesto do autorretrato, por um efeito de memória, para garantir o lugar da produtividade. A câmera frontal demanda essa prática específica e não outra, ou seja, já no aspecto técnico a prática da *selfie* funciona pela relação com o olhar de um outro, que afetado pela ideologia modelou o objeto para essa finalidade.

Esta arquitetura técnica coloca essa condição para existência da prática, de acordo com os interesses ideológicos das redes de relacionamento, colocando a reprodução fotográfica em circulação, atendendo a demanda do consumo. “Lembramos que a textualidade, na medida em que é formulada por um tempo específico, não é determinada somente pela formação discursiva, mas também (e talvez mais fundamentalmente), pelo dispositivo”. (PEQUENO, 2014, p. 84).

A instalação da câmera frontal também pode ser comparada a um filtro que tenta homogeneizar a relação entre o sujeito do discurso e o dispositivo. Pois, qual outra alternativa existe quando se aciona uma câmera frontal? É como segurar um espelho móvel, e ainda que se queira mostrar mais alguém diante do aparelho, o centro continua sendo aquele que o manipula.

A relação de sentidos desta clivagem subterrânea (PÊCHEUX, 1994; PEQUENO, 2014) joga fortemente com a ilusão de igualdade, em que as condições seriam dadas igualitariamente a todos. Como exemplo podemos pensar que antes do surgimento destes dispositivos, em específico os que dão sustentação e que marcam a novidade no gesto (*Internet*, câmera frontal, redes sociais...) se autorretratar era algo possível apenas aos que apresentavam destreza na arte da pintura. Com o advento de todas estas ferramentas “disponíveis” ao sujeito, a condição necessária passa a ser “apenas” de recursos financeiros para adquirir esse conjunto de tecnologias, ou seja, “todos” podem fazer o que antes era somente para os “dotados em habilidades artísticas”.

A inserção da câmera frontal se sustenta na memória do gesto do autorretrato, contudo deslocaliza-o do lugar da criatividade e o insere no efeito de série, como o exemplo dado por

acesso da publicação: < <https://olhardigital.com.br/noticia/novo-celular-da-xiaomi-tem-6-gb-de-ram-e-camera-frontal-de-20-mp/74054>>

Orlandi sobre a repetição de assistirmos a mesma novela em diferentes horários e canais. Assim também ocorre com a *selfie*. Mesmo se postada no *Facebook*, no *Twitter* ou no *Instagram*, os efeitos de sentidos produzidos pelo gesto da *selfie* apontam na direção da repetição, porque a estrutura das redes sociais é voltada para a circulação, o controle dos sentidos, a forma-sujeito capitalista, neoliberal e as relações de consumo. Em se tratando do conjunto de redes sociais apresentadas (*Facebook*, *Twitter* e *Instagram*), o que muda em todas elas, geralmente, são apenas os *designers*, algo voltado às características estruturais de cada uma. Mas a ideologia que as sustentam são as mesmas. Nesse sentido entendemos que as redes sociais funcionam por rituais específicos (repetição) nas quais a prática da *selfie* ocorre.

CAPÍTULO V – GESTOS DE INTERPRETAÇÃO SOBRE O DISCURSO DA *SELFIE*

O desenvolvimento da análise consiste no batimento entre descrição e interpretação sobre o *corpus* organizado. Para a Análise de Discurso materialista, não se pode analisar, qualquer que seja a manifestação da linguagem, fechada sobre si mesma sem considerar a língua, o sujeito e a história. É fundamentalmente necessário compreendermos o contexto sócio-histórico e ideológico que constitui o sujeito de linguagem e, conseqüentemente, suas práticas.

A perspectiva discursiva materialista reconhece que as condições de produção funcionam como determinações históricas que não ficam visíveis para o sujeito conscientemente, mas que o coagem a responder às demandas que se impõem a partir das relações de força que organizam nossa sociedade capitalista, uma sociedade que se estrutura pela venda da força de trabalho de todos, nas mais diferentes funções que possamos ocupar e com os mais diferentes salários que recebamos. (LAGAZZI, 2011, p. 503).

Conforme já mencionamos, nosso *corpus* foi organizado a partir do princípio da circulação massiva de *selfies* no espaço digital. Elegemos, assim, o que designamos como *selfies coletivas* e *selfies individuais*. Essas imagens fotográficas foram compartilhadas inúmeras vezes, circulando no *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. Como consequência dessa repercussão nas redes sociais, essas *selfies* circularam, também, no espaço da mídia televisiva.

Apresentamos, primeiramente, as *selfies* coletivas:



Figura 8: Disponível em: <<https://celebridades.uol.com.br/noticias/redacao/2014/03/03/ellen-degeneres-faz-selfie-com-celebridades-no-oscar-2014.htm>> Acesso em: 10 Jan. 2015.



Figura 9: Disponível em: <<http://www.selfieblog.net/noticias/selfie-do-papa-francisco/>> Acesso em: 03 Jul. 2015.



Figura 10: Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/mundo/obama-e-premie-dinamarquesa-fazem-selfie-no-funeral-de-mandela/>> Acesso em: 04 Mai. 2015.

Agora, as *selfies* individuais:



Figura 11: Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/07/so-pensei-na-foto-diz-autor-de-selfie-em-acidente-no-tour-da-tocha-olimpica.html>> Acesso em: 02 Ago. 2016.



Figura 12: Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Celebridades/Hot-news/noticia/2014/03/isaac-deyson-o-coveiro-magia-que-esta-arrasando-na-web.html>> Acesso em: 10 abr. 2016.

Como viemos mostrando ao longo do trabalho, sobre a constituição das redes sociais, desde a criação da *Internet*, o aperfeiçoamento das câmeras fotográficas, a construção dos aparelhos de telefonia móvel que, conseqüentemente, contribuiu para a expansão da produção das *selfies*, além das mudanças que ocorreram no próprio conceito de língua - o que propomos, neste momento, é apresentar considerações sobre análises, cujo *corpus* são *selfies* que circularam nas redes sociais e que nos permitiram compreender o que estamos discutindo ao longo desta pesquisa.

Além das *selfies* de risco, conforme já discutimos, há também aquelas em que os lugares e os momentos escolhidos são carregados de sentidos historicamente estabilizados como “indevidos” para a produção de *selfies*. Mas quando nem mesmo o risco de perder a vida é impedimento para se registrar, a partir da demanda das redes sociais, os sentidos estabilizados ou até mesmo as regras sociais sobre algum espaço instituído ideologicamente serão?

O estar nas redes sociais tem atravessado sentidos historicizados e, muitas vezes, realizar uma *selfie* num lugar considerado impróprio, por denotar falta de respeito ou quebra

de regras, é, na verdade, visto como forma de ganhar maior nível de circulação. Nesta direção, podemos dizer que o logicamente estabilizado (Pêcheux, 2008 [1990]) seja uma espécie de condição necessária para a circulação das textualidades na rede, principalmente as *selfies*. É como dissemos, ao explicitar o mecanismo de antecipação no gesto da *selfie*, em que, imaginariamente, se prevê os efeitos de sentidos no interlocutor, no caso da *selfie* pela proximidade/concordância ou pelo ódio, de acordo com o sentido logicamente estabilizado. O objetivo é circular, ser visto pelo maior número de pessoas, independentemente do modo que se alcançará essa circulação.

Como já dissemos, sobre a condição dos sujeitos e dos sentidos nas redes sociais, onde tudo que pode ser feito tem que obedecer aos campos pré-determinados, as formas da circulação também são cerceadas. Circula-se dentro das opções dadas pela ferramenta: *postar*, *compartilhar*, *curtir*, *comentar*, e *reagir*, movidas por aquilo que se mostra como estabilizado. Vejamos este funcionamento na *selfie* da figura 11 desta pesquisa:



A *selfie* foi publicada por Ellen Degeneres, a apresentadora escolhida para a cerimônia de entrega do Oscar em 2014, foi ela quem convidou as celebridades para o registro, mas o lugar em que Bradley Cooper estava é que permitiu um melhor ângulo para o registro para

incluir todos na imagem¹⁷. A *selfie* ganhou notoriedade, porque foi a primeira a registrar um momento em coletividade; coletividade essa com pessoas bastante seletas e conhecidas, celebridades que participavam da festa do Oscar 2014. Em decorrência da grande circulação essa *selfie* foi considerada a difusora do gesto da *selfie* em coletividade, algo que se tornou “febre” nas redes sociais.

Como a *selfie* obteve grande repercussão nas redes, se tornou modelo para todos aqueles que estão interpelados pela ideologia do consumo. Essa iniciativa motivou até mesmo a criação do bastão de *selfie* (conhecido popularmente como pau de *selfie*), objeto que tem a função de prender o celular, possibilitando um ângulo mais abrangente tanto para incluir mais pessoas, como também para captar um espaço maior de pano de fundo.

A *selfie* coletiva é uma atualidade por ser um registro para as redes sociais. Entretanto, a iniciativa do enquadramento em coletividade já existiu no campo da fotografia. Como memória desta forma de enquadramento podemos citar a produção do fotógrafo Joseph Byron, realizada em dezembro de 1920, no telhado do estúdio de Marceau em Nova York, conhecida como a primeira fotografia coletiva. Ele mesmo realizou o registro acompanhado por seus colegas Pirie MacDonald, Corel Marceau, Pop Core e Benjamin Falk, num gesto semelhante à *selfie*. Porém, não havia naquele período, as condições tecnológicas que permitiriam a postagem e compartilhamento dessas imagens nas redes sociais. Vejamos as duas produções:

¹⁷ Segue o link do vídeo que mostra todo processo que resultou na realização da *selfie* na entrega do Oscar. <<https://www.youtube.com/watch?v=GSSWj51uGnI>.> Acessado em 15. Jan. 2017



Figura 13: Primeira fotografia coletiva: <<http://iphotochannel.com.br/selfie/conheca-a-primeira-selfie-em-grupo-da-historia-da-fotografia>>. Acesso em: 05. Abr. 2017.



A segunda *selfie* coletiva do nosso arquivo foi produzida dentro da Basílica de São Pedro, por jovens italianos da diocese. Esta *selfie* ficou muito conhecida a partir de sua forte circulação, que em certa medida pode ter sido motivada por um estranhamento. Podemos ver isso no texto publicado no blog, *Selfie Blog*, que compartilhou esta imagem em fevereiro de 2015, com a seguinte descrição: “Até então, nenhum Papa havia batido uma *selfie* e o Papa Francisco, como sempre carismático, humilde e de alguma forma moderno (afinal existe até o *Twitter* do Papa), surpreendeu muita gente”.

Para podermos compreender o funcionamento que sustenta a significação da *selfie* a partir dos compartilhamentos, sendo este o mecanismo da circulação nas redes sociais, recorreremos às condições de leitura que a Análise de Discurso nos possibilita.

A Análise do Discurso materialista é um dispositivo de leitura que busca compreender a interpretação em suas diferentes condições possíveis, na relação com os diferentes efeitos de sentido produzidos, para determinar as posições-sujeito que sustentam os gestos de interpretação. (LAGAZZI, 2011, p. 498).

Propomos que a questão da circulação das *selfies* (falando agora de quem as vê e não exatamente de quem as produz), assim que postadas nas redes sociais, incluindo todas elas: *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *SnapChat* e etc. provocam a interpretação. Para que algo circule nas redes sociais é necessário que ocorra uma relação entre o *post* e o sujeito internauta, ou seja, precisa ser um objeto simbólico que jogue com os sentidos estabilizados ideologicamente se mostrando de acordo ou contrário a eles. A grande circulação de uma textualidade posta na rede pode se dar por duas vias. Uma que vai ao encontro do que está posto como “correto”, “belo”, “interessante”, e outra, que vai na contramão destes pré-construídos, causando, muitas vezes, o efeito de indignação e conquistando, por esta razão, vários compartilhamentos.

O que podemos compreender na grande circulação da *selfie* com o Papa é o rompimento com o imaginário sustentado durante a Idade Média, do líder religioso como autoridade máxima na terra, um escolhido de Deus. O atual Papa, a partir do gesto da *selfie*, nesse caso sem dizer uma palavra sequer, rompe com o que já estava estabilizado e promove a circulação da imagem que os jovens propuseram, afetados pela ideologia da circulação. O que motivou a grande circulação da *selfie* pode estar relacionada à figura do Papa, pois os jovens não eram pessoas conhecidas, mas que ganharam notoriedade a partir da *selfie* com o líder religioso.



A terceira *selfie*, ainda se tratando da modalidade coletiva, e com data de produção em 2013, apresenta o ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, juntamente com Helle Thorning Schmidt, primeira-ministra da Dinamarca, acompanhados por David Cameron, primeiro-ministro britânico. Esta *selfie* obteve grande circulação, alcançando, além das redes sociais, as páginas de jornais internacionais.

Pelo que consta nas informações disponibilizadas na Veja, G1 e na *Internet* percebemos que as principais razões dos compartilhamentos não estão para o fato de compartilhar uma *selfie* das autoridades, mas sim, para o estranhamento da realização da *selfie* por parte das autoridades, durante o funeral de Nelson Mandela. A grande mídia demonstra certa crítica, considerando o ato impróprio. Vale lembrar que há convenções sociais e religiosas que regem todo um ritual característico para celebrações fúnebres. Estas convenções se diferenciam entre países, de acordo com a predominância religiosa de cada um. Mas neste ponto podemos observar que grande parte dos leitores do gesto dessa *selfie* fizeram a leitura pautados em suas concepções ideológicas motivadas pela interpretação que a mídia tradicional fez em primeira mão. É como se os integrantes desta *selfie* tivessem cumprido apenas parte do ritual. Se vestiram de preto, como é o esperado, em que a cor carrega os sentidos de um luto, mas o ritual não se completa, pois a produção e o registro e circulação nas mídias dessa *selfie* quebra o ritual do luto, sendo significada como uma prática imprópria para a ocasião. Supondo que a grande mídia não tivesse assinalado a questão de ter sido feita no funeral do Mandela, como seria a interpretação desses leitores?

É nesse sentido que afirmamos que a circulação na relação com a constituição e formulação está atrelada ao gesto de leitura e interpretação por parte dos usuários da rede presos nos efeitos da ideologia. Segundo a publicação na página da revista *Veja*, esta *selfie* foi um dos assuntos mais comentados no *Twitter*. Além disso, conforme publicação do G1, no dia seguinte ao acontecimento da cerimônia religiosa de despedida ao líder sul-africano, a autora do clique “polêmico” precisou afirmar ao jornal dinamarquês *Berlingske*, que a *selfie* com Obama não foi algo inapropriado e que não estava arrependida de tal prática, justificando-se, conforme descrito pela revista:

A dinamarquesa disse que o ambiente no Soccer City foi propício à foto. "É claro que havia tristeza, mas, no final das contas, tratava-se de um evento festivo, em que também foi celebrada a memória desse homem que viveu 95 anos e fez inúmeras coisas durante sua vida", explicou Thorning-Schmidt.

"Havia muita dança nas arquibancadas. Cantos e danças, a tal ponto que o clima era extremamente positivo. Por isso, tiramos uma foto 'selfie' muito divertida", disse.

<http://g1.globo.com/mundo/morte-nelson-mandela/noticia/2013/12/ministra-dinamarquesa-diz-que-selfie-com-obama-nao-foi-inapropriada.html>

Voltando a questão das duas vias para a circulação e recorrendo às palavras da chefe do governo dinamarquês, Helle Thorning-Schmidt, em resposta a “polêmica” levantada por sua *selfie*, percebemos o funcionamento da circulação, dado pela contramão dos sentidos estabilizados para o ritual fúnebre, a partir de uma determinada formação discursiva. As redes sociais não precisam diretamente de um representante do Estado o tempo todo *online* para poder controlar o funcionamento da coletividade, o próprio efeito da ideologia já busca garantir a ordem em seu funcionamento.



Passamos agora para a primeira *selfie* individual do nosso corpus de análise, conforme consta na Figura 14. De acordo com as informações disponibilizadas na reportagem publicada na página do G1, a *selfie* apresentada diz respeito a José Carlos Almeida Cruz, que aos 47 anos ganhou visibilidade nas redes sociais e na mídia televisiva ao se auto fotografar no local do acidente que envolveu um policial e dois seguranças durante a corrida da Tocha Olímpica em Osasco-SP. A mídia televisiva estava transmitindo o evento ao vivo, desse modo o momento do acidente e da *selfie* foram divulgados instantaneamente, chamando a atenção dos internautas e telespectadores.

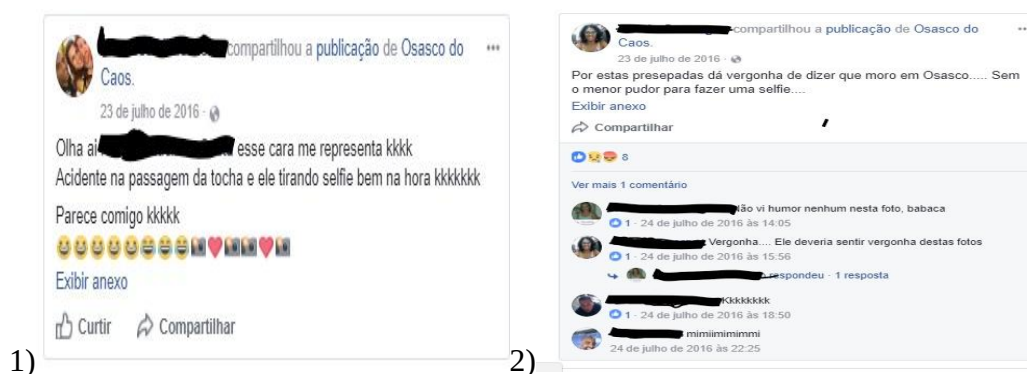
Em se tratando desse gesto da *selfie*, compreendemos que no momento em que ocorreu o acidente, movido pela “necessidade” de circulação/existência no espaço virtual, a *selfie* foi produzida afetada “pela projeção imaginária que ele faz de si, do ‘outro’ e do ‘lugar social’ em que está inscrito” (SCHONS, 2015, p.182), mas tal gesto polemizou o que é da ordem do semanticamente estabilizado (Pêcheux, 2008 [1990]). Com isso, podemos observar o funcionamento ideológico na produção da *selfie*, que conforme reportagem do G1, o senhor José Carlos, “na hora só pensou na foto”. Isso mostra que não se controla a produção dos efeitos de sentidos que esse gesto produziu. Sabemos que o sujeito não tem acesso ao modo como a ideologia o interpela, portanto, a multiplicidade dos sentidos nos possibilita compreender outros modos que estão sustentando tal gesto.

Segundo a página do jornal Extra, um perfil no *Facebook* chamado “ Osasco do Caos”, publicou na sexta-feira, (22/07/2016), sendo no dia seguinte dos acontecimentos, as *selfies* tiradas por José Carlos, afirmando que o próprio havia enviado as imagens para publicação. A partir de então, José Carlos se tornou um fenômeno nas redes sociais, por sua postura em dar prioridade as *selfies* no momento de um acidente, passando então a ser chamado “Tiozinho da *selfie*”. Segue abaixo a publicação na página do *Facebook*, com as *selfies* em diferentes ângulos, com o número de curtidas, comentários e compartilhamentos:



Figura 14: Página "Osasco do Caos". Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/veja-as-selfies-polemicas-tiradas-durante-acidente-com-tocha-olimpica-em-osasco-19767615.html> Acesso em: 08. Ago. 2016.

Temos, neste material, a relação com a espetacularização da notícia, ou seja, o que está sendo apresentado na imagem convocando a circulação. Não podemos dizer que todos os compartilhamentos se deram pela via da contramão, da indignação em ver alguém produzir uma *selfie* diante de um acidente, pois esta é uma das formações discursivas que convocam posições-sujeito. Existem também os compartilhamentos que produzem sentidos de identificação com a prática, conforme podemos ver nos exemplos abaixo:



3)



Figura 15: Prints dos comentários na página do Facebook "Osasco do Caos".

Existem aí muitos efeitos de sentido em jogo. As *selfies* foram enviadas para a página do *Facebook*, buscando garantir a maior visibilidade possível do gesto nas redes sociais. Colocadas em circulação, quanto mais fossem vistas, certamente haveria reações a favor (Cf. figura 1 e 3) ou contra (Cf. figura 2). Tiveram também aqueles que apenas compartilharam a publicação tal como está posta na página “Osasco do caos”. Mesmo apenas compartilhando sem texto algum escrito, o gesto está sendo significado pela ideologia da circulação, pois todo compartilhamento está sustentado na ideia de se fazer consumir e mostrar algo que talvez o outro ainda não tenha visto. É movimentar o perfil e se fazer presente nas redes. O compartilhamento sem legenda alguma não nos deixa saber qual processo de identificação foi instaurado, mas tal compartilhamento mostra que o conteúdo poderia fazer a página circular. Nessa direção, ressaltamos que isso ocorre porque discursivamente a estrutura do *online* é a que determina as formas de significação das textualidades que a compõe, tal como nos explica Vitor Pequeno:

Apesar da intensa heterogeneidade possibilitada pela materialidade do online, o que de predominante que acabamos por encontrar na estrutura técnica das redes de relacionamento foi a forma-histórica do capitalismo contemporâneo, estruturando as relações sociais, e a própria constituição da subjetividade, através do que acabamos por categorizar como relações de consumo. (PEQUENO, 2014, p. 07).

Analisamos, também, o modo como um desses gestos circulou e se reduplicou, a partir de uma revista digital. Estamos nos referindo a segunda e última *selfie* individual de nossa análise, (Cf. figura 15) . Buscamos, a partir das condições de produção da publicação da revista, compreender também os efeitos ideológicos que sustentam tal publicação, ao dar visibilidade à *selfie* nessa reportagem, sob o título: “Isaac Deyson, o “Coveiro Magya” que está arrasando na web”.



A referida revista surgiu, inicialmente, na versão impressa, nos Estados Unidos, em 1939, momento em que era intitulada *Glamour off Hollywood*. Atualmente, alcançou diversos países, sendo lançada no Brasil, em abril de 2012, pela *Editora Globo*. Suas edições são mensais e funcionam por assinatura, tanto na versão impressa, quanto na digital. Ela está presente também nas redes sociais (*Facebook, Instagram, Twiter*, entre outros), e tem como público-alvo as mulheres. Suas publicações estão voltadas para *Moda, Beleza e Celebridade*.

No dia 30 de março de 2014, disponível no formato digital, e na opção **Celebridade** (disponibilizada no *menu*), sob o tópico denominado *HOT NEWS*, foi publicada a entrevista, acompanhada da *selfie* que recortamos, com a seguinte legenda: “Isaac Deyson, o ‘Coveiro Magya’ que está arrasando na web”.

Desse modo, conforme as informações disponibilizadas na entrevista publicada, a *selfie* diz respeito a um paulistano com idade de 22 anos, estudante de Engenharia Civil, que trabalhava em uma multinacional, mas que, devido à uma mudança na diretoria da empresa e a realização de um corte no quadro de funcionários, perdeu o emprego. Antes que ficasse desempregado, sua mãe soube de um concurso municipal com vagas para a função de coveiro e logo sugeriu que se inscrevesse, argumentando que emprego não estava fácil e que um concurso público seria mais interessante pela estabilidade.

A princípio Isaac Deyson diz ter recusado a ideia, afirmando que nem mesmo nos funerais familiares tinha coragem de ver o falecido. A mãe do rapaz fez a inscrição dele e deixou para avisá-lo dois dias antes da prova. Por fim, ele acabou realizando a prova, e

garantiu sua vaga no concurso. Como se encontrava desempregado, não hesitou em aceitar a nova função.

O que nos chama a atenção é o relato desse rapaz, publicado na reportagem da revista, dizendo ter postado a *selfie* na rede social *Facebook*, estando em seu atual ambiente de trabalho, o cemitério municipal de São Paulo. Na entrevista ele agradece às pessoas por terem feito o compartilhamento, e afirmou que isso mudou seu mundo. A *selfie* mostra o jovem em seu inusitado ambiente de trabalho; apresentando em segundo plano, covas abertas, inclusive mostrando um colega de profissão trabalhando em uma delas. Isaac Deyson está vestido com o uniforme de coveiro e segurando, na mão direita, a ferramenta de trabalho, uma pá.

Foi essa *selfie*, nessas condições de produção mencionadas pela revista, que despertou a atenção dos organizadores de uma página no *Facebook* e também no *Instagram*, chamada Nana Rude¹⁸. Desse modo, a equipe compartilhou a *selfie* de Isaac Deyson, chamando a atenção dos internautas para o “Coveiro Magya que eles haviam encontrado nas redes sociais”. Poucos minutos após o compartilhamento efetuado pela página Nana Rude, houve mais de 40 mil curtidas.

Desde então, conforme pesquisas realizadas na *Internet*, Isaac Deyson, agora denominado pelas redes sociais como “Coveiro Magya”, passou a ser procurado pela mídia televisiva, incluindo a visita da equipe do *TV Fama* ao cemitério para entrevistá-lo. O rapaz também foi convidado para estar no programa *Domingão do Faustão*, *Balanço Geral*, *Game do Leão* e etc. Como resultado da repercussão de sua *selfie*, o jovem fechou um contrato para fazer um ensaio sensual, e afirma também ter recebido convites para campanhas publicitárias e para presença *VIP* em eventos. Simultâneo a esses acontecimentos, a *Revista Glamour* o chamou para fazer uma entrevista, uma revista que, como já mencionado, trabalha com moda, beleza e Celebridade.

Tanto a página Nana Rude quanto a *Revista Glamour* são espaços voltados à circulação de imagens fotográficas de celebridades, pessoas conhecidas no Brasil e até mesmo em outros países. A *selfie* foi publicada no espaço das celebridades, ou seja, foi a partir do olhar do outro, num gesto interpretativo para a *selfie* postada/compartilhada, que lhe foi conferido o *status* de celebridade. Vale ressaltar que a entrevista menciona que a repercussão

¹⁸ Essa página, citada na entrevista da *Revista Glamour*, foi criada em 2013 e apresenta um caráter humorístico ao trazer as informações sobre os famosos, contando, também, com uma seção destinada ao que designam como BOYSDANANA.

da *selfie* acarretou diferentes oportunidades de trabalho ao “Boy Magya”, mesmo que ele não pretendesse deixar o emprego de coveiro, argumentando sobre a importância da estabilidade, mas que se organiza para as novas propostas sem ter que se ausentar do emprego. Contudo, ao ocupar essa posição de dizer, compreendemos que ela se sustenta na aprovação dada pelo olhar do outro, registrada nas redes sociais que lhe conferiu o *status* de celebridade de forma instantânea.

A circulação da *selfie*, que estamos analisando, se mostra a partir dos milhares de compartilhamentos e curtidas produzidas, o que significa que pode ter causado estranhamento-identificação. A página Nana Rude, localizada no *Facebook* e no *Instagram* compartilhou a *selfie* interpretando-a como algo surpreendente, como um efeito que quebra com a ideia posta sobre o padrão de beleza de um coveiro.

O ritual de funcionamento da *selfie*, que compreende o gesto de se fotografar, postar nas redes sociais para a circulação e angariar reconhecimento através das reações (curtir, amar, odiar, etc., comentários e compartilhamentos) produz essa outra posição-sujeito. Essa posição-sujeito que, pelo gesto da *selfie*, marca sua singularidade relacionada à profissão de coveiro. E por meio dela se instaura a possibilidade de reconhecimento de si e do outro, através da imagem fotográfica, em segundo plano, de um outro lugar, o cemitério.

Propomos neste trabalho, que na imensidão de *selfies* que existem e que são produzidas frequentemente, há uma regularidade entre elas, independente se pertencem a celebridades, pessoas comuns se registrando em lugares incomuns, ou pessoas comuns produzindo *selfies* comuns, porque não estão em lugares considerados inapropriados, enfim, a regularidade diz respeito às condições de produção em sentido amplo da *selfie* relacionada à formação social capitalista global. Mas, enfatizamos que o discurso da *selfie* se apresenta também de modo heterogêneo e filiado a distintas memórias e, conseqüentemente, a diferentes formações discursivas. Sem esquecer que estas diferenças serão constitutivas dos três momentos: Constituição, Formulação e Circulação, pois em cada posição sujeito a formulação da *selfie* será atravessada por buscas diferentes e o modo de circulação também terá efeitos diferentes, tanto para aquele que realiza o registro quanto para os que terão acesso, ainda que postadas no mesmo meio: as redes sociais.

Tentaremos esboçar algumas possibilidades da heterogeneidade do discurso da *selfie*, mesmo sem apresentar as imagens de pessoas “comuns”, dada a complexidade dos direitos da

imagem, na constituição do *corpus* de análise. Podemos começar com as *selfies* produzidas por celebridades em relação à *selfies* produzidas por pessoas “comuns” em lugares “comuns”.

Ser uma celebridade é ocupar uma posição sujeito com rituais específicos, há uma formação discursiva na qual essa posição filia-se. E uma das possibilidades de sentido para a celebridade que produz uma *selfie* é se manter em evidência nessa mídia que na conjuntura do século XXI é comandada pela *Internet*, muito fortemente pelas redes sociais. Ou seja, a própria celebridade faz sua divulgação, assim como pôde ser vista na *selfie* do Oscar 2014. Outra possibilidade é que, como explicamos, a celebridade é uma posição sujeito e a pessoa que ocupa essa posição também ocupará outras, não se é apenas celebridade, há outras posições necessárias, e pode haver momentos que esse sujeito que ora ocupa a posição celebridade, no momento do registro de sua *selfie* não a faz afetado por essa posição, a faz como sujeito comum, mas os efeitos na circulação podem estar voltados à posição sujeito celebridade, porque o sujeito que a produz não detém o sentido no outro e esse efeito pode ser visto na leitura que a mídia televisiva faz dessas *selfies*.

Por outro lado, o sujeito “comum” também é atravessado pela ideologia capitalista de que ele pode assumir esse lugar de celebridade. As redes sociais dão essa ilusão de que o sujeito “comum” pode alcançar essa condição. Esse efeito está ligado ao próprio modo de funcionamento do discurso capitalista. Desse modo, alguns buscam se registrar na companhia de celebridades, se apresentando como alguém que tem proximidade buscando se promover, considerando estarem em destaque por essa acessibilidade, conforme visto na *selfie* dos jovens com o Papa. E ao mesmo tempo, para a celebridade, o gesto desse sujeito que quis se registrar ao seu lado se significa pela posição sujeito fã – uma posição instituída na relação com a posição sujeito celebridade. Outra possibilidade para alcançar esse efeito é fazer coisas “incomuns” no momento do registro, antecipando uma grande circulação que pode resultar na promoção do efeito celebridade.

Há também aquelas *selfies* que os sujeitos, sendo pessoas “comuns”, produzem sem visar o efeito celebração a nível nacional ou até mesmo internacional, mas não tendo controle sobre os possíveis efeitos de sentido para sua imagem em circulação, alcançam o *status* de celebridade instantânea, como é o caso da *selfie* de Isaac Dayson – O coveiro Magya. E há aquelas que são de pessoas “comuns”, sem realizarem o registro ao lado de uma celebridade, sem escolher algo ou um momento incomum e que pode produzir um efeito

“reduzido” na circulação das redes sociais. Esta questão estará relacionada ao que a posição sujeito convoca e a formação discursiva e ideológica dos que terão acesso a *selfie*.

Salientamos estas possibilidades para exemplificar que o discurso da *selfie* se sustenta também pela heterogeneidade. O modo de circulação deixa entrever esse processo, pois não são todas as *selfies* que ganham ampla visibilidade pela circulação dos sentidos que convoca. Nesta direção, consideramos o próprio modo de circulação da mídia televisiva que não apresenta cotidianamente todas as *selfies* que são compartilhadas nas redes sociais. Mostram apenas aquelas que lhes interessam, conforme sua posição ideológica.

A forma de circulação nas redes sociais também tem demandado uma mudança na mídia jornalística televisiva no nível da Constituição, Formulação e Circulação, uma vez que em alguns aspectos esta tem procurado acompanhar o que está em maior circulação na *Internet*, ressignificando, assim, a prática jornalística. Isto não é trivial, é o funcionamento da ideologia da globalização. A mídia televisiva, não só no âmbito jornalístico, como também humorístico, tem tentado acompanhar a *Internet*, que, na atual conjuntura sócio-histórica e ideológica, tem sido o carro chefe, sendo este um efeito do funcionamento da ordem: circulação-formulação-constituição, pois a forma de circulação da *Internet* pelas redes sociais tem afetado a constituição dos sentidos na mídia televisiva, que tem modificado seu modo de formular para se manter em circulação. A imprensa tem tentado, assim, garantir sua sobrevivência na era da *Internet*.

Podemos compreender, então, a materialidade discursiva da *selfie*, visto que ela instaura um ponto de diferença para o sujeito se significar, pois produz efeitos de sentidos, e “não há sentido sem interpretação”. Além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar” (ORLANDI, 2009, p. 45).

Diante do que estamos propondo a partir da Análise de Discurso pela via do materialismo histórico, podemos considerar que tudo que envolve o surgimento da *selfie* desde o nome dado, o ponto de vista de quem a constitui dentro dos atuais aparatos tecnológicos, até o ato de realização da prática que, como vimos no *corpus* de análise, envolve jovens, adultos, celebridades ou pessoas “comuns”, chegando a ser causa de morte para alguns, nada mais é que o efeito de determinação do sistema capitalista que está impregnado na constituição da forma sujeito contemporânea e consequentemente na criação/modelação das redes sociais em que as textualidades que as compõe seguem a mesma ideologia.

CAPÍTULO VI – SOBRE A MEMÓRIA: *PENSO, FAÇO UM SELFIE, POSTO NO FACE, LOGO EXISTO.*

O gesto de enquadramento de si não se originou no surgimento da *selfie*, é um gesto que se ressignificou, ocupando outro espaço que são as redes sociais, por meio de aparatos digitais. O que pode ter mudado neste aspecto é o posicionamento e consequentemente o ângulo devido o surgimento do dispositivo móvel. Mas muito além disso, a mudança está atrelada ao contexto histórico, político e ideológico, que tem relação direta com as práticas de linguagem. Para contextualizar sobre a historicidade desse gesto apresentamos alguns registros de artistas/pintores que consideramos constituir a memória discursiva da *selfie*. Conforme já salientamos, discursivamente, a memória não é compreendida no sentido psicologista, mas sim enquanto memória social, espaço dos já-ditos. A memória discursiva funciona como sendo o universo do dizível, pelo movimento histórico dos sentidos.

Dentre os artistas/pintores escolhidos para pensarmos sobre a memória discursiva do gesto de enquadramento e do registro, apresentamos, inicialmente, o pintor holandês Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1669), considerado um dos maiores da arte europeia. Tornou-se referência, porque suas pinturas exploravam a potência da luz e revelavam o domínio que possuía no esforço da representação mimética da realidade. Seu nome é também considerado sinônimo do autorretrato, pois foi o pintor que mais se autorretratou, sendo sua imagem vista em pelo menos 30 gravuras, 12 desenhos e 40 pinturas produzidas em diferentes fases de sua vida. Vejamos algumas delas:



Figura 16: Quadro de autorretratos de Rembrandt.

Outra artista plástica que se destacou pelos autorretratos produzidos foi Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón (1907-1954). Uma mulher cuja nacionalidade é de origem mexicana. Sua trajetória na pintura teve início aos dezoito anos de idade, após sofrer um grave acidente e ter todo seu corpo perfurado. A idade na qual Frida adentrou no universo da arte chama a atenção, pois se difere do processo de inserção de outros renomados pintores, que ainda na infância, começaram a explorar a habilidade na arte da pintura.

Frida Kahlo, ao longo de sua vida, foi acometida por graves problemas de saúde, porém nada disso foi empecilho para se destacar na história, na política e na arte. Mas para essa pesquisa, em específico, nos interessa trazer sua relação com a pintura. Frida pintou inúmeras vezes o seu rosto, mas seus autorretratos comumente traziam algum elemento que os diferenciava dos demais autorretratos de sua época. Suas pinturas eram carregadas de cores fortes e imagens instigantes. Conforme podemos ver abaixo:

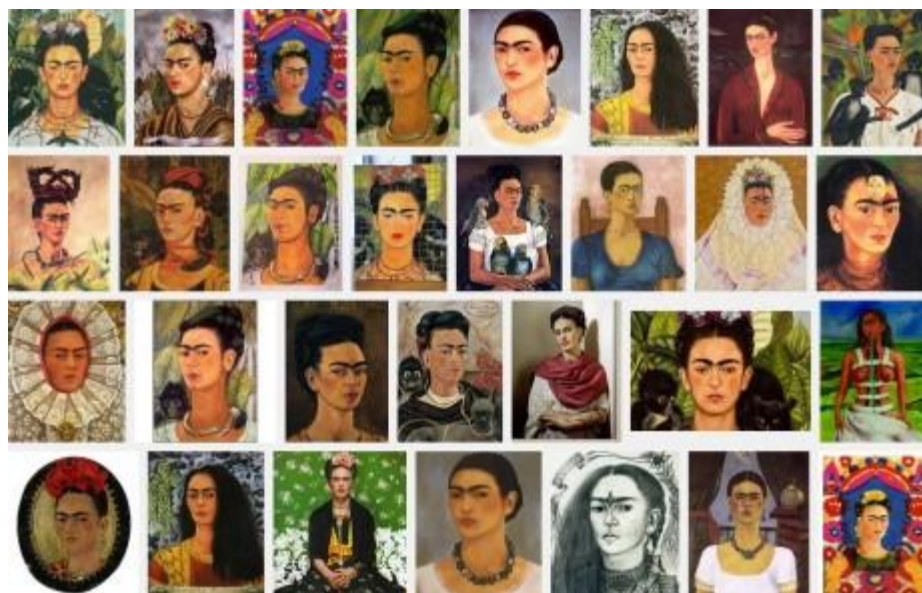


Figura 17: Quadro de autorretratos de Frida Kahlo.

Outro exemplo que podemos trazer para nossa reflexão refere-se a Vincent Willem Van Gogh (1853-1890). Somam-se mais de 43 produções, todas elas foram criadas em apenas quatro anos, no período que vai de 1885 a 1889, pouco antes de sua morte. O gesto de se autorretratar em Van Gogh tinha como objetivos estudar a si mesmo, em momentos de introspecção ou quando lhe faltavam modelos. As datas de cada produção de seus autorretratos coincidem com momentos importantes ocorridos na vida profissional do artista. Apresentamos abaixo alguns de seus principais autorretratos:

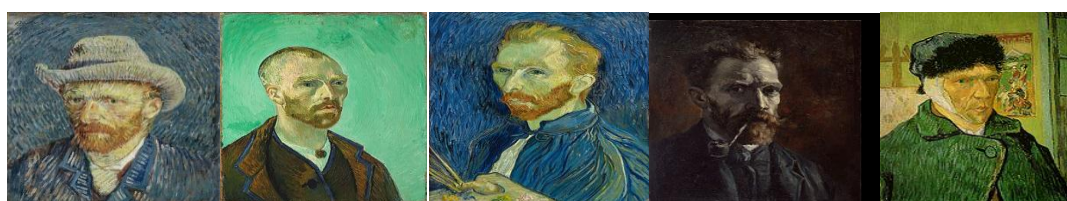


Figura 18: Montagem de autorretratos de Vincent van Gogh

Na área da fotografia, no período de 1839, tivemos o primeiro autorretrato fotográfico produzido por Robert Cornelius (1809–1893), um alemão, emigrado em Filadélfia nos Estados Unidos da América.

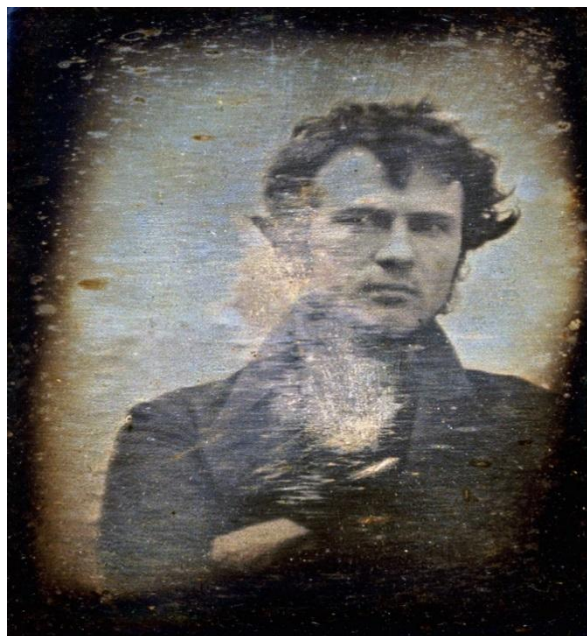


Figura 19: Imagem considerada o primeiro autorretrato fotográfico

A constituição dos sujeitos varia de acordo com a conjuntura sócio histórica e política na qual estão inseridos, podendo, nesse sentido, ser afetada pelas tecnologias de cada período da história. Nesse momento, estamos falando em tecnologia em sentido amplo, incluindo não somente a criação de objetos eletrônicos, mas todas, inclusive a escrita, porque isso faz parte da história. O que queremos dizer neste ponto, é que quando surgiram os primeiros autorretratos em tela, por exemplo, ainda não existia a máquina fotográfica, *Internet* ou *smartphone*. Desse modo, temos condições para afirmar que, no caso de Rembrandt, que se autorretrata por aproximadamente 100 vezes, no ano de 1600, ao olhar para o espelho e expor na tela sua imagem através da pintura, produz um gesto que não pode ser considerado o mesmo que estrutura a *selfie*, especificamente em sua relação com a circulação.

Assim também acontece com os autorretratos fotográficos que surgiram a partir de 1839. O gesto de produzir um olhar para si e se registrar nestas duas práticas mencionadas está sustentado em formações imaginárias diferentes das da *selfie*. Não podemos negar que há algo que se mantém, como o exercício de olhar-se e se reproduzir, mas a finalidade da *selfie* é outra, sendo sustentada pelo imaginário da circulação, nas condições de produção do sistema capitalista.

A prática do autorretrato (como realizada pelos pintores já citados) não se inscrevia nos modos de circulação como acontece na atual conjuntura (século XXI), pois as condições

de produção não eram as do discurso digital, cuja circulação, garantida pela fluidez das redes sociais, ainda não existia.

A memória discursiva do autorretrato permitiu o surgimento da *selfie*. Entretanto, por essa prática estar voltada ao espaço das redes sociais - lugar que institui o que Orlandi (1996) chamou de memória metálica, onde a significação se dá pela atualização e circulação - o sujeito é interpelado a fazer várias *selfies* para se manter visível nas redes sociais.

Para a autora, a memória metálica apaga a memória histórica e ressalta que a primeira está para o que a mídia faz com a linguagem. Em específico, analisa o funcionamento da Tevê afirmando ser este um lugar da produtividade e não da criatividade, pois “no processo criativo, no que diz respeito à linguagem, há um investimento no mesmo, mas que desloca, desliza, trabalhando o diferente, a ruptura.” (ORLANDI, 2012, p.179-180), sendo este processo estruturado pelo interdiscurso, a memória do dizer. Já a produtividade trabalha no oposto, onde o foco “não se trata de produzir a ruptura, mas a quantidade, a reiteração do mesmo produzindo a ilusão do diferente, o variado”. (Idem).

Ainda no estudo de Orlandi, sobre criatividade e produtividade, entendemos que a *selfie* se configura nessa tensão. Num primeiro momento, temos o gesto da *selfie* se inscrevendo no âmbito da criatividade, quando o “gesto do autorretrato” é trazido para os dispositivos digitais, ou seja, tem-se o investimento no mesmo, mas desloca, desliza de autorretrato, e instala o diferente: a *selfie*. A ruptura é que o registro de si deixa de ser algo possível apenas com uso do pincel e da tela. O deslizamento se dá no momento em que essa prática se insere em outro lugar, além de uma tela fria de um ateliê, passando a existir no *online* a partir dos dispositivos móveis do meio digital. Entendemos esse processo como algo da ordem da criatividade, referente ao ponto de vista do sujeito contemporâneo. No entanto, o lugar para o qual o gesto é trazido segue o funcionamento da mídia apresentado por Orlandi quando fala sobre o que a Tevê faz com a linguagem. São espaços dizíveis cujo objetivo é a quantidade, a reiteração do mesmo para a ilusão do diferente sem que haja rupturas.

O lugar do qual estamos nos referindo é o das redes sociais; lugar sustentado pela circulação, onde o foco é a produtividade. Assim, a circulação (quantidade) faz com que ocorra o apagamento da criatividade. A própria criação da *selfie* já lhe tira dessa condição quando projetada para a circulação. Apaga-se a memória histórica da prática, que seria da criatividade, e desse lugar da criatividade abre-se espaço para a produtividade quando a *selfie* passa a se inscrever em outro espaço de significação que é o das redes sociais, lugar de

determinação dos sentidos por meio de ferramentas como os filtros, que buscam enxugar a movência dos sentidos.

A partir do momento em que se cria um perfil nas redes sociais e se passa a acessá-las através dele, independente se estará disponível (*online*) ou invisível/indisponível (*off-line*) o sujeito é instado a movimentar seu perfil através da realização de postagens de diferentes ordens, pela escrita, por fotos e etc., pois ao postar, o perfil entrará na forma de organização da circulação nas redes sociais e desse modo esse perfil será conhecido dos demais, essa é a condição de se tornar “conhecido” na rede. Se não postar, as outras postagens vão ofuscando o perfil estaque da e na rede. Funciona semelhante ao jargão “quem não é visto não é lembrado”. Desse modo, a forma de organização desse meio de circulação que são as redes sociais na *Internet* está condicionada ao movimento de quanto se posta, curte, comenta, compartilha e reage. É por essa configuração que a rede se mantém. Dado a esse chamamento para postagens, esse efeito ideológico das redes sociais dá lugar à produtividade, sendo uma das formas de manter em evidência o perfil de forma rápida. Por essa razão existe também nas redes a “variedade do mesmo em série” (ORLANDI [1996], 2014, p.180). Nesta perspectiva, a autora exemplifica o efeito de série na mídia televisiva, levando em consideração as novelas.

Há anos assistimos a mesma novela (de um lado, os ricos, morando nos grandes prédios, condomínios, de outro, os pobres, vivendo nas vilas e que circulam uns entre os outros e que se enredam e acabam se envolvendo etc), em vários cenários (São Paulo, Rio de Janeiro, Nordeste etc) representada por variados atores, construindo variadas personagens, em variados horários (das 6, das 7, das 8hs...). (Idem).

Nas redes sociais o efeito de série pode ser exemplificado nas *selfies* de diferentes pessoas, em que a estrutura é a mesma, onde o ângulo principal é sempre o rosto, o braço estendido, normalmente sozinho ou em grupo e algumas chamando a atenção para um segundo plano, dando visibilidade a uma paisagem ou algo que queiram apresentar. O efeito de série também está nas várias *selfies* da mesma pessoa, as paráfrases de si, seguindo o ritual de reprodução do mesmo, pois “não se sai do mesmo espaço dizível, se explora a sua variedade, as suas múltiplas formas de a-presentar-se.” (ORLANDI, 2014, p. 180).

Nessa direção, apresentamos uma imagem que circulou no *Facebook*, que salta aos nossos olhos como uma paráfrase do que dissemos sobre o estar nas redes sociais. Além

disso, esta imagem foi produzida inscrita criticamente na relação com o gesto da *selfie*. Vejamos:



Figura 20: Print da postagem na página "Artes Depressão".

A imagem apresentada foi publicada na condição de *post* pela página “Artes Depressão”. Essa página teve início em 2012, sendo categorizada pelos próprios criadores como um *site* de entretenimento, de artes e humanidades em que o lema é: “A gente não quer só comida. A gente quer comida, humor, diversão e arte!” Foi neste espaço que encontramos esta imagem, que diz respeito a René Descartes (1596-1650). Um filósofo, físico e matemático francês conhecido também por seu nome latino Renatus Cartesius, considerado pai do racionalismo, sendo conhecido como um dos precursores desse movimento. A imagem faz uma adaptação da pintura realizada por Frans Hals e uma paráfrase da tradução portuguesa do “*Cogito, ergo sum*”: “Penso, logo existo”. Esse foi considerado um dos princípios básicos da ciência moderna. Como já dissemos, essa imagem imbricada com o

verbal reitera o sentido do que estamos propondo acerca do funcionamento da ideologia que rege as redes sociais, de que esse sujeito para existir neste lugar, precisa postar e assim a rede se constitui, o algoritmo já é programado dessa forma. Se não há postagem, o perfil quase não é visualizado, mas também é válido lembrar que a ideologia falha e que não são todos que estarão voltados à prática de postar sempre.

Temos o enunciado central, que faz referência a célebre expressão de R. Descartes. Em seguida, no rodapé da imagem, abre-se, ou melhor, lê-se o seguinte enunciado, em forma de legenda: *Mas descartes algumas antes*. O enunciado apresenta, de início, uma conjunção adversativa seguida de outros termos que dão sentido à oração. A produção de sentidos para a palavra *descarte* funciona por metáfora na relação com o nome do filósofo René Descartes, que, levada em consideração seu aspecto morfossintático, seria um substantivo próprio, pois se refere ao sobrenome do filósofo. O deslizamento acontece no âmbito semântico, pois conforme o enunciado a palavra *descarte* é um verbo, que se apresenta no modo imperativo, produzindo o efeito de sentido da necessidade de um processo de seleção para as *selfies* antes de se realizar as postagens, ou seja, antes de colocá-las em circulação nas redes sociais.

O jogo entre *descartes-Descartes* se sustenta em vários efeitos de pré-construídos. Alguns deles estão relacionados a quem foi René Descartes, que conforme já mencionamos, é considerado o pai do racionalismo, concepção esta que defende que o sujeito só existe porque ele pensa, ou seja, está nele a condição de sua própria existência, sendo o centro e o responsável por tudo que está relacionado a si mesmo. O racionalismo é uma corrente filosófica cujo princípio está voltado na busca pela certeza, defendem que é pela razão que se alcança a verdade.

No *post* se produzem efeitos de sentidos de que na era das redes sociais só pensar não garante a “existência”, pois é preciso, além de pensar, *postar*. É a ideologia da globalização e circulação funcionando. A partir da tese de Descartes, que é voltada a uma suposta lógica de existência, sentidos são ressignificados inscritos na demanda da globalização. “Penso, logo existo!” Posto, logo existo! Não é só fazer a *selfie*, assim como está no *post*, tem que postar no “*Face*”, (esse processo também pode ser relacionado aos três momentos do discurso: Constituição, Formulação e Circulação). Porque a questão da circulação não é apenas algo que funciona e que é estruturante do espaço das redes sociais. A circulação, no modo como a estamos propondo, vai muito além disso, não é só uma característica que está na ordem do técnico, ela é muito maior. Estamos falando da ideologia do consumo que tem como princípio

a circulação, e as redes sociais apresentam essa propriedade porque nascem no seio desta ideologia.

Consideramos também que o texto da postagem traz exatamente o que se espera do processo de produção de uma *selfie*, principalmente quando inclui o crivo de seleção em que algumas precisam ser descartadas. Compreende-se que não é regra produzir apenas uma *selfie* e postá-la, há aí a possibilidade de dizer que comumente o sujeito pode produzir mais de uma e, em seguida, fazer uma leitura de si (processo da Formulação), para selecionar a que mais corresponde à sua projeção imaginária constituída e afetada pela ideologia capitalista, no que diz respeito ao consumo.

Quando dizemos consumo, falamos sobre algo além de comércio, obviamente. Falamos sobre a infraestrutura material de produção e reprodução das relações econômicas na medida em que ela constitui também um modo de funcionamento superestrutural: falamos sobre o consumo como lógica de constituição das subjetividades (PEQUENO, 2014, p.70).

A questão do consumo está para além do comércio em si. Na realidade ela é ideológica e, assim sendo, tem feito parte da constituição das subjetividades na forma sujeito histórica capitalista. A motivação da prática da *selfie* não é exatamente de cunho comercial (no sentido de que todo aquele que a pratica visa fins lucrativos) e sim uma interpelação ideológica que envolve sujeitos, independentemente da classe social. Esse funcionamento foi visto em algumas *selfies* analisadas que apresentam pessoas internacionalmente conhecidas e em condições econômicas bastante favoráveis, como, por exemplo, a que aparece o presidente Barack Obama, no velório de Nelson Mandela, juntamente com a dinamarquesa e o ministro. Outro exemplo é a *selfie* com os famosos na entrega do Oscar de 2014. E um terceiro exemplo, de figura mundialmente conhecida, é o do Papa ter aceitado fazer *selfie* com jovens que, até então, eram anônimos para a grande mídia, algo que rompe com o imaginário de uma autoridade religiosa no contexto cristão.

Na contramão dos registros que mostram pessoas mundialmente conhecidas, estão as *selfies* de pessoas “comuns” como vimos no material de análise, que até então não circulavam na grande mídia: a *selfie* do jovem chamado Isaac Deyson “o Coveiro Magya” e do senhor José Carlos “o Tiozinho da *selfie*”. Podemos compreender como a constituição das subjetividades, dentro desse contexto histórico e político, é afetada pela estrutura ideológica

de consumo. Por isso, sem perceberem estão em busca da circulação, ou seja, daquilo que promoverá a visibilidade dessa imagem fotográfica.

CAPÍTULO VII – A RELAÇÃO ESPECULAR ENTRE CORPO E IMAGEM NO DISCURSO DA SELFIE

*Quando eu te encarei frente a frente e não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho (Sampa de Caetano Veloso)*

A imagem enquanto textualidade carrega muitos sentidos ofuscados pelo efeito de transparência mantido pelo discurso da visibilidade, uma forma de produzir efeitos de homogeneização para a interpretação. O que se apresenta no âmbito do visível, por estar comumente relacionado a algo que, empiricamente, já existe, produz o efeito de cópia, imitação, representação e etc. Sendo assim, retomamos Pêcheux que nos explica como ocorre esse processo entre real e representação, a partir da noção de *metáfora*.

Tratar-se-ia de levar em consideração o fato de que as formas discursivas nas quais aparecem os “objetos” tais como o balão, a estrada de ferro, ou a toupeira são sempre conjunturalmente determinados enquanto objetos ideológicos; nem universais históricos, nem puros efeitos ideológicos de classe, **esses objetos teriam a propriedade de ser ao mesmo tempo idênticos a eles mesmos e diferentes deles mesmos, isto é, de existir como uma unidade dividida, suscetível de se inscrever em um ou outro efeito conjuntural, politicamente sobre determinado [...]** (PÊCHEUX, 2015, p.157, [grifos nosso]).

Isso é parte do imaginário sobre a literalidade da imagem, muitas vezes tomada como uma totalidade, quando pensada apenas em termos de conteúdo. Nessa direção, Nunes (2012, p. 90), ao problematizar a relação entre a palavra e a imagem no funcionamento do infográfico, compreende a imagem em termos de formulação visual. A autora argumenta que não há como tomar a imagem apenas como conteúdo, pois dessa forma esta funcionaria como ilustração, sendo que a relação compósita entre o verbal e o visual, que não separa forma e conteúdo, mostra que o funcionamento da imagem não se reduz ao verbal, mas instaura sentidos próprios nessa composição. Para a autora:

[...] o imaginário de natureza referencial produzido pela formulação visual é determinado pelo efeito ideológico de que a realidade (o mundo) seja transparente, podendo ser representada “fielmente”, para isso bastando mostrá-la (numa imagem (foto, desenho...), num vídeo, etc.). Efeito ideológico elementar, como diriam Althusser e Pêcheux (1997b), constituído por uma injunção pragmática à linguagem que coloca em relação direta a

palavra e a coisa, e também a possibilidade de controle dos sentidos pelo sujeito. (NUNES, 2012, p. 178).

É este o processo que temos na *selfie* em que por um efeito ideológico o corpo é posto em circulação, pelo gesto da *selfie* como “transparente”, podendo ser representado “fielmente” numa imagem fotográfica. Nesse caso, o “imaginário de natureza referencial” está sustentado no próprio corpo humano e no ambiente em que este se encontra. Acredita-se que o que é mostrado na *selfie* será interpretado como o todo daquele sujeito.

Ocorre que a *selfie* é um gesto praticado pelo sujeito que se inscreve em uma formação discursiva que é da ordem do funcionamento midiático, e afetado por esse lugar, visa promover a própria existência nas redes sociais. Desse modo, busca-se montar a própria imagem, acreditando que ela será tomada como a realidade pura do sujeito. Podemos até nos valer novamente do texto na imagem de René Descartes “Penso, faço um *selfie*, posto no *Facebook*, logo existo”. Ou seja, tem-se a ideia de que a foto de si próprio na rede o representa de tal modo que garante sua existência nas redes sociais.

A imagem fotográfica de si mesmo apresenta propriedades diferentes das propriedades de infográficos, charges, *memes*, etc., por exemplo, uma vez que tal gesto se constitui a partir do imaginário do olhar dirigido para o próprio corpo, seja na arte, pelo autorretrato, ou na *selfie*, em que o registro é efetuado por uma câmera. O imaginário é produzido na relação com as formações ideológicas (que passam como transparentes na relação com os sentidos).

O registro de uma imagem mostra o recorte de uma realidade. Esse recorte é afetado pela discursividade, inclusive pelos dispositivos disponíveis, e regulado pelas formações imaginárias. Podemos pensar este funcionamento através da discursividade da fotografia.

Assim como qualquer imagem tomada como discurso, uma fotografia está necessariamente vinculada ao contexto sócio-histórico e às condições de produção do autor (fotógrafo), que, ao recortar uma imagem, o faz por meio de gestos de interpretação, produzindo e/ou rompendo silêncios, porque mesmo se tratando de descrição e de interpretação de imagens, há uma historicidade de sentidos, levando-se em conta, aí também, o processo de leitura da imagem por parte do sujeito leitor (SCHONS, 2015, p. 184).

A pesquisadora está se referindo ao caso específico da fotografia, em que o fotógrafo realiza o registro, não aparecendo diretamente na imagem produzida. Nesta modalidade da fotografia, em que é outra pessoa que escolhe o ângulo para o registro, o fotografado é

significado pelo olhar do outro, a partir do gesto de interpretação desse outro e de acordo com sua formação social-histórica e política, e isto ficará presente na imagem. Trazendo essa reflexão para o funcionamento da produção da *selfie*, afirmamos ser o corpo o lugar do sentido/significante. Ao olhar para si mesmo, perguntamos: como se olha, como se é olhado, como se processa a relação com o que se olha? Na esteira do que a autora afirma, se o fotógrafo recorta a imagem por um gesto de interpretação afetado por condições de produção, e aí a fotografia estará vinculada ao contexto histórico, como podemos pensar uma prática que condensa um duplo gesto de ao fotografar se fotografar?

O que temos nesse movimento é a reiteração de um *eu* que constitui esse gesto dividido. Esse *eu* é designado pela psicanálise como Narcisismo. A partir das palavras do psicanalista Cristhian Dunker, em seu vídeo disponível no canal do *YouTube*, no mês de junho de 2016, intitulado: “O que é Narcisismo?”, vê-se como esse conceito diz respeito a uma experiência que comporta três lugares: *eu* me fazendo objeto para um *outro* segundo o olhar de um terceiro. Para explicitar melhor esta questão e em que lugar ela está fundamentada, a Psicanálise recorreu ao mito de Narciso, para mostrar como se configura essa relação. Sendo assim, recorremos à *Estória de Narciso e Eco*.

Conta-se que, certa vez, Narciso passeava nos bosques. Perto dali, a ninfa ECO, que era uma tagarela incorrigível, acompanhava-o, admirando sua beleza, mas sem deixar que a notasse. Eco, em virtude de sua tagarelice, foi punida por Hera, esposa de Zeus, para que sempre repetisse os últimos sons que ouvisse (por isso, na física, chamamos de eco a reverberação do som). Por sua vez, Narciso, suspeitando de que estava sendo seguido, perguntou: “quem está aí?”. E ouviu: “Alguém aí?”. Então, ele gritou novamente: “Por que foges de mim?”. E ouviu “foges de mim”. Até dizer “Juntemo-nos aqui” e ter como resposta “juntemo-nos aqui”. Toda essa repetição acabou deixando Narciso angustiado por desejar amar algo que não poderia ver. Dessa forma, Narciso entristeceu-se e foi à beira de um lago, onde, de modo surpreendente, deparou-se com sua imagem nos reflexos da água. Como nunca antes havia se olhado (pois sua mãe foi recomendada a não permitir que isso ocorresse), enamorou-se perdidamente, acreditando ser a pessoa com quem estava “dialogando”. Por isso, tentou buscar incessantemente o seu reflexo, imergindo nas águas nesse intento, mas acabou morrendo afogado. A ninfa Eco sentiu-se culpada e transformou-se em um rochedo, vivendo a emitir os últimos sons que ouve. Do fundo da lagoa, surgiu a flor que recebeu o nome de Narciso e tem as suas características.
(<http://brasilecola.uol.com.br/mitologia/estoria-narciso-eco.htm>)

Para a Psicanálise, a noção de narcisismo compreende a relação do sujeito com a sua imagem (enquanto um reflexo), a identificação e o investimento. Associa, portanto, a relação entre os personagens do mito Narciso e Eco às pessoas que se relacionam com as outras

buscando a si próprias, o seu eco. É por meio dessa relação que se adquire o *eu* compreendido pela Psicanálise como uma dupla formada por aquele que fala e aquele que escuta, se caracterizando em uma estrutura dual.

Esse modo de pensar o sujeito narcisista, trazido pela Psicanálise, faz relação com o gesto de produção e postagem da *selfie*, uma materialidade que lida diretamente com esse jogo “duplo” que habita o ser. O gesto da *selfie* é uma interpretação que o *eu* realiza de si mesmo, e esta interpretação produz efeitos de sentidos tanto para aquele que está se autofotografando, quanto para aqueles que terão acesso a essa imagem. E estando em circulação nas redes sociais, as interpretações vindas de quem as visualizou, em forma de curtidas, comentários, compartilhamentos e reações são também gestos, pois produzirão efeitos no sujeito produtor da imagem que ficou no aguardo, após a realização da postagem. Percebe-se que o sujeito quer mostrar quem ele imaginariamente deseja ser, mas esse processo, de certo modo, está condicionado à interpretação dos sujeitos da rede. Está na constituição do sujeito essa relação com o outro desde o processo de formação. Talvez seja esta uma das formas de identificação dos sujeitos com a prática da *selfie* na relação com o olhar do outro.

É interessante como, de certo modo, Marx, antes de Lacan, já havia observado sobre esse processo de formação na relação com o outro, comparando ao que ocorre com as mercadorias, assim como nos apresenta Zizek:

Essa breve nota antecipa, de certa maneira, a teoria lacaniana do estágio do espelho: somente ao se refletir num outro ser humano – isto é, na medida em que esse outro ser humano lhe oferece uma imagem de sua unidade – é que o seu [*moi*] pode chegar à sua auto-identidade e a alienação, por conseguinte, são estritamente correlatas. (ZIZEK, 1996, p. 309).

Destacamos que, no âmbito das redes sociais, o ser é projetado como mercadoria. Desse modo, as relações sociais na rede são substituídas por relações de consumo. Marx fez a distinção comparando o que ocorre com os homens, ao que ocorre com as mercadorias.

De certa maneira, dá-se com o homem o mesmo que com as mercadorias. Uma vez que ele não vem ao mundo nem com um espelho na mão, nem como um filósofo fichtiano para quem “eu sou eu” seja suficiente, o homem se vê e se reconhece, inicialmente, nos outros homens. Pedro só estabelece sua própria identidade como homem depois de se comparar com Paulo como sendo da mesma espécie. E com isso, Paulo, simplesmente ao se portar em sua personalidade paulina, transforma-se para Pedro no exemplar típico do gênero homo. (ZIZEK, 1996, p. 308-309).

Queremos enfatizar a *selfie*, em seu sentido amplo, como uma prática que se desenvolveu em uma “formação social capitalista, em uma conjuntura sócio-histórica-ideológica determinada pelo avanço tecnológico, pela informatização da sociedade, pela mundialização das relações, entre outras, [...]” (COSTA, 2016, p.91). Para a Análise de Discurso, tal contexto se inscreve como parte das condições de produção, sendo algo constitutivo na formação dos efeitos de sentidos da linguagem.

Considerações Finais

Para empreendimento de nossa discussão, é fundamental ressaltar a importância da existência da Análise de Discurso Pecheutiana para os estudos da língua(gem), ao considerar que todo e qualquer objeto simbólico é passível de interpretação, sendo um dispositivo de leitura que se dedica em compreender a produção dos sentidos para além da estrutura. A exemplo dessa importância podemos considerar a própria pesquisa que ora se apresenta, que tem como objeto o gesto da *selfie*.

Diante dessa posição, perguntamos: qual outra teoria linguística conceberia como linguagem e permitiria compreender algo que não seja escrito, nem falado, nem desenhado, mas fotografado, sem ficar presa ao conteúdo da própria imagem? Porque quando estudamos a *selfie* pela perspectiva discursiva, não ficamos presos ao que a imagem quis dizer, mas como ela está significando para o que se registra e também para aquele que a visualiza. Falar apenas do que está ao alcance do visível é ficar no campo da evidência, e é preciso buscar o processo para se ter acesso a opacidade da *selfie*. É porque a Análise de Discurso considera a língua, o sujeito e a história que temos condições de compreender uma prática que se dá pelo gesto nas condições de produção do século XXI.

Quando questionamos sobre qual outra teoria linguística permitiria compreender um gesto, ou seja, um signo não linguístico, não estamos dizendo, por exemplo, que Saussure, o “pai da linguística”, não tenha reconhecido a possibilidade de significação dos sinais. Cerceado pela necessidade científica da época, o mestre genebrino se dedicou especificamente ao estudo do signo verbal em sua obra que consolidou a legitimação da Linguística enquanto ciência: o *Curso de Linguística Geral*. Contudo, isso não quer dizer que ele não reconhecia e - ou estudava os demais signos. A diferença é que pelo fato do objeto de estudo da Análise de Discurso ser o discurso – (Cf. Orlandi, 2009) “efeitos de sentidos entre interlocutores” – essa possibilidade de compreender um gesto entra em jogo sem esbarrar nas condições de produção científicas que Saussure teve que lidar.

Não negamos a complexidade em estudar um signo não linguístico, uma prática no momento de sua efervescência, mas o aparato teórico da Análise de Discurso por considerar a imbricação entre forma e conteúdo possibilitou compreender as diferentes produções de sentidos que estão sustentando o gesto da *selfie* a partir da historicidade, da ideologia, do inconsciente, da memória discursiva, das formações imaginárias, dos três momentos do

discurso: Constituição, Formulação e Circulação, da noção de sujeito e suas posições e as formas de identificação e individuação, conforme descritos nos capítulos dessa dissertação.

Diante do tópico Considerações Finais, todo o processo de elaboração dessa pesquisa passa como um filme, quantas idas e vindas – no sentido de fazer e refazer, pensar e repensar, quantos gestos de leituras, quantas tentativas em busca de compreender algo inquietante, o discurso da *selfie*. É por essa razão que iniciamos o trabalho apresentando o que nos incomodava, ao ver essa nova prática crescer desenfreadamente e produzir diversos efeitos, como: o de celebração, a da circulação da própria morte por *selfie*, as *selfies* polêmicas, *selfies* de pessoas comuns fazendo algo incomum, que ganharam os holofotes das redes sociais e da mídia, e etc.

Em um primeiro gesto de leitura compreendemos que os aparatos tecnológicos estão estreitamente relacionados à produção de sentidos da prática da *selfie*, considerando o que afirma Orlandi (2012) de que “os meios não são neutros”. Desse modo, fizemos a descrição dos aparelhos de telefonia móvel, das câmeras fotográficas, da *Internet* e das redes sociais. Consideramos o desenvolvimento tecnológico como constitutivo das condições de produção em sentido amplo, uma vez que os avanços tecnológicos, que permitiram a existência da *selfie*, produzem um contexto sócio-histórico, político e ideológico outro. Portanto, um percurso de leitura para compreender a relação entre a instância da constituição e a da circulação foi necessário para este momento.

Nossa leitura não se restringe apenas a instância da Circulação, pois junto a ela também temos os outros dois momentos indissociáveis: Constituição e Formulação que foram importantes para compreensão de nosso objeto de pesquisa. Entendemos que pela Circulação chegamos ao processo de Formulação das *selfies* que envolve o sujeito de linguagem que é interpelado pela ideologia (Constituição) das redes sociais. A Constituição está relacionada aos efeitos da ideologia capitalista de globalização do consumo, em sentido amplo, e a memória do autorretrato que permitiu a existência do que se tem hoje chamado de *selfie*.

As reflexões suscitadas sobre a forma-sujeito histórico, a informática e os estudos sobre a língua(gem), partem da premissa que as invenções tecnológicas têm uma relação estrita com a linguagem, se constituindo a partir dela, e, ao mesmo tempo, afetando seus domínios. Em específico, apresentamos os efeitos que a informática, em seu âmbito econômico, desde os anos 50 vem produzindo ideologicamente no desenvolvimento de algumas teorias linguísticas, conforme consta nos estudos de Michel Pêcheux (1998). Além

disso, compreendemos também que este campo tem promovido o surgimento e a ressignificação das práticas de linguagem, como por exemplo, no caso dessa pesquisa, a *selfie*. Com relação à forma-sujeito histórico, entendemos que as mudanças no âmbito econômico estão na base da constituição da forma-sujeito; antes: sistema feudal, século XXI: sistema capitalista.

Também constatamos que seria relevante desenvolver um estudo linguístico sobre a palavra *selfie*, pois, até então, encontrávamos apenas estudos de cunho gramatical que não correspondem à fluidez da língua. Sendo assim, realizamos uma discussão que aponta a falha dos discursos prescritivistas na tentativa de definir a palavra *selfie*, tanto em sua língua de origem, o inglês, bem como nas propostas definidoras para a utilização do gênero que antecede a palavra (o/a *selfie*) no espaço de enunciação do português do Brasil. Em nosso gesto de leitura propomos outra possibilidade de significação para a palavra, que está relacionada a subjetividade. Enfatizamos que o surgimento desta palavra e sua possibilidade de significação em outros países está sustentada na memória da língua. Compreendemos também na formação da palavra *selfie* os efeitos da ideologia da globalização movimentando a língua.

A noção de prática - conforme desenvolvida por Althusser em sua obra: *Ideologias e Aparelhos Ideológicos do Estado*, e a noção de gesto, de acordo com a leitura de Pêcheux sobre o funcionamento dos signos não linguísticos - foram a base fundamental para compreendermos o funcionamento da *selfie*. Na relação com estas noções, consideramos as redes sociais como um aparelho ideológico do estado, com suas práticas e rituais específicos, regidas pela ideologia da comunicação, não deixando de dizer que “a ideologia é um ritual com falhas” (Cf. Orlandi, 2012). No entanto, ressaltamos que foi a partir dos estudos de Pêcheux que pudemos considerar que as práticas ideológicas são formas materiais de linguagem, incluso nesse processo o gesto da *selfie*.

Através da análise das cinco *selfies* que compõem o *corpus* dessa pesquisa, compreendemos que o discurso da *selfie* não pode ser tomado como homogêneo. Apresentamos que há uma regularidade que é da ordem da ideologia da globalização capitalista de consumo, mas consideramos que o discurso da *selfie* é heterogêneo, a depender da posição sujeito que realiza esse gesto. Sendo assim, o ritual da *selfie* não significará exatamente da mesma maneira para todos. Compreendemos que até para o mesmo indivíduo, cada uma de suas *selfies* pode produzir um efeito diferente para si, de acordo com a posição-

sujeito no momento do registro, e cada posição-sujeito também convocará uma dada interpretação dos outros sujeitos da rede, na forma de curtidas, reações e compartilhamentos.

A compreensão que procuramos dar visibilidade é que do mesmo modo que as palavras não se originam em nós, mas que apenas as reproduzimos e ressignificamos, com o *gesto* não é diferente. Apresentamos que há uma memória discursiva para o gesto de olhar-se para se registrar. O ritual do autorretrato sustenta essa memória. Ou seja, o gesto da *selfie* não surgiu do nada, não é exclusividade do século XXI. Ao contrário, podemos dizer que esta prática foi ressignificada de acordo com a conjuntura ideológica da era conectada. Além disso, apresentamos como a ideologia das redes sociais convoca o sujeito para a produção massiva de *selfies*, para manter o perfil em evidência nas redes sociais.

Nesse percurso, chegamos também a um ponto delicado e muito produtivo, em que problematizamos a questão do jogo “duplo” que habita o ser. Nessa direção, trouxemos os estudos da Psicanálise para sustentar a compreensão de como se constitui o “eu”, na relação com o outro. Pensamos que esse jogo está presente na *selfie* em que é o próprio sujeito que se auto fotografa, fazendo uma leitura de si. Está na constituição do sujeito essa relação com o outro desde o processo de formação do “eu”. Esta é uma das formas de identificação dos sujeitos com a prática da *selfie* na relação com o olhar do outro.

Realizada a análise, consideramos que não há neutralidade e transparência nas práticas de linguagem, e sim opacidade. Ao sair do campo da evidência, tivemos acesso ao modo como a linguagem, a ideologia e o inconsciente estão sustentando o ritual da *selfie*, no que diz respeito à Constituição, Formulação e Circulação dos sentidos, envolvendo tanto quem produz quanto quem curte, comenta e compartilha.

Nessa conjuntura, a *selfie* pode ser compreendida como uma interpretação que o próprio sujeito realiza de si, afetado por formações imaginárias que estão relacionadas ao funcionamento das redes sociais. Desse modo, quando estamos diante de uma *selfie* temos uma imagem que, imaginariamente, seria da ordem do real, porém não podemos tomá-la nessa transparência, pois o que temos nas *selfies* são versões do “eu”, representado num corpo que se tornou objeto simbólico.

O sujeito, na produção da sua própria imagem, no caso específico da *selfie*, busca apresentar algo sobre si de forma delimitada para aqueles que terão acesso, a fim de assegurar o modo como se vê, mas ao postar, ou seja, ao colocar em circulação, essa questão se perde,

não sendo possível controlar os sentidos. Pois sabemos que a interpretação está relacionada à formação sócio histórica e ideológica dos sujeitos. Foi este funcionamento que procuramos dar visibilidade no material que recortamos para análise, mostrando algumas compreensões a partir dos comentários nas postagens.

Essa possibilidade de interpretação, do sentido ser outro, diferentemente do que o sujeito da foto tenta representar, ou delimitar, diz do efeito metafórico que é constitutivo da imagem enquanto linguagem, sendo este semelhante ao funcionamento da língua.

Por ora este é um gesto de leitura que se apresenta de acordo com as condições de produção do próprio gesto da *selfie*, que ainda está na efervescência, por se tratar de um objeto de linguagem que acompanha a velocidade das mudanças tecnológicas das redes sociais.

Referências

ACHARD, Pierre... [et al.]. **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes – 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologias e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Editorial Presença/Martins Fontes, 1970.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

COSTA, G.C. da. **A palavra do ano é uma imagem**. Fragmentum, Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Letras, UFMS, n. 48, 89-103, jul. - dez. 2016.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Editoração, Tradução do prefácio e versão para eBook: eBooksBrasil.com, 1992.

DIAS, Cristiane Pereira. **Movimento da cibernética, saberes linguísticos e constituição do sujeito**. In: Linguagem e Tecnologia/ Ana Cláudia Fernandes Ferreira; Ronaldo Martins (orgs.). Campinas, SP: Editora RG, 2012.

_____. **Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede (de sentidos)**. São Paulo, SP: Hucitec, 2012.

_____. **Linguagem e tecnologia: uma relação de sentidos**. In: Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise. Verli Petri e Cristiane Dias (organizadores). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

HAROCHE, Claudine. **Fazer dizer, querer dizer**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, com colaboração de Freda Indursky e Marise Manoel. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

LAGAZZI, Suzy. **A equivocidade na circulação do conhecimento científico**. Revista Linguagem em (Dis) curso, Tubarão, SC, v.11, n. 3, p. 497-514, set./dez. 2011.

MAGALHÃES, B.; MARIANI, B. **Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente**. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, 391-408, maio/ago. 2010.

NABAIS, João Maria. Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Patrimônio. **Rembrandt - o quadro A Lição de Anatomia do Dr. Tulp e a sua busca incessante pelo autoconhecimento**. I Série, Volume VII-VIII, pp.279-296. Porto 2008-2009.

NUNES, José Horta. **Dicionários: história, leitura e produção**. Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília – UCB. Volume 3 – Número 1/2 - ano III – dez/2010. p. 6-21.

NUNES, S.R. **A geometrização do dizer no discurso do infográfico**. Tese. Doutorado em Linguística, UNICAMP, Campinas, SP, 2012.

_____. **Metáfora e espetáculo no discurso de divulgação científica da mídia**. Dissertação. Mestrado em Letras, UEM, Maringá, 2005.

ORLANDI, E.P. **Nota introdutória à tradução brasileira de Materialidades Discursivas**. Em: PÊCHEUX, M. *et al.* **Materialidades Discursivas**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2016.

_____. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas-SP: Pontes, 2012.

_____. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4ª edição. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Língua, comunidade e relações sociais no espaço digital**. Em: DIAS, C. **E-urbano: sentidos do espaço urbano/digital [on-line]**, 2011. Disponível em <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos. Acesso em: 10 jul. 2016.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos** – São Paulo. 8 ed. Pontes, 2009.

_____. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Efeitos do verbal sobre o não-verbal**. Rua, Campinas, 1, 35-47, 1995.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4ª Edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PAYER, M.O. **Linguagem e sociedade contemporânea – sujeito, mídia e mercado**. Rua, Campinas, 11, p. 9-25, 2005.

_____. **Memória da língua**: imigração e nacionalidade. São Paulo: Escrita, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

_____. **Análise de Discurso**. Textos selecionados. In: **Metáfora e Interdiscurso**. Eni Puccinelli Orlandi. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra Michel Pêcheux. Organizadores Françoise Gadet; Tony Hak; Tradução Bethania S. Mariani... et al. – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

_____. Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Campinas, SP: Pontes, n 2, p. 7-32, 1998.

PEQUENO, Vitor. **Nos subsolos de uma rede**: sobre o ideológico no âmago do técnico. Campinas, SP: [s.n], 2015. Dissertação de Mestrado.

PEREIRA, Benedito Fernando. **A cibernética como discurso fundador da discursividade digital**. Pouso Alegre, ano II, nº 3, jan-jun/2016 – ISSN 2359-2192. p.51-62.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Prefácio de Serafim da Silva Neto. 40 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

SIBILIA, Paula. **O Show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SCHONS, C.R. **Sociedade, corpo e relação subjetiva**. *Acta Scientiarum* [Language and Culture], Maringá, v. 37, n. 2, 181-188, apr.- jun. 2015.

ZEN, Tânia Maria Campos. **A construção do sujeito-leitor na crônica fotográfica.** Campinas, SP : [s.n.], 2007. Tese de doutorado. Unicamp.

ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia.** Theodor W. Adorno... [et. al]. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço de Dante à Internet.** Tradução, Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica. Paulo Vaz. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

Lista de canais do YouTube

SIMÕES, Alexandre. **O que é o Narcisismo?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0NZnqrkAjh8> Acesso em: 1 jul. 2016.

_____. **O estádio do espelho.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jXIbm4agHgM> Acesso em: 5 jul. 2016.

DUNKER, Cristhian. **O que é Narcisismo?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y3XUo4bDgCg> – Acesso em 10 fev. 2017.

Links acessados para pesquisa

DIAS, Cristiane. Memória Metálica. Disponível em <http://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete/view&id=119> . Acesso em: 5 jul. 2016.

Mito de Narciso. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/mitologia/estoria-narciso-eco.htm> . Acesso em: 2 jul. 2016.

Reportagem realizada pela Revista Glamour sobre o Coveiro Magia. Disponível em <http://revistaglamour.globo.com/Celebridades/Hot-news/noticia/2014/03/isaac-deyson-o-coveiro-magia-que-esta-arrasando-na-web.html>. Acesso em: 01 jul. 2016.

História do *Facebook*:

<https://www.infoescola.com/internet/historia-do-facebook>

Instagram:

<https://www.infoescola.com/informatica/instagram/>

Twitter

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>

Links de acesso às imagens

Imagem do “Coveiro Magya” disponível em:

<http://revistaglamour.globo.com/Celebridades/Hot-news/noticia/2014/03/isaac-deyson-o-coveiro-magia-que-esta-arrasando-na-web.html> Acesso em: 10 abr. 2016.

Imagem do “Tiozinho da *selfie*” disponível em:

<<https://extra.globo.com/noticias/brasil/veja-as-selfies-polemicas-tiradas-durante-acidente-com-tocha-olimpica-em-osasco-19767615.html>> Acesso em: 02 Ago. 2016.:

Imagem do logotipo do Twitter:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter#/media/File:Twitter_logo_2012.svg

Print da página inicial do *Facebook*:

<https://www.facebook.com/login/>

Imagem da fotografia em coletividade/ Memória da *selfie* coletiva

<http://iphotochannel.com.br/selfie/conheca-a-primeira-selfie-em-grupo-da-historia-da-fotografia>